



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Thales Nehrer

**Tecendo no
luto: memórias que viram arte**

MONOGRAFIA

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2017

CCE
COORDENAÇÃO
CENTRAL DE
EXTENSÃO



Thales Nehrer

**Tecendo no luto: memórias
que viram arte**

Monografia submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia
Junguiana, Arte e Imaginário da Pontifícia Universidade Católica do Rio
de Janeiro – PUC/RIO.

Orientador: Prof. Álvaro de Pinheiro Gouvêa

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2017



Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Thales Nehrer

Graduou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 2010. Participou de diversos congressos na área de Psicologia social. Coordenou trabalhos de campo com populações indígenas da etnia Guarani no Estado do Paraná. Trabalhando nas áreas social e clínica.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Tharceu (*in memoriam*) e Lygia, com imponderável amor e gratidão, por tudo que proporcionaram em cada instante permeado com ensinamentos em todos os aspectos, edificando cada passo de minha vida.

In Memoriam

Tharceu Nehrer

Meu amado Pai, cunho dos valores da Família e altruísmo, eterna e mister bússola
em minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Materializar o sonho de construir uma monografia é como uma travessia oceânica: solitária e por vezes tempestuosa, requerendo muitas vezes o lastro necessário para manter a rota desejada. Graças aos faróis nos litorais que conduzem a portos seguros para temperar minh'alma, pude dar voz e concretude neste trabalho. Sendo assim, registro minha gratidão a:

Meus avós Luiz & Georgetta (*in memoriam*), Raymundo & Helena (*in memoriam*), e meus pais Tharceu (*in memoriam*) & Lygia, fontes originais da vida, do amor e pela marca de pulsantes influências de valores humanos, sociais e respeito à fauna e flora.

Meu pai (*in memoriam*), que sempre confiou em mim, tutorou toda minha vida com exemplos de conduta raros de encontrar no mundo, ficando difícil elencar tantas histórias. Meu mestre singular, nas ondas do mar e nas estradas de motocicleta.

Minha mãe, Lygia, exemplo vivo de amor incondicional, unidade e fé entremeadas com a musicalidade da força e energia da terra que acolhe, germina e produz no caminho do enlutamento.

Minha esposa, Andrea, por ser uma dádiva do amor em meu caminho. Pela cumplicidade e paciência em meio aos meus ferozes arroubo no cotidiano. Pelo respeito a minha singularidade e fiar-se em mim.

Meus irmãos com suas respectivas companheiras: Ricardo, Flávio & Isabela, Martha, Cloves & Eliane e Arthur & Luciana, cada qual com plenas e valorosas histórias de vida fortalecem o significado da família e fraternidade. Designadamente, Ricardo, na construção e término de sua tese de Doutorado e Flávio, na elaboração de sua dissertação de Mestrado, respeitáveis exemplos de pilares e suporte na criação de meu trabalho.

Meus filhos, Thiago & Ana Carolina (nora), Felipe, Anna Carolina, Helena, Rebecca e Louise, habitantes permanentes em meu coração, que aquecem os meus invernos e propulsionam minha jornada mesmo em momentos de minha ausência.

Minhas netas Ana Clara e Thais, verdadeiras fadas que cintilam e povoam a árvore genealógica de minha família.

Meus sobrinhos João Pedro, Maria Clara, Luiza, Leonardo e Ohana, com seus mundos juvenis na arte e no esporte, fortalecendo o significado de que tal energia deve permanecer por toda existência humana.

Meu Professor, Álvaro de Pinheiro Gouvêa, orientador primoroso e de conhecimento profundo em Jung, fornecendo bússolas em minhas angústias em sua sabedoria ética e humana de sua profissão. Não há finitude para agradecer o quão ímpar significa manter o conhecimento junguiano em minha vida pessoal e profissional.

Meus Professores e funcionários desta nobilíssima casa do saber: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RIO, em especial, aos digníssimos professores Gladys Shincariol de Mello, Isabela Fernandes Soares Leite, Francimar Duarte Arruda, Carlos Alberto Bernardi, Auterives Maciel Junior, Maria Inês Garcia de Freitas, Luiz José Veríssimo e Pedro Mourthe Kosovski.

A todos os colegas de pós-graduação, contribuintes especiais em minha contínua aprendizagem, notadamente à Letícia, Luiza, Bianca e Nathalice, parceiras ativas e elos preciosos que transformaram-se em amigadas.

Sonu Shamdasani, em poucos encontros pude sorver o que consegui em seu conhecimento brilhante que detém nas Obras de Jung e em muito tonifica o espírito de pesquisa nesta jornada do saber.

O refúgio de meu pai para leituras de todas as manhãs, no cantinho da varanda, próximo à base da montanha. Um de meus locais de estudos e confecção desta monografia.

Ao sítio da família, nomeado como Umary, espaço de imutável significância desde meu nascimento, oásis para tantas reconexões com minha ancestralidade e a Natureza, provendo de novas significações em minhas experiências.

Aos espaços sociais onde compartilho meus sentimentos e sempre me acolhendo e revigorando minha caminhada.

Meus saudosos e inestimáveis seres especiais no mundo canino, Sheik, Sibila, Sol, Lua, Merlin e Joplin (*in memoriam*) e, Slow, verdadeiros professores de lições de lealdade, paciência e companheirismo.

Meus cavalos de duas rodas como chamo as motocicletas, permitindo o transporte, a manutenção de meus vínculos interpessoais e com o meio ambiente, sobretudo produzindo reflexões em que muito muda rotas na minha vida.

Minha prancha de surf, concedendo minha reconexão no micro/macrocósmo do oceano e contemplações na espera de cada onda no horizonte que surge, proporcionando nesta ligação a atualização do homem primitivo existente em meus conteúdos psíquicos e continuar minha aprendizagem.

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma
alma humana seja apenas outra alma humana

Carl Gustav Jung

RESUMO

O conteúdo oferecido tem a intenção de retratar os encadeamentos entre o indivíduo concernente à morte e ao processo de enlutamento sob a luz dos conceitos de Jung. O que se pretende é realizar uma análise sobre a dimensão das possibilidades em lidar com a própria existência e angústias com este evento físico e psíquico quando esta relação vem a sofrer a ruptura na inevitabilidade da morte de um elo amado. A vivência lancinante no processo de enlutamento de alguém ausente e presente concomitantemente com as lembranças que fulguram de uma história construída de raízes familiares, os objetos deixados e as manifestações oriundas do mundo onírico e em profusão no cotidiano. Explorar um mundo de possibilidades que pode ser encontrado nos oásis existentes durante o percurso do enlutamento, utilizando a dor e o lugar do luto como arte para criar e produzir. Deste modo, traçar um novo delineamento como também uma reedição e abrilhantamento de sua própria história, com o outro e no mundo. A metodologia aplicada foi a exploração bibliográfica de descrições históricas, culturais e da arte com considerações sobre a relação da humanidade com a morte e o luto, perpassando pela Antiguidade até o mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Morte. Luto. Constelação familiar. Produção de arte.

ABSTRACT

The content offered is intended to portray the threads between the individual concerning death and the process of engagement in the light of Jung's concepts. What is intended is to perform an analysis on the scope of possibilities in dealing with one's own existence and anguishes with this physical and psychic event when this relationship comes to suffer the rupture in the inevitability of the death of a beloved link. The lancinating experience in the process of the engagement of someone absent and present concomitantly with the memories that flash of a history built of familiar roots, the objects left and the manifestations originating from the dream world and profusion in daily life. Explore a world of possibilities that can be found in the oases existing during the course of the engagement, using the pain and the place of mourning as art to create and produce. In this way, to draw a new outline as well as a reissue and enhancement of its own history, with the other and in the world. The applied methodology was the bibliographical exploration of historical, cultural and art descriptions with regards to the relationship of humanity with death and mourning, ranging from antiquity to the contemporary world.

Keywords: Death. Mourning. Family constellation. Art production.

RESUMEN

El contenido proporcionado pretende retratar a los vínculos entre el individuo en relación con la muerte y el proceso de duelo, a la luz de los conceptos de Jung. El objetivo es llevar a cabo un análisis de la escala de posibilidades para hacer frente a la existencia y la angustia con este evento físico y psíquico, cuando esta relación está sufriendo la rotura en la inevitabilidad de la muerte de un ser querido enlace. La desgarradora experiencia en el proceso de duelo de una persona ausente y presente al mismo tiempo que los recuerdos de un incendio construido la historia de las raíces de la familia, los objetos de izquierda y los eventos que vienen del mundo de los sueños y en la profusión en la vida diaria. Explora un mundo de posibilidades que se pueden encontrar en los oasis existentes durante el duelo la ruta con el dolor y el lugar de luto como el arte de crear y producir. Por lo tanto, para dibujar un nuevo diseño, así como una reimpresión y abrillantado de su propia historia, con el otro y el mundo. La metodología utilizada fue la exploración bibliográfica de las descripciones históricas, culturales y del arte con la consideración de la relación de la humanidad con la muerte y el duelo, que pasa a la antigua en el mundo contemporáneo.

Palabras clave: La muerte. El dolor. Constelación familiar. La producción de arte.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
METODOLOGIA	3
OBJETIVOS	3
OBJETIVO GERAL	3
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	3
CAPÍTULO 1 — HISTÓRICO	4
CAPÍTULO 2 — A CONSTELAÇÃO FAMILIAR	19
2.1 A reciprocidade na relação paterna	32
2.2 Memória	41
CAPÍTULO 3 — O CAMINHO DO ENLUTAMENTO	47
3.1 Morte e Severina: uma abordagem crítica	72
CONCLUSÃO	80
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	83
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	89
NOTAS	91
ANEXOS	92
Anexo 1	92
Anexo 2	94

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a morte desde a aurora das civilizações tem a conotação do fascínio ao terror na humanidade. O tabu nas sociedades e as incontáveis maneiras de enfrentar ou evadir-se desta incontestável realidade irá compor de que forma o indivíduo e a sociedade farão sua história. Os significados da morte e do luto também estão associados com a Psicologia e a Filosofia, com enfoques que possibilitam discussões que poderão trazer prerrogativas em várias áreas humanas e sociais. A narrativa poética que ultrapassa a morte nos ciclos da vida, dando rumo e esteio de inspirações tanto para quem escreve como para quem lê. A arte como veia pulsante que flui e irriga a dor no território humano e social, tendo a criatividade como elo de conexões, transformações e sentidos nos ciclos da existência.

Sob o primor da luz nos conceitos de Jung, complementando com outros autores, percorrendo os caminhos históricos, filosóficos, mitológicos, psicológicos, artísticos em seus conceitos, abrangendo vivências na questão da morte e do enlutamento. Constituindo a universalidade como um ganho na humanidade, ou seja, sendo a morte tratada como pessoa viva e como é vivida nos vivos.

O objetivo deste trabalho é retratar os encadeamentos entre o indivíduo alusivo à morte e ao processo de enlutamento pertencentes na existência humana. Rebuscando nos idos das primeiras sociedades, em seus contextos culturais entrelaçando na complexidade de significados, mitos, ritos e simbólicos que permeiam a jornada humana. Na crença e descrença em suas particularidades consoante os fenômenos da época ao longo da história, defrontando com o temor do tema em questão até os dias atuais.

O primeiro capítulo destina-se a apresentar uma rede de indagações de como é recebida e acolhida (ou rechaçada e banalizada) a ideia de morte. Na ótica individual e coletiva, diante as mortes pelas doenças, guerras, envelhecimento e a

morte considerada natural no contexto social. O tema da morte prevalece desde o início da humanidade, densamente estudado ao longo dos tempos históricos e culturais nas sociedades, indissociável, posto que faz parte substancialmente dos ciclos naturais vida e morte.

No segundo capítulo, serão abordados os significados na constelação familiar: pai, mãe, filhos, outras junções parentais e como ocorre esta construção em sua evolução e nos dias atuais. Pontuar-se-á a figura do pai, elo forjado pelo afeto também constituído de uma história singular. O pai é aquele que não está mais presente de maneira tátil, a ausência daquele que está e não está de modo temporal e espacial. Compreender as polaridades do bem e do mal, da vida e da morte, coaduná-las de modo alquímico iluminará uma dimensão terceira, transcendente e misteriosa na mutualidade da relação paterna. Explorar o mundo interno e externo como um vasto cenário de possibilidades e conviver com os registros na memória, nas lembranças, nas ideias, na imaginação e nos sentimentos para personificar seus expressivos conteúdos inconscientes, utilizando a arte como instrumento de aprimoramento na vida.

No terceiro capítulo, a proposta trará os fenômenos psíquicos, suas alterações e ajustes no luto, que refletirão em todas as áreas do indivíduo enlutado. Com uma abordagem crítica, apontar tanto as multiplicidades envolvidas que o indivíduo possa lograr com a arte em conjunto no que versa a narrativa literária, quanto às reflexões despertadas que oportunizem as habilidades artísticas necessárias na amplidão de expressão e comunicação. Mantendo a energia da vida e dando escoamento para a sua criatividade prática na marcha do enlutamento. O luto como um lugar da arte.

Por fim, serão expressas as considerações finais, devidas referências bibliográficas e ilustrações nos anexos.

METODOLOGIA

O processo do trabalho científico nesta pesquisa qualitativa derivou pela revisão bibliográfica. Neste processo, obteve-se o levantamento e a revisão bibliográfica acerca da temática proposta por meio de pesquisa em universidades e por captação de publicações de livrarias especializadas.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- ❖ Explicitar a construção de um novo modo de vida no luto, norteados pela narrativa literária por intermédio da reflexão, conscientização e incumbências nos relacionamentos no cotidiano mediante os recursos na arte.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ❖ Localizar aspectos do indivíduo na constelação familiar para reestruturações simbólicas e formas de adequação no caminho do enlutamento;
- ❖ Elaborar maneiras de vivências e práticas pela arte;
- ❖ Manter o legado da figura do pai;
- ❖ Fortalecer vínculos familiares e sociais;
- ❖ Reeditar a elaboração do projeto de vida.

CAPÍTULO 1 — HISTÓRICO

A morte é um dos infíndos temas angustiantes na humanidade, um acontecimento que irá desdobrar diferentes compreensões e vivências no indivíduo e no coletivo por toda a extensão das civilizações, independentemente de o ser humano buscar inúmeras formas de remediar esta realidade. A ocorrência deste fenômeno é inevitável no ciclo da vida.

De acordo com Jung (2015a, p. 318): “Da mesma forma que a trajetória de um projétil termina quando ele atinge o alvo, assim também a vida termina na morte, que é, portanto, o alvo para o qual tende a vida inteira”.

Cada cultura, desde os primórdios da humanidade, desenvolve seu modo imaginário pelas histórias, mitos e religiões, cada qual com seus aspectos peculiares em lidar com a morte.

É derivado da variada e repetida observação de que, por exemplo, os mitos e contos de fadas da literatura mundial contêm *motivos* determinados que aparecem sempre e em todos os lugares. Estes mesmos motivos nós o encontramos nas fantasias, sonhos, delírios e alucinações do homem de hoje. Essas imagens e associações típicas são designadas representações ou ideias arquetípicas. Quanto mais nítidas forem, tanto mais virão acompanhadas de tons sentimentais bem vivos. Isto lhes dá um especial dinamismo no âmbito da vida psíquica. (JUNG, 2007, p. 176)

Em conformidade com Silveira (2015, p. 115): “A psique humana não pode funcionar sem a cultura e o indivíduo não é possível sem a sociedade”.

A humanidade dimensiona mais os significados para os conceitos de vida com a perspectiva separatista de vida e morte, ignorando o dinamismo do complexo de opostos como forças que se complementam e interagem entre si. Como o nascimento e a morte envoltos com experiências subjetivas e significações.

Para Jung (2015a, p. 318): “Se atribuímos uma finalidade e um sentido à ascensão da vida, por que não atribuímos também ao seu declínio? Se o

nascimento do homem é prenhe de significação, por que é que a sua morte também não o é?”.

Ainda em concordância com o autor:

Sabemos que toda e qualquer experiência humana só é possível, dada a presença de uma predisposição subjetiva. Mas em que consiste esta predisposição? Em última instância, consiste numa estrutura psíquica inata, que permite ao homem ter tais experiências. (JUNG, 1987, p. 66)

Nesta estrutura psíquica Jung depura a conceituação de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo como um manancial de criatividade e conexão entre o homem primitivo e o contemporâneo. O inconsciente coletivo tem sua configuração herdada das vivências das gerações anteriores, independente do lugar ou época vivida e não se desenvolve de modo individual.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve a sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. (JUNG, 2014a, p. 51)

O arquétipo é uma estrutura primária e tem um padrão coletivo. É algo como ainda virtual, está em potência, em possibilidades. O arquétipo não é uma imagem, é energia. É o núcleo do complexo. Atrai para si vivências expressivas para formar o complexo e firmar o centro de um complexo vigoroso para manifestar-se na consciência, materializando-se no comportamento. Há um número extraordinário de arquétipos, apresentamos alguns deles; mãe, pai, criança, nascimento, morte, Deus, demônio, sábio, herói, donzela.

As manifestações das forças poderosas do inconsciente por meio da imagem arquetípica que surge na consciência não é um arquétipo e sim a sua imagem arquetípica. O conjunto de imagens primordiais é o que dá significados para a vida e a morte, tendo como fator predominante o contexto histórico e cultural de cada indivíduo, em que inúmeras variações poderão ocorrer ao culminar na consciência.

O arquétipo é um conceito psicossomático, unindo corpo e psique, instinto e imagem. Para Jung isso era importante, pois ele não considerava a psicologia e imagens como correlatos ou reflexos de impulsos biológicos. Sua asserção de que as imagens evocam o objetivo dos instintos implica

que elas merecem um lugar de igual importância. (SAMUELS, SHORTER & PLAUT, 1988, p. 38).

Arquétipo e instinto estão vivamente relacionados. Estas manifestações muitas vezes encontram-se de tal modo embrenhadas e afastadas da consciência, carecendo nestas circunstâncias do auxílio profissional especializado para ajudar o indivíduo a tomar consciência dos mesmos.

Além disso, os instintos não são vagos e indeterminados por sua natureza, mas forças motrizes especificamente formadas, que perseguem suas metas inerentes antes de toda conscientização, independentemente do grau de consciência. (JUNG, 2014a, p. 53)

Igualmente em Jung (2007, p. 176) considera que: “De acordo com sua natureza instintiva, o arquétipo serve de base aos complexos de cunho afetivo e participa de sua relativa autonomia”.

Jung acata qualidade pulsional do desejo enquanto uma pulsão que destina--se para atender um desejo. Não obstante, o conceito de libido de Jung difere do de Freud. A energia psíquica como fonte primordial que dinamiza todos os conteúdos da psique humana.

Segundo Silveira (1997, p. 37): “Enquanto Freud atribui à libido significação exclusivamente sexual, Jung denomina libido a energia psíquica tomada num sentido mais amplo. *Energia psíquica e libido são sinônimos*”.

No limiar da relação dialética do eu ou ego com o self ou Si-mesmo iremos nos deparar com as pulsões, os instintos e a energia psíquica.

As pulsões são forças no organismo que geram determinados comportamentos. É uma fonte de energia que objetiva alcançar a satisfação. Enquanto não for satisfeita, não cessará. Por exemplo; temos sede, independente do que estejamos fazendo, ela vai permanecer em seus sinais até este desejo pulsional ser saciado.

De acordo com Silveira (1997, p. 37): “Libido é apetite, é instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos”.

A linguagem da psique é viabilizada pelas imagens arquetípicas. Os arquétipos se retratam para cada indivíduo no processo de conscientização destes conteúdos e as formas como são manifestadas pelo inconsciente, ou seja, o elo entre o consciente e o inconsciente coletivo.

Um dos conceitos básicos da psicologia junguiana é ver estreita correspondência entre as disposições herdadas para configurar imagens (arquétipos) e as disposições herdadas para a ação (instintos). (SILVEIRA, 2015, pp. 109-110)

Quando há o desempenho desta linguagem em algum evento, há o símbolo e como o mito, é capaz de desencadear metamorfoses no indivíduo.

Para Brandão (2000a, p. 9): “[...] todos os símbolos existentes numa cultura e atuantes nas suas instituições são marcos do grande caminho da humanidade das trevas para a luz, do inconsciente para o consciente”.

Nesta construção simbólica, seja qual for o símbolo ou arquétipo que aflore, o conjunto de imagens primordiais tornar-se-á real no simbólico.

Brandão (2000a, p. 9) cita: “Estes símbolos são as crenças, os costumes, as leis, as obras-de-arte, o conhecimento científico, os esportes, as festas, todas as atividades, enfim, que formam a identidade cultural”.

Realçando sobre a construção dos mitos e diversidade simbólica, tal qual Brandão (2000a, p. 9): “Dentre estes símbolos, os mitos têm lugar de destaque, devido à profundidade e abrangência com que funcionam no grande e difícil processo de formação da Consciência Coletiva”.

Um dos arquétipos a ser considerado é a morte, em que todo indivíduo possui uma imagem virtual relacionada a este fenômeno, cada qual conformizado com a conjuntura cultural, sua historicidade e sistema psíquico em seus níveis de desenvolvimento. Consideram-se alteráveis as acepções nas inúmeras sociedades e seus indivíduos, ainda que pertencentes ao mesmo corpo social, incluindo um único indivíduo.

O significado da morte possui características próprias em suas simbologias para cada ser humano. Irá derivar de como encontra-se e desenvolve-se a maturidade emocional concomitante com o que surge no psíquico.

[...] o símbolo é essencialmente o que nos torna humanos e representa a nossa habilidade de conceber aquilo que está além de nossa compreensão, a nossa capacidade de transcender nosso estado consciente, encarnado, e de estar em relação com outra realidade supraordenada. (HOPCKE, 2012, pp. 40-41)

Esta compreensão sobre a morte e o morrer seguirá diversos rumos de entendimento durante a jornada de cada indivíduo: nas travessias da infância, juventude, vida adulta e velhice, na saúde e na doença, nos comprometimentos afetivos nas transformações e perdas naturais nos ciclos da vida.

Consoante Jung (1987, p. 66): “A forma do mundo em que nasceu já é inata no homem, como imagem virtual. Assim é que pais, mulher, filhos, nascimento e morte são, para ele, imagens virtuais, predisposições psíquicas”.

A morte de um elo amado e a maneira com que cada indivíduo lida com seus sentimentos e comportamentos consigo e seus relacionamentos: dos elementos que envolvem a separação, gerando brechas para o desenvolvimento de doenças e/ou psicopatologias, ou funcionar como uma espiral ascendente de transformações e renascimentos em seus códigos linguísticos em conformidade com suas crenças.

Os pais ensinam aos filhos como é a vida, relatando-lhes as experiências pelas quais passaram. Os mitos fazem a mesma coisa num sentido mais amplo, pois delineiam padrões para a caminhada existencial através da dimensão imaginária. (BRANDÃO, 2000a, p. 9)

Os canais de expressão dos arquétipos têm vital importância nos trajetos existenciais do indivíduo, sugere-se que nem sequer sejam excludentes ou separados, posto que a interligação e interpenetração são procedimentos inerentes na natureza. Basta imaginar uma semente acolhida no corpo da terra e todos os fenômenos envolvidos para sua germinação e poder arvorar.

Com o recurso da imagem e da fantasia, os mitos abrem para a Consciência o acesso direto ao Inconsciente Coletivo. Até mesmo os mitos hediondos e cruéis são da maior utilidade, pois nos ensinam através da tragédia os grandes perigos do processo existencial. (BRANDÃO, 2000a, p. 9)

Considerando as intensas forças do inconsciente, tais manifestações não são tão simples de um entendimento comum, é preciso um aprofundamento no conhecimento científico, uma vez que, tais forças poderão causar danos psíquicos em indivíduos que ainda não estejam aportados no processo terapêutico ou que possam desenvolver algum transtorno psíquico.

Uma vez que os arquétipos são relativamente autônomos como todos os conteúdos numinosos, não se pode integrá-los simplesmente por meios racionais, mas requerem um processo dialético, isto é, um confronto propriamente dito que muitas vezes é realizado pelo paciente em forma de diálogo. (JUNG, 2014a, p. 50)

No campo da clínica junguiana, estes fenômenos são expressos por intermédio de trabalhos como pintura, escultura e outros campos da arte.

O estudo das imagens que se originam nas matrizes arquetípicas do inconsciente coletivo é uma verdadeira pesquisa arqueológica. Mas a arqueologia da psique é ciência muito peculiar. Enquanto os achados da arqueologia propriamente dita mantêm-se sempre iguais, os conteúdos do inconsciente coletivo estão em constante movimento: agrupam-se e reagrupam-se, interpenetram-se e mesmo são suscetíveis de transformações. Esta é a concepção junguiana de inconsciente coletivo, concepção essencialmente dinâmica. (SILVEIRA, 2015, p. 330)

A morte em sua distintiva e implacável finalização de um ciclo, fenômeno com efeitos de variadas desordens psicológicas, familiares e sociais, afetando em vários momentos com características catastróficas no indivíduo e na esfera interpessoal, dificultando por vezes tais reintegrações.

É que a morte também é uma terrível brutalidade – nenhum engodo é possível! – não apenas enquanto acontecimento físico, mas ainda mais como um acontecimento psíquico: um ser humano é arrancado da vida e o que permanece é um silêncio mortal e gelado. Não há mais esperança de estabelecer qualquer relação: todas as pontes estão cortadas. [...] A brutalidade e a arbitrariedade da morte podem provocar no homem tal amargura que ele chega a descrever num Deus misericordioso, na justiça e na bondade. (JUNG, 2006, pp. 363-364)

Todavia, nesta particularidade, a morte em diferentes ângulos culturais pode ser acatada como algo fortunoso.

A alma, pode-se dizer, alcança a metade que lhe falta, atinge a totalidade. Nos sarcófagos gregos o elemento alegre era representado por dançarinas; nas tumbas etruscas representavam-no por banquetes. [...] Hoje ainda, em muitas regiões, é costume, no Dia de Todos os Santos, organizar um piquenique sobre os túmulos. Essas manifestações mostram que a morte é sentida, por assim dizer, como uma festa. (JUNG, 2006, p. 364)

Concernente aos mitos e símbolos, são referências extremamente pertinentes desde o princípio da humanidade, recheados de conteúdos que, de algum modo, norteiam o indivíduo e a sociedade, apesar de o homem moderno estar embotando seus valores na história.

À medida que os arqueólogos pesquisam mais profundamente o passado, vamos atribuindo menos valor aos acontecimentos históricos do que as estátuas, desenhos, templos e línguas que nos contam velhas crenças. (JUNG, 2008, p. 136)

Ainda em Jung (2008, p. 136) expressa: “A história antiga do homem está sendo redescoberta de maneira significativa por meio dos mitos e das imagens simbólicas que lhe sobreviveram”.

Independente da multiplicidade e transformações nas sociedades e culturas, os símbolos vivem e não fenecem, acoplados continuamente e sendo rebuscados e atualizados na humanidade.

Tal qual Jung (2008, p. 137): “No entanto, as conexões existem. E os símbolos que as representam não perderam importância para a humanidade”.

Para Mircea Eliade, o mito está longe de ser uma fabulação. Fica evidente que ele é modelo, porque tendo sido expresso nas civilizações primitivas, orienta em qualquer época a moral das condutas, facilitando a compreensão dos homens e contribuindo, dessa forma, para o conhecimento das especificidades que nos envolvem. (BRAGA, 2002, p. 18)

Estas junções simbólicas nos percursos dos povos e seus costumes são fundamentais e esboçarão suas facetas. Mesmo que ocasionalmente fragmentados, serão constituídos e restaurados perfilando cada qual suas histórias.

Segundo Braga (2002, p. 70): “Símbolos ligados à esfera humana e à natureza vão evoluir no tempo descrevendo uma trajetória”.

Especialmente na labiríntica jornada humana sobre a busca incessante de desvendar e precisar de maneira absoluta os mistérios da vida e da morte, em tentativas de separar e não conjugar, de reduzir e não ampliar a significativa importância de harmonizar os significados dos mitos.

O ciclo grande vida/morte envolve o homem e o tempo. Estes dois elementos estão presos a conceituações dos mitos primitivos. Há uma solidariedade entre os mitos de origem e os mitos cosmogônicos, pois as situações partem sempre de um processo de renovação. (BRAGA, 2002, p. 71)

Desde o início da humanidade, indagações não cessam e ecoam por todos os tempos:

- Qual o significado da existência humana?

- Qual o sentido da morte?
- No Ocidente e no Oriente?
- E hoje?

Na contemporaneidade, a morte é um evento natural que o homem valoriza o prisma do afastamento e da vulgarização, esgarça-se para chegar na reta final do percurso e empobrece os sentidos de sua existência, contrastando no que diferencia nas civilizações antigas, uma vez que, os indivíduos compreendiam como fazendo parte da vida em sua existência.

Natural por ser implacável a realidade da dualidade no ciclo de nascimento e morte. Independentemente das racionalizações, intelectualizações, fantasias e especulações emergentes ao adentrar neste misterioso, desconhecido, sombrio e temente campo de que a existência humana tem efetivamente e literalmente um fim.

A vida natural é o solo em que se nutre a alma. Quem não consegue acompanhar essa vida, permanece enrijecido e parado em pleno ar. É por isto que muitas pessoas se petrificam na idade madura, olham para trás e se agarram ao passado, com um medo secreto da morte no coração. (JUNG, 2015a, p. 316)

A cultura tem forte característica influente em um cenário coletivo e em muito difere a ocidental da oriental. No Ocidente, é banhado em uma espécie de jogo de interesses e competitividade atroz, ancorado pelo capitalismo, em que a questão humana é colocada em esferas secundárias, o que requer ter “nervos de aço” diante a demanda da globalização e velozes transformações tecnológicas. Um contexto de indivíduos com corações, duros e frios como o aço em seus relacionamentos, onde o tempo é o pior inimigo frente à realidade do processo natural do envelhecer e morrer, que faz parte do ciclo da vida.

Tementes e ferozes, permeados pelo individualismo, avançam uns sobre os outros de que a vida é uma só e não há o que perder e procuram expandir o espaço de tempo por intermédio de medicamentos, tratamentos “miraculosos” de rejuvenescimento e cirurgias invasivas, fortalecendo uma espécie de ditadura da estética.

O indivíduo e a sociedade buscam incessantemente a imortalidade e entendimentos plenos sobre o desconhecido e os misteriosos significados da morte. Que, por sua vez, mantem inabalável sua realidade e imbatível quando chega a concretude do momento de findar a existência humana individual neste fenômeno natural da vida.

E a morte concreta? Dela sabemos alguns fatos: que é universal, irreversível, porque assim nos disseram ou vimos acontecer com os outros. Podemos fantasiar, temer, desejar, evitar, mas não experienciamos nossa própria morte. Podemos representá-la como finitude, transição, ruptura, alívio, mistério dor, fascínio, mas nada sabemos sobre suas possibilidades... só intuimos. Como humanos que somos, sabemos que a morte existe, e esse conhecimento dá significado à nossa vida. E por não sermos divinos não sabemos quando nem como ela ocorrerá. (FRANCO et al., 2011, p. 31)

Predominante na religião ocidental temos o Cristianismo. Assim como as outras doutrinas, formado com simbólicos e ritos. A morte é ressuscitar, é a passagem para uma outra vida além da terrena e despertar para a eternidade. As penitências e os tormentos fazem parte do processo de crescimento nesta vida e na canonização da alma. Nesta visão, a alma é separada do corpo e não sucumbe como na finitude do corpo.

A maneira como a morte é abordada no Oriente vai de encontro com muitas características culturais em relação ao Ocidente. As culturas embasadas nas religiões como o Hinduísmo e o Budismo pautam-se que a morte é um processo de transmutação essencial para a purificação do espírito.

Considerando uma passagem sobre Buda:

Por que a Índia perdeu sua maior luz, o caminho da redenção ensinado por Buda, aquela síntese gloriosa de filosofia e *opus divinum* (obra divina)? Sabe-se que a humanidade não consegue viver continuamente num ápice de iluminação e esforço espiritual. (JUNG, 2007, p. 223)

A morte no “Livro Tibetano dos Mortos” é adotada como um acontecimento esperado e necessário para adquirir conhecimentos sobre a transição da vida para a morte, repleto de orientações sobre o momento da morte e para o estágio de pós-morte, o qual o indivíduo deve passar. Seus escritos são proferidos em voz alta quando alguém encontra-se próximo da morte, e continuamente lido mesmo após o último suspiro, há a crença de que existia alguma permanência articulada com os vivos. A morte é acatada como algo necessário e esperado.

Temos ainda os cultos, que culminam eventos tal e qual o terrorismo, atijando pavor em todo o globo oriundo dos rituais de iniciação e de passagem pelos homens, mulheres e crianças envoltas em bombas, subtraindo centenas de vidas.

Vale salientar por toda extensão na história da humanidade as guerras ditas santas devastam e continuam dizimando infindos povos, citando indígenas e distintas sociedades religiosas.

Isso explica nossas várias recaídas no barbarismo mais assustador. Também explica o fato deveras terrível de que quanto mais subimos a montanha das realizações científicas e técnicas, mais perigoso e diabólico se torna o mau uso de nossas invenções. Pensemos no grande triunfo do espírito humano ao conseguir voar: realizou-se o antiquíssimo sonho da humanidade! E pensemos nos bombardeios que se fazem com esta arma moderna. É isto que significa civilização? (JUNG, 2007, p. 225)

No setor da Educação, a apreensão do conhecimento científico que abrange o mundo acadêmico, ressaltando os campos da Medicina e Psicologia. Áreas fundamentalmente importantes nos relacionamentos entre pessoas, e nos últimos tempos evidenciadas por uma forma de desumanização pelas vias virtuais da tecnologia.

Se dêssemos ao relacionamento humano e interpessoal a ênfase que dispensamos ao ensino de novos avanços técnicos e científicos, não há dúvida de que faríamos progresso, mas não se este novo conhecimento for ministrado ao estudante à custa de um contato interpessoal cada vez menor. O que será de uma sociedade que concentra mais seu valor nos números e nas massas do que no indivíduo? (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 16)

Em outra perspectiva, a Índia contempla alguns dos muitos pormenores de uma civilização que aborda uma rede de conexões do homem como um todo, embrincado em sua inegável realidade humana no mundo.

A cultura e a psicologia da Índia se parecem com seus templos que em suas esculturas representam o universo, inclusive o homem em todos os seus aspectos e atividades, como santo ou monstro. Talvez seja esta razão de a Índia se parecer com um sonho: sentimo-nos empurrados de volta para o inconsciente, para aquele mundo não redimido, não civilizado e aborígine com o qual apenas sonhamos enquanto nossa consciência o renega. (JUNG, 2007, p. 226)

Na historicidade humana, a cultura elenca um panorama diversificado na seara social, tanto rumo à humanização quanto à desumanização, com proporções que abarcam grande número de pessoas em uma sociedade (ou pequenos nichos), e muitos que causam impactos veemente positivos ou negativos nas

mudanças culturais na humanidade. Um dos clássicos exemplos: a questão da sustentabilidade desde os idos dos anos de 1970 e as insistentes tentativas de cuidados com o planeta em que vivemos.

Consoante Ostrower (1987, p. 11): “As culturas se acumulam, se diversificam, se complexificam e se enriquecem. Ou então também, desenvolvem-se e, por motivos sociais, se extinguem ou são extintas”.

Quantas justificativas ainda serão criadas pelo ser humano para perceber a importância e a profunda necessidade de aprender e apreender tantos ensinamentos com a simples observação de como funciona a Natureza e, deste modo, reintegrar o seu próprio universo humano?

O animal não se revolta contra sua espécie. Observa os animais como são imparciais, honestos, como obedecem ao tradicional, como são fiéis à terra que os sustenta, como voltam à sua migração costumeira, como cuidam de suas crias, como vão juntos ao seu pasto e como levam uns aos outros à fonte. Não há nenhum que esconda sua sobra da presa e deixe seu irmão morrer de fome. Não há nenhum que force sua própria espécie à sua vontade. Não há nenhum que imagine ser elefante quando é apenas uma mosca. O animal vive honesta e fielmente a vida de sua espécie, nada mais e nada menos. (JUNG, 2012a, p. 296)

Encontramos muitos profissionais nas esferas da Psicologia e Medicina que são exemplos consideráveis nos esforços de modo solo ou em conjunto para a devida sensibilização e prática nos cuidados das doenças, sobretudo as reconhecidas como terminais, ocorrendo o mesmo para as psíquicas, em seus múltiplos diagnósticos, dos leves aos crônicos, apesar de não ser a realidade de uma maioria encontrada em meio a estes peritos. A magnitude deve ser exercida nestas competências no binômio amor-ética para o indivíduo, a família e a comunidade.

Se fizéssemos um esforço sobre-humano para encarar nossa própria morte, para analisar as ansiedades que permeiam nosso conceito de morte e para ajudar os semelhantes a se familiarizarem com tais pensamentos, talvez houvesse menos destruição ao nosso redor. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 17)

A alta relevância deve ser considerada no entendimento no sistema familiar do indivíduo, neste dinamismo familiar durante todo o seu desenvolvimento desde o nascimento, no que tange à personalidade e seus papéis familiares e sociais.

Temos outro guia valioso para compreendermos a estrutura da personalidade de um indivíduo, isto é, a posição dentro da família na qual ele cresceu. É fácil entender por que essa posição na família deve ser significativa, pois a pessoa passa seus primeiros anos, os mais formativos, quase que inteiramente à mercê de sua família. As linhas principais da estrutura de sua personalidade são traçadas muito cedo em sua vida. [...] Em nosso esforço por compreender qualquer pessoa é, pois, essencial que observemos sua posição dentro da constelação familiar. (MAY, 2013, pp. 98-99)

No tocante à dimensão dos vínculos afetivos, quando construídos de maneira sólida, uma das repercussões emocionais e influentes nas relações sobre a separação é a indescritível dor da perda, algo muito próprio de cada indivíduo, chegando ao extremo de pensar que seria impossível suportar a ausência de um elo cindido pela morte.

É uma das experiências mais dolorosas, frustrantes e, muitas vezes, ouve-se “prefiro morrer a viver sem ele(a)”. Essa experiência pode vir a ser mais temida do que a própria morte, por ser vivida conscientemente em toda sua intensidade. (FRANCO et al., 2011, p. 14)

O talho em uma relação pode arremeter uma vivência de desgovernos copiosamente dolorosos para os elos implicados. A necessidade de uma retomada para uma nova construção, no que fora incorporado na composição de um elo com outro, seja como casal, pai, mãe, filhos e demais ligações afetivas, agora será preciso dar significado e reintegração nesta unidade no cotidiano.

O risco da separação depende da possibilidade de se perder, com o perdido, o significado da vida, quando este está em parte depositado no outro. Nesse caso o desespero pode tomar conta da pessoa. A separação provoca uma mutilação, um pedaço do Ego que se vai, e com isso ocorre um abalo na identidade, e uma nova tem de se formar, agora sem o outro. (FRANCO et al., 2011, p. 15)

Quando somos surpreendidos pela morte de alguém que formamos uma parceria, apresentar-se-á uma outra temeridade e infalível: o de traçar um percurso, cuja ausência de alguém que amamos não mais estará presencialmente dia após dia. Apontar-se-á neste momento da vida, entremeado com angústias e vazio interior, o caminho do enlutamento. Um trajeto para muitos de resistências, que se desenvolvem de acordo com suas crenças o processo de aceitação e elaboração do luto.

O luto, de uma forma ou de outra, está na vida de todos nós e nos atinge em aspectos pessoais e relacionais no âmbito da família, e considerando-se os diferentes momentos de seu ciclo de vida, o impacto causado pela morte de alguém. (FRANCO et al., 2011, pp. 100-101)

Com a modernidade, o homem vem perdendo a capacidade com a prática e os cuidados que envolvem o processo de aceitação nos ciclos vitais e mortais, por intermédio dos ritos de iniciação, de passagem e de morte.

Foi dito que o homem atingiu a espiritualidade e a transcendência — portanto, as atividades mentais superiores e abstratas — quando não mais abandonou seus mortos e criou para ele os rituais e a veneração. (ZOJA, 2005, p. 68)

No momento impactante com o evento da morte na vida, em muito aparece uma espécie de retorno em si, de reconexões com o homem primitivo para a elaboração de um acolhimento e conjugação com seu sistema de crenças. O homem antigo dava significados por intermédio dos mitos.

No entanto, a vida espiritual nasceu também quando o homem pré-histórico envolveu em devoção o ato do *nascimento*: quando pergunta-se não só o que acontece depois da morte, mas o que se é antes de chegar ao mundo e qual a natureza das forças que conduzem a ele. Na verdade, o culto aos mortos começou relativamente cedo, no homem de Neandertal, ainda no Paleolítico superior: e por dezenas de milênios. (ZOJA, 2005, p.68)

Tendo como um rio e seus afluentes os parágrafos supramencionados, em um frondoso arqueamento que ecoam e desembocam na imensidão incomensurável de um outro mundo pertencente desde a origem da humanidade, adentramos no âmbito das artes.

A concepção de Nietzsche na obra “O Nascimento da Tragédia” plasmado pela noção da dualidade dos mitos de Dioniso e Apolo, na conjuntura de opostos de complementariedade e que, de algum modo, aninham-se entre si. A arte significa o que é a vida tendo a vontade como força motriz, a angústia como mola que propulsiona para a criatividade.

A arte é nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida.

A arte como única força superior contraposta a toda vontade de negação da vida, como o anticristão, antibudista, antiniilista par excellence.

A arte como redenção do que conhece — daquele que vê o caráter terrível e problemático da existência, que quer vê-lo, do conhecer trágico.

A arte como a redenção do que age — daquele que não somente vê o caráter terrível e problemático da existência, mas o vive, quer vivê-lo, do guerreiro trágico, do herói.

A arte como a redenção do que sofre — como via de acesso a estados onde o sofrimento é querido, transfigurado, divinizado, onde o sofrimento é uma forma de grande delícia. (NIETZCHE, 2000, p. 50)

Quando o indivíduo se situa como que soterrado em seus próprios escombros da alma, revoltado com pensamentos e lembranças, que alvoroçam seu ambiente interno e ao mesmo tempo ansioso para harmonizar seus eixos, a fluência da via artística torna-se um valoroso percurso para novas significações.

A arte não é libertadora. Há riscos, pode salvar ou aprisionar, mas vale a pena correr o risco. A arte, sendo a construção de nós mesmos só como fenômeno estético, a vida é suportável.

Worringer sustenta que o sentimento estético move-se entre dois polos: a necessidade de empatia e a necessidade de abstração. “Do mesmo modo que a necessidade de empatia, como pré-suposição da experiência estética, encontra satisfação na beleza do mundo orgânico, a necessidade de abstração encontra beleza no mundo inorgânico, no cristalino ou, em termos gerais, nas leis abstratas”⁴ Uma ou outra destas tendências básicas será mobilizada segundo as relações do homem com o cosmos⁵. Se estas relações são confiantes, o prazer estético será gozo de si mesmo objetivado, será empatia com o objeto⁶. (SILVEIRA, 2015, p. 20)

O indivíduo, uma vez coligado com a Natureza, integrando-se com seus fenômenos da mesma forma como a realidade dos ciclos de vida e morte, aceitando-os como naturais de sua existência. Na dialética de ordem e caos, sua jornada e produtos artísticos serão criados de maneiras originais.

A natureza, na medida em que é criação, nascimento e morte, é ela própria artista. Neste sentido, a arte encontra-se em cada coisa, como a essência de todo e qualquer “ente”. Portanto, a obra de arte não será uma imitação da natureza criada, mas tampouco será a expressão de uma subjetividade e de uma emoção individuais (Baudelaire). O artista imita a natureza, mas num sentido novo, porquanto encarna as pulsões artísticas da natureza. (LACOSTE, 2011, p. 80)

Desde os tempos de auge da Grécia, a arte é repleta de conceitos e significados. A arte é movimento constante e dinâmico, como a história do indivíduo, o psíquico e sistema de crenças. No caminho do enlutamento, a própria dor é a energia para produzir, criar, recriar e transformar.

Não significa isso que a “necessidade de arte” tem sua origem numa fraqueza, numa impotência para olhar a vida de frente? Mas Nietzsche não se deterá nessa concepção, muito pelo contrário, pois verá precisamente na tragédia a descoberta da vida como superabundância de força, como natureza artista e poder de metamorfose. (LACOSTE, 2011, pp. 84-85)

A realidade subjetiva começa a ter outra forma de abordagem e percepção acentuadas no início do século XX. Na Psicologia, nas Artes e na Literatura, emergem fenômenos que migram das representações e abrenham nos mundos internos dos artistas, exteriorizando seus sonhos e fantasias.

Jung com suas novas ideias traz também um novo despertar para o indivíduo e a coletividade.

[...] Pois bem! Estou muito interessado em ouvir as opiniões do grupo a respeito deste tema da arte.

Alguém pode considerar a arte uma forma de sonho. Assim como o sonho procura manter um equilíbrio psicológico preenchendo a atitude consciente do dia com os elementos inconscientes,

assim a arte equilibra a tendência pública geral de uma determinada época. O que vocês pensam da arte considerada a partir desse ponto de vista?

Sra. Zinno: A característica da arte moderna não é o fato de ela ser subjetiva?

Dr. Jung: Mas, se você diz isso, precisa ter todo o cuidado de definir o que você entende por subjetivo. Muitas vezes se supõe que uma experiência é subjetiva porque acontece na mente de um sujeito, mas nesse caso ela não está necessariamente em oposição a “objetivo”, porque as imagens do inconsciente coletivo, a partir de sua natureza coletiva, são objetos de maneira tão real como as coisas que estão fora da psique. Ora, penso que a arte moderna tende a ser subjetiva no sentido de que o artista está preocupado com sua ligação individual com o objeto, e não com o objeto *per se*. (JUNG, 2014b, p. 93)

A trajetória do indivíduo ao longo das civilizações, com suas transformações culturais, econômicas e sociais, é abundante de eventos psíquicos e comportamentos infinitamente diversos, marcada também pela criação dos mitos como guias de mediação, para enfrentar seus conflitos e entendimentos sobre sua existência. A rede filosófica, mitológica e psicológica nos diálogos dos estudos da psique e suas funções inconscientes e processos conscientes, gera nas relações interpessoais possibilidades de desenvolver a jornada incessante no autoconhecimento, essencialmente, no que diz respeito a lidar com a vida e morte. Utilizando-se deste cabedal de conhecimentos e vivências, o caminho da arte para amplificar e dar novos sentidos aos conteúdos psíquicos do indivíduo.

A análise prática dos artistas mostra sempre de novo quão forte é o impulso criativo que brota do inconsciente, e também quão caprichoso e arbitrário. [...] O anseio criativo vive e cresce dentro do homem como uma árvore no solo do qual extrai seu alimento. Por conseguinte, fariamos bem em considerar o processo criativo como uma essência viva implantada na alma do homem. (JUNG, 2013e, pp. 75-76)

CAPÍTULO 2 — A CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Para adentrar neste tema, é necessária a elucidação de conceitos substancialmente significativos no que diz respeito a construção e desenvolvimento da personalidade do indivíduo, e os fenômenos recorrentes nos relacionamentos familiares ao longo de uma conjuntura histórica e cultural.

De acordo com Ostrower (1987, p. 13): “Segundo os conhecimentos atuais a respeito do passado, o homem surge na história como um ser cultural. Ao agir, ele age culturalmente, apoiado na cultura e dentro de uma cultura”.

A psique é um agrupamento animado, frutificado por uma multiplicidade indefinida de complexos e que possui distintas relações entre si.

Jung distingue arquétipo, complexo e símbolo, que estão conjugados entre si, para diligenciar uma ordem entre os fenômenos psíquicos, que a todo o momento se exteriorizam em forma de imagens e continuamente em direção a algum objeto no mundo das coisas concretas ou subjetivas. O complexo arquetípico começa como um receptáculo; a energia da mãe, a energia do pai. A forma de fora vem e encontra o desejo, surgindo o complexo. Quando conflitos aparecem, o símbolo surge para mediar, trazendo imagens para conciliar o arquétipo com o complexo. Portanto, todo complexo incessantemente remete o indivíduo a um processo transformativo, que o transforma e conjuntamente o transcende.

Todos os fenômenos psíquicos são de natureza energética. Os *complexos* são nós de energia. [...] os *arquétipos* são núcleos de energia em estado virtual e que os *símbolos* são máquinas transformadoras de energia. Jung vê a psique em incessante dinamismo. Correntes de energia cruzam-se continuamente. Tensões diferentes, polos opostos, correntes em progressão e em regressão entretêm movimentos constantes. (SILVEIRA, 1997, p. 41)

Arquétipo para Jung (2014a, pp. 51-52): “[...] que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”.

Os principais arquétipos da personalidade são: *Persona*, *Ego*, *Sombra*, *Anima*, *Animus* e *Self* ou *Si-mesmo*. Podemos considerar como parceiros do eu.

Os arquétipos são percebidos em comportamentos externos, especialmente aqueles que se aglomeram em torno de experiências básicas e universais da vida, tais como nascimento, casamento, maternidade, morte e separação. Também se aderem à estrutura da própria psique humana e são observáveis na relação com a vida interior ou psíquica, revelando-se por meio de figuras tais como ANIMA, SOMBRA, PERSONA, e outras mais. Teoricamente, poderia existir qualquer número de arquétipos. (SAMUELS, SHORTER & PLAUT, 1988, p. 38)

As forças que podem ser sistematizadas no campo da consciência, Jung qualificou como *complexo da persona*. É a imagem que o indivíduo apresenta nas atitudes canalizadas para o mundo externo. É a forma de adaptação do indivíduo na cultura e no coletivo. São as máscaras necessárias para espelhar seus diferentes papéis sociais.

De acordo com Jung (1987, p. 32): “A palavra *persona* é realmente uma expressão muito apropriada, porquanto designava originalmente a máscara usada pelo ator, significando o papel que ia desempenhar”.

Ainda em conformidade com Jung, (2013f, p. 426): “A *persona* é, pois, um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade, mas que não é idêntico à individualidade”.

Quando o indivíduo personifica exclusivamente um destes papéis, seu mundo interno sofre alterações e exaure, impossibilitando de explorar e cumprir outras particularidades da personalidade. O exemplo de um profissional que agrega esta *persona* de modo sólido em todas as áreas de sua vida irá embotar e empobrecer outros papéis de suma importância, como pai, irmão, filho, marido entre outros.

Para Silveira, (1997, p. 80): “Quanto mais a *persona* aderir à pele do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la. Quando é retirada a máscara que o ator usa nas suas relações com o mundo, aparece uma face desconhecida”.

Concordante ainda com Samuels, Shorter & Plaut (1988, p. 148): “A identificação com a *persona* leva a uma forma de rigidez ou fragilidade psicológica; o INCONSCIENTE tenderá, antes, a irromper com ímpeto na consciência”.

Entretanto, ao tomar medidas conscientes, conseguirá desenlaçar esta máscara predominante, investigando e engrandecendo outras extensões de sua personalidade, como a *Anima*, *Animus* e o *Si-mesmo*.

Tal qual Silveira (1997, p. 80): “Olhar-se em um espelho que reflita cruamente essa face é decerto um ato de coragem. Será visto nosso lado escuro onde moram todas as coisas que nos desagradam em nós, ou mesmo que nos assustam”.

O *eu* ou *ego* representa o complexo que organiza o centro da consciência. É a função reguladora entre o consciente e o inconsciente. O *ego* engloba tudo aquilo que o indivíduo tem ciência de si. Particularidades de sua personalidade, que ele reconhece e concordantes com os valores sociais e culturais. O *ego* se desenvolve através dos discernimentos originários da relação entre o mundo interno e o externo.

Entendemos por “eu” aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. [...] Teoricamente, é impossível dizer até onde vão os limites do campo da consciência, porque este pode estender-se de modo indeterminando. (JUNG, 2013a, p. 13)

Todo indivíduo carrega uma *sombra* que começa a desenvolver na infância, decorrente da repressão ou da negação de sentimentos indesejáveis. É a parte mais negada da personalidade. Por trás da máscara (*persona*) que o indivíduo utiliza para o outro, por baixo do rosto mostrado a si mesmo, vive um aspecto oculto da personalidade.

As coisas que não aceitamos em nós, que nos repugnam e que por isso reprimimos, nós as projetamos no *outro*, seja ele nosso vizinho, o nosso inimigo político ou uma figura-símbolo como o demônio. [...] Quanto mais a *sombra* for reprimida, mais se tornará espessa e negra. (SILVEIRA, 1997, pp. 80-81)

Para Jung (2013a, p. 19): “A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendir energias morais”.

O modo adequado como o indivíduo irá relacionar-se com as manifestações inconscientes na consciência, terá possibilidades de novas direções na vida e no mundo.

Silveira (1997, p. 81) afirma: “Lançar luz sobre os recantos tem como resultado o alargamento da consciência. Já não é o *outro* quem está sempre errado. Descobrimos que frequentemente ‘a trave’ está em nosso próprio olho”.

Em continuidade com a autora:

Mas também na *sombra* poderão ser discernidos traços positivos: qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs de energia suficiente para levá-las adiante, quando isso exigisse ultrapassar convenções vulgares. (SILVEIRA, 1997, pp. 81-82)

Anima/Animus funcionam consoante os princípios da complementariedade que se movem na psique, como mediadores entre o *ego* e o mundo interno. Originárias de uma estrutura arquetípica básica, provindas do inconsciente coletivo, intervêm no psíquico dominante de uma mulher ou de um homem.

Portanto, pode-se cogitar da *persona* e de *anima/animus* como OPOSTOS. Enquanto a *persona* está ocupada com uma adaptação consciente e COLETIVA com o mundo externo, *anima/animus* estão ocupados com uma adaptação àquilo que é pessoal, interior e individual. (SAMUELS, SHORTER & PLAUT, 1988, p. 148)

A *anima* estabelece a projeção da psique do filho na mãe; o *animus*, do mesmo modo, da filha para o pai. Com o desenvolvimento da criança, é esperado que estas projeções sejam trabalhadas e retiradas de modo gradual das figuras materna e paterna. Quando são integradas na consciência, serão projetadas para outras mulheres na questão dos homens, e nas mulheres para outros homens.

O homem projeta a *anima* na mulher amada e a mulher projeta o *animus* no homem amado. Estas imagens transportam um ideal perfeito, em que a pessoa amada se torne fascinante. Portanto, quando não há uma discussão com estas imagens no inconsciente para a devida conscientização, os ideais não vão condizer

com a totalidade do parceiro. Com estas projeções alteradas, os conflitos são constantes, com o risco de ruptura da relação a dois. Enquanto estas questões não forem bem resolvidas, serão repetidas nos próximos relacionamentos. É preciso o confronto com a imagem da alma, perceber as manifestações destes conteúdos projetados para lidar com as diferenças e conhecer melhor a si e o outro.

O *ego*, centro do campo da consciência e o *self*, centro da totalidade da psique e base arquetípica para origem do *ego*. Há um movimento psíquico constante que ocorre, em uma relação dialética entre os dois centros.

O Si-mesmo, centro regulador da psique, também pode aparecer em sonhos, a par de outras imagens arquetípicas. As aparições do Si-mesmo, o núcleo arquetípico do ego, indicam frequentemente uma necessidade de estabilização do ego, dado que tende a existir uma relação recíproca entre a estabilidade do ego e a manifestação do Si-mesmo numa forma estável. Se o ego está confuso e em desordem, o mais provável é que o Si-mesmo se apresente numa forma muito ordenada, como uma mandala. (HALL, 2007, p. 92)

O *self* funciona como fonte reguladora e criadora da psique em seus conteúdos inconscientes e conscientes. É o que há de mais pleno no indivíduo, a totalidade. O *self* avoca os outros arquétipos, suas atividades nos complexos e na consciência. A maneira que o indivíduo irá conduzir as relações das manifestações inconscientes com a consciência traçará seu destino no mundo.

“O self não é somente o centro”, escreve Jung, “mas também a circunferência total que abrange tanto o consciente como o INCONSCIENTE; é o centro dessa totalidade, como o EGO é o centro da mente consciente”. [...] o relacionamento do ego com o self é um processo incessante. [...] A interação permanente entre ego e self, envolvendo um processo contínuo de referência ego-self, expressa-se na individualidade da vida de uma pessoa. (SAMUELS, SHORTER & PLAUT, 1988, p. 193)

Cabe ao indivíduo a responsabilidade de: investigar o que a totalidade deseja em suas manifestações; realizar o potencial para uma relação adequada e mais consciente com o outro e na sociedade; ou atravancar o próprio desenvolvimento e arruinar os relacionamentos interpessoais.

Jung considerava os arquétipos como ambivalentes, potencialmente positivos e negativos. À medida que os próprios arquétipos estão, por definição, fora do conhecimento consciente, eles funcionam autonomamente quase como forças da natureza, organizando a experiência humana em caminhos especiais para o indivíduo, sem considerar as consequências construtivas ou destrutivas da vida individual. O crescimento psicológico só ocorre quando alguém tenta trazer o conteúdo dos arquétipos para dentro do conhecimento consciente, e estabelecer uma relação entre a vida consciente e o nível arquetípico da existência humana. (HOPCKE, 2012, p. 26)

A mãe é o receptáculo primordial para as atenções iniciais de um bebê. Aquela que tem o arquétipo materno adequado psiquicamente, que promove uma

atmosfera amorosa, presente e acolhedora, favorecendo o desenvolvimento da criança nos cuidados da saúde física e psíquica, e em seus relacionamentos afetuosos. A ausência da vivência materna ou até mesmo a presença de modo possessivo irá desencadear inúmeros conflitos nestas áreas de desenvolvimento da criança.

A portadora do arquétipo é, em primeiro lugar, a mãe pessoal porque a criança vive inicialmente num estado de participação exclusiva, isto é, numa identificação inconsciente com ela. A mãe não é apenas a condição prévia física, mas também psíquica da criança. (JUNG, 2014a, p. 107)

Apresentado os conceitos bases de como o indivíduo comporta-se e administra a dialética dos conteúdos entre o inconsciente e o consciente, cenário de fenômenos e comportamentos na vida e na sociedade. Teremos importante núcleo desde os primeiros tempos da humanidade: a família. O arquétipo materno em sua vastidão de aspectos, sistematiza a vitalidade matriarcal em uma família, especialmente quando nasce um bebê.

Como todo arquétipo, o materno também possui uma variedade incalculável de aspectos. Menciono apenas algumas das formas mais características: a própria mãe e a avó; a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer que nos relacionamos, bem como a ama de leite ou ama-seca, a antepassada e a mulher branca; no sentido da transferência mais elevada, a deusa, especialmente a mãe de Deus, a Virgem. (JUNG, 2014a, p. 87)

Segundo Jung (2007, pp. 40-41): “Devido à consciência infantil, o peso da vida é mais leve ou assim parece. Não se está sozinho, vive-se inconscientemente em dois ou três. O filho se imagina no colo da mãe, protegido pelo pai”.

A figura do pai resplandece como uma terceira unidade na relação inicial no nascimento do bebê com a figura materna. Neste instante, há o estabelecimento da primeira base de diferenciação, o início de um processo que constituirá a estrutura interna no percurso da infância, suas relações com o mundo interno, para o mundo exterior em suas complexidades e dualidades. Deste modo, favorecendo e conduzindo para transpassar do espaço familiar ao âmbito da sociedade.

Para Jung (2007, p. 39): “O arquétipo da mãe é o mais imediato e próximo a uma criança. Mas com o desenvolvimento do consciente, também o pai entra em cena e reaviva um arquétipo que, sob muitos aspectos, se opõe ao da mãe”.

Ainda concordante com Jung (2014a, p. 107): “Com o despertar da consciência do eu, [...] A partir disto o eu começa a diferenciar-se da mãe e sua particularidade pessoal vai-se tornando cada vez mais distinta”.

Desde o início da humanidade, o sistema familiar perpassa por constantes transformações sociais, econômicas, culturais. Em todos os períodos das civilizações, surgem novos conceitos para adequações diante das mudanças neste contexto familiar.

Muita gente pensa, entre suspiros nostálgicos, que a família está acabando. Mas a verdade é outra. O que mudou foi o seu perfil e o trançado de suas relações. [...] É uma família multiforme. É uma família que retrata a diversidade de paradigmas e nos expõe à complexidade da ausência de uma verdade única que nos oriente. É a família que cada um de nós cria, vive, constrói, desfruta e, às vezes, padece. (BRUN, 1999, p. 12)

O sistema familiar busca e rebusca uma estrutura hierárquica para proteger e amparar seu núcleo, com valores e crenças que fluam para o equilíbrio, o amor e o respeito nos elos familiares singulares e coletivo, extensivo pelas gerações.

Hoje, em meio ao vertiginoso ritmo das mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas, seria uma incoerência imaginar que a família deveria permanecer imutável, cristalizada em valores que não correspondem mais à nossa realidade. (BRUN, 1999, p. 12)

Na construção de uma família, os pais irão desenvolver seus papéis, atenção e esforços, onde esta configuração será constituída por vários filhos ou um único filho. Estes, em suas singularidades, desenvolverão diferentes atitudes e reações neste âmbito e na sociedade.

O filho mais velho numa família tende a possuir um senso de responsabilidade mais acentuado. [...] O filho mais velho tende, assim, a defender a lei e ordem, a ser conservador e amante da estabilidade. Alegoricamente, é como se ele estivesse tentando retornar àquele estado primitivo dos primeiros anos da infância, quando ocupava sozinho o trono das afeições de seus pais. (MAY, 2013, p. 99)

Com a chegada de um segundo filho, o campo familiar retoma um novo arranjo de interações entre os irmãos, que pode variar de forma cooperativa ou competitiva.

Encontramos tendências bem diversas no *segundo filho*. Este, quando vem ao mundo, confronta-se com um rival que já tem um ou dois anos de idade. Durante os anos de infância e meninice sempre teve que seguir os passos de alguém capaz de andar, falar e fazer muitas coisas antes dele. (MAY, 2013, p. 100)

Muitas vezes instaura-se uma disputa de lugares entre os irmãos e em relação aos seus pais. O segundo filho sente a inferioridade e recorre de vários

meios ou outras habilidades distintas do irmão mais velho para superá-lo. Por seu lado, o mais velho, enciumado, pode sentir-se ameaçado em ser retirado de sua posição como filho mais velho.

Conforme May (2013, p. 100): “[...] essas atitudes estão profundamente enterradas no inconsciente e, na maior parte das vezes, o indivíduo nunca admitirá essa rivalidade [...], embora existam sinais evidentes de sua existência”.

No espaço familiar, os pais e outros filhos darão atenção privilegiada ao caçula, sucedendo que ele desenvolva maneiras de agir coletiva e afetivamente no mundo.

Aqueles que nascem entre o segundo e o caçula ocupam posições menos significativas e pouco se pode prever acerca deles. Mas *o filho mais novo* foi reconhecido através de toda a história como aquele que ocupa uma posição especial. [...] é o depositário de uma afeição extraordinária durante a infância e a juventude, não só por parte de seus pais, como também de seus irmãos e irmãs mais velhos. (MAY, 2013, pp. 100-101)

Todavia, se esta atenção for muito concentrada, sem os cuidados adequados e suficientemente necessários, o caçula exigirá do mundo e das pessoas um constante afeto.

Para May (2013, p. 101): “[...] o perigo reside em tornar-se mimado demais e, conseqüentemente, esperar que o mundo sempre o conforte e afague. E quando ele descobrir que isso não acontece, pode assumir uma atitude desleixada e azeda”.

Em relação ao filho único, os pais centralizam toda uma atenção exclusiva, elaborando uma densa rede de proteção e cuidados, tementes de que algo poderia ocorrer de maneira dolorosa.

Tal qual May (2013, p. 101): “Há muito se reconhece a dificuldade de sua posição. Todo o amor e a atenção dos pais foram acumulados nessa criança”.

O filho único acaba ficando emaranhado na tríade pai, mãe e filho, comprometendo a expansão de novas vivências com outros elos sociais.

Esse filho único também tampouco tem a experiência dos contatos sociais e não aprende a viver com outros indivíduos, o que não acontece com crianças de famílias numerosas. [...] mais probabilidade de ser mimada, desenvolvendo assim uma atitude de carência e de dependência face à vida. (MAY, 2013, pp. 101-102)

Sob outra perspectiva, o filho único apresenta um diverso viés de desenvolvimento. Segundo May (2013, p. 102): “Ele possui maiores possibilidades de desenvolvimento do que outras crianças, pois foi alvo dos esforços educativos combinados de ambos os pais [...] teve mais oportunidade de autodesenvolver-se”.

Hoje, em meio a tantas ocupações e jornadas de trabalho para prover o lar e promover conforto para os entes queridos, torna-se tal qual um desafio manter os relacionamentos íntimos. Diante deste quadro, poucos conseguem conciliar tantas obrigações com dedicação exclusiva e qualidade no tempo de convívio com os elos mais íntimos familiares.

Como reflexo de uma sociedade, na qual mulheres conquistaram novos papéis, com muitas consequências sobre o comportamento humano, e os avanços tecnológicos vão de popularização da pílula anticoncepcional até a discussão ética da clonagem, a família sofre influências, acompanha seu tempo, se transforma e nos transforma. (BRUN, 1999, pp. 12-13)

Em conformidade com Zoja (2005, p. 19): “Será verdade que vivemos em uma época de pais ausentes? Muitos estudos fazem o alerta e tratam a falta do pai como um mal sem precedentes”.

Com as constantes exigências sociais, econômicas e políticas, as constelações familiares vêm vivenciando novos formatos familiares e os papéis sociais na família deslocando-se cada vez mais para novos lugares nesta estrutura.

Para Zoja (2005, p. 20): “Na realidade da História, principalmente a atual, em que se verifica uma rápida aproximação dos papéis masculinos e femininos, encontramos infinitas situações intermediárias”.

Perante tais demandas na sociedade, um novo modelo patriarcal ocupa outro espaço, não mais como ápice na hierarquia familiar. O que era exclusivo domesticamente para a mãe, em muito ocorre que estas responsabilidades tomam corpo agora para o pai.

Neste cenário familiar, em que a mãe tem menor circularidade por conta de tantos encargos, o pai acaba cumprindo este hiato de modo mais presente no lar e lazer com os filhos, que por sua vez, tendem ao enlace maior e proferirem frases como: “Minha mãe é uma bruxa”.

Não há dúvida de que os tempos em que vivemos aceleraram vertiginosamente as mudanças da psicologia coletiva. [...] em poucas décadas, a imagem do pai compartilhada e preferida pela maioria das pessoas foi deslocada do chefe de família para o *co-parent* (o pai que compartilha das tarefas da mãe). (ZOJA, 2005, p. 19)

Há famílias que tem como ponto nuclear a mãe, que se desdobra intensamente para cumprir as responsabilidades como mulher e mãe, ocupando a função de principal para prover o lar e educar seus filhos, deste modo, agregando em sua personalidade de mãe uma figura paterna.

Há também as mães que são chefes de família, mães que têm uma carreira, cujos filhos possuem expectativas complexas: mães, portanto, que sofrem do “paradoxo do pai”, o que é ainda mais complicado pelo fato de que dificilmente os filhos deixem de esperar delas a mesma dedicação e rotundidade de uma mãe tradicional. (ZOJA, 2005, p. 20)

A criança sofre as influências de seus pais, que irão ser estendidas em suas experiências na fase adulta. A maneira que foram internalizadas as figuras dos pais, incluindo a dinâmica das imagens arquetípicas paterna e materna na expansão da consciência e desenvolvimento de seu inconsciente pessoal irá, de algum modo, investir ou não em seus relacionamentos interpessoais.

É regra o fato de os pais, quer seja o pai ou a mãe, desejarem de seus filhos justamente *aquilo* que eles próprios não fazem. Transferem para eles *aquela* vida que eles próprios não viveram. É algo inexorável. É uma equação matemática. Vemos muito claramente o efeito que isso gera nos filhos. (JUNG, 2015b, p. 46)

Face a influência da psique adulta em relação a psique da criança desde o nascimento, os pais exercerão impactos (muitas vezes catastróficos) em seus filhos, muitas vezes reprimindo seus desejos e sonhos pessoais, e interferindo nos relacionamentos interpessoais de maneira tóxica e danosa. A criança acaba se sentindo na obrigação de fazer, sentir e viver o que pertence aos pais e não a ela.

Quanto mais “impressionantes” forem os pais e quanto menos quiserem assumir seus problemas (muitas vezes pensando diretamente no bem dos filhos!), por um tempo mais longo e de modo mais intenso terão os filhos de carregar o peso da vida que seus pais não viveram, como que forçados a realizar aquilo que eles recalcam e mantiveram inconsciente. (JUNG, 2013d, p. 88)

A experiência de desmembramento e sentimento de perda fazem parte da andança existencial humana. Situações de abandono e rejeição, até naturalmente as necessárias mortes simbólicas no desenvolvimento da criança em relação aos seus pais. Do ideal para o real, o processo de humanização dos pais é necessário para a criança elaborar de forma consciente seus aspectos peculiares e desenvolver seus papéis na família e sociedade.

Assim como os arquétipos ocorrem em nível etnológico, sob a forma de mitos, também se encontram em cada indivíduo, nele atuando de modo mais intenso, antropomorfizando a realidade, quando a consciência é mais restrita e fraca, permitindo que a fantasia invada os fatos do mundo exterior. Esta condição é dada indubitavelmente na criança em seus primeiros anos. Para mim é mais provável que a forma arquetípica do par divino recubra e assimile a imagem dos pais verdadeiros, num primeiro momento, até que, com o desenvolvimento da consciência, a forma real dos pais seja percebida, não raro para o desapontamento da criança. (JUNG, 2014a, p. 76)

Nos diferentes períodos das civilizações até os dias de hoje, as figuras paterna e materna são marcadas pelas guerras e guerrilhas, em que alguns homens retornavam, e outros não. Nesta ausência temporária ou definitiva, os papéis já requeriam determinadas dinamizações na estrutura familiar.

Para Zoja (2005, p. 175): [...] uma vertente inconsciente da experiência bélica. Ela é mais relevante para nós, pois, por sua natureza irracional, sua crítica aos comandos militares e aos governantes acabou por devastar também a família”.

A criminalidade e o tráfico de drogas compõem um dos cenários de violência, pais encarcerados, outros morrem nas guerrilhas, deixando órfãos muitas vezes cuidados por avós, quando não falecem pela idade ou doenças. Alguns são acolhidos por elos parentais ou encaminhados para as organizações do Estado.

Segundo Zoja, (2005, p. 210): “Esses problemas eram acompanhados de outros fenômenos, tais como a delinquência e o uso de drogas”.

A gravidez é uma outra realidade na juventude, alterando a vida pessoal e familiar. Os sonhos na adolescência são adiados, alguns realizam no futuro com os filhos mais independentes ou com apoio dos familiares, outros não.

A separação é uma experiência universal que todos conhecemos e vivemos desde a mais tenra infância. As vivências de separações da figura materna já são experienciadas por bebês com

sentimentos de abandono, alienação e aniquilação, que, embora sem registro na consciência, são um carimbo que todos os humanos conhecem. As separações e perdas são companheiras constantes na vida do ser humano e ninguém pode afirmar que nunca as viveu. Embora seja uma experiência universal, a separação é tão particular e peculiar que sua história individualiza cada ser humano. (FRANCO et al., 2011, p. 14)

A situação tem o agravante maior quando ocorre geralmente nas classes menos favorecidas. As dificuldades diversificadas que aparecem e por vezes não são enfrentadas e resolvidas, conseqüentemente trazendo danos neste ambiente familiar.

Casais extremamente jovens, que não são economicamente autossuficientes e que de fato não vivem juntos, geram filhos embora não sejam casados, ou então se casam por força das circunstâncias, pressionadas por uma fatalidade. [...] A paternidade pode faltar desde o nascimento da criança ou mesmo de sua concepção. (ZOJA, 2005, pp. 209-210)

Há de se considerar, como condição primordial nesta relação inicial da mãe com o bebê, a maturidade cognitiva necessária para a expansão na consciência da dialética com os conteúdos inconscientes.

De um ponto de vista que privilegie o desenvolvimento, um eixo ego-self vigoroso forma-se no indivíduo, em função da qualidade da relação entre a mãe e o bebê, com um equilíbrio entre a união (estar junto) e separação, entre a evolução e aprovação de habilidades específicas e aceitação do bebê como um todo, entre exploração do mundo externo e autorreflexão. (SAMUELS, SHORTER & PLAUT, 1988, p. 67)

A importância que pais ou cuidadores devem suscitar uma relação transparente e saudável, em conjunto com a criação e manutenção de um ambiente saudável de convívio com filhos e/ou enteados. Cada qual reage de uma maneira peculiar. Para tal, é preciso que a própria psique dos pais esteja em contínua educação.

A única coisa que pode preservar a criança desses danos desnaturais é a atitude sincera dos pais diante dos problemas da vida. Eles devem esforçar-se com toda a sinceridade no sentido de aceitar esses problemas como tarefa a cumprir, procurando iluminá-los com todo o cuidado justamente nos recantos mais obscuros. O erro dos pais estaria em fugir das dificuldades da vida por meio de manobras enganadoras e por tentativas artificiais de levar tudo para o inconsciente. (JUNG, 2013d, p. 89)

Eis a importância nuclear de relacionar-se como espelhos uns dos outros, ampliar as percepções, identificar os sentimentos e poder lançar-se no mundo do autoconhecimento, que tão somente só é possível nas dinâmicas interpessoais, a expansão da consciência sobre si e o outro.

Nas palavras de Jung (2015b, p. 14): “[...] Podemos ter qualquer tipo de vivência; mas, se passarmos por ela sozinhos, então é como se não tivéssemos de fato nos dado conta”.

Compartilhar o que pensamos e sentimos é o que irá fundear nossos relacionamentos, de maneira construtiva e com incalculáveis aprendizados. É o significado do dividir para somar conhecimentos.

[...] É preciso que a dividamos com alguém, assim teremos a possibilidade de tomar consciência de forma plena. E somente então somos capazes de perceber o que certas vivências significam para nós em termos de sentimentos. (JUNG, 2015b, p.14)

A educação na dimensão do indivíduo com o coletivo é ponto crucial, que marcará toda uma jornada de modo singular em lidar com suas questões, e integração no processo de desenvolver habilidades e aprendizagem na coletividade.

Com Jung (2013d, p. 163): “[...] é indispensável e não pode ser substituída por nenhuma outra coisa. Vivemos na coletividade humana e precisamos de normas coletivas, do mesmo modo que devemos ter uma linguagem comum”.

Quando nos afastamos das pessoas, e muitas vezes mesmo próximos a alguém sequer emitimos algum som, quase que em um completo isolamento, os conflitos crescerão, como o sofrimento emocional em um silêncio aterrador. Deste modo, tornando-se doloroso e impreciso o entendimento.

Muitas vezes percebemos que, quando esses sentimentos não se tornam conscientes, coisas em nós estagnam podendo desdobrar-se a partir dos mais estranhos efeitos totalmente incompreensíveis para nós. (JUNG, 2015b, p. 14)

Compreender a singularidade humana com precisão, mediante a variedade de fundamentos em seus vastos campos científicos e culturais, torna-se irrealizável estabelecer alguma espécie de finitude neste entendimento. O mérito de reconhecer a vida no aqui e agora, vivenciar a plenitude contida em cada instante, desde sua primeira aparição até fenecer.

Cada vida é um desencadeamento psíquico que não se pode dominar a não ser parcialmente. Por conseguinte, é muito difícil estabelecer um julgamento definitivo sobre si mesmo ou sobre a própria vida. [...] A história de uma vida começa num dado lugar, num ponto qualquer de que se guardou a lembrança e já, então, tudo era extremamente complicado. O que se tornará essa vida,

ninguém sabe. Por isso a história é sem começo e o fim é apenas aproximadamente indicado.
(JUNG, 2006, p. 32)

2.1 A reciprocidade na relação paterna

Os gregos fazem parte de um sortido conjunto de povos que, ao longo dos séculos e milênios, passaram por incontáveis processos migratórios. Este fenômeno irá repercutir sensivelmente nas constituições familiares, e em especial nas relações entre as figuras parentais mais próximas: pai, mãe e filho.

Para Brandão (2000a, p. 46): “O vocabulário comum mostra a estrutura patrilinear da família, o nomadismo, uma forte organização militar, sempre pronta para as conquistas e os saques”.

Há uma grandiosa riqueza de informações e significados nos mitos gregos e nos desdobramentos históricos e culturais ao longo dos tempos, no que diz respeito à imagem de pai.

[...] a imagem de pai mais arraigada no Ocidente é formada pelo mito grego e pelo Direito romano, mesmo tendo-se modificado com o advento do cristianismo, com as Revoluções Francesa e Industrial. As mudanças ocorridas nos anos 1970, 1980 e 1990 também foram importantes, mas elas são apenas uma fina camada de espuma no imenso turbilhão de nossa História. (ZOJA, 2005, p. 19)

Encontramos inúmeras passagens nas narrativas épicas dos mitos sobre os conflitos e duelos entre as gerações de avô e neto, pai e filho, sogro e genro, denotando o que implica a posição de macho nas questões biológicas, do paradoxo fecundidade/esterilidade e as categorias de poder instituídas na família.

O pai traz consigo uma armadura agressiva e defensiva — o que já era sabido pela mitologia, conforme encontraremos ao ler em Homero —, mesmo quando abraça o filho. O fato de que esse abraço seja frio e que o filho reaja com alegria ou pavor não é, portanto, um incidente excepcional: está na natureza das coisas. (ZOJA, 2005, p. 23)

Para Brandão (2000a, p. 82): “O antagonismo, todavia, quer seja entre pai e filho, avô e neto, ou entre pai e pretendente, é sempre um combate pelo poder, cujo desfecho é a vitória do mais jovem. [...] o Jovem Rei suceder o Velho Rei”.

Esta relação de subida ao trono, de ocupar o lugar predominante e manter a fertilidade, indica também a continuidade das gerações que estão por vir.

[...] a função do rei, já que o mesmo é de origem divina, é fecundar e manter viva e atuante sua força mágica. Perdido o vigor físico, tornando-se impotente ou não mais funcionando a força

mágica, o monarca terá que ceder seu posto a um jovem, que tenha méritos e requisitos necessários para manter acesa a chama da fecundação e a fertilidade dos campos, uma vez que, magicamente, esta está ligada àquela. (BRANDÃO, 2000a, p. 83)

O arquétipo masculino está subordinado à temporalidade e articulado com a cultura e a tradição. Além do complexo de pai ter uma imagem arquetípica de pai, contém uma conjuntura de todos os intentos com o pai ao longo dos tempos. A figura do pai tem significativa e relevante função no desenvolvimento humano como complexo paterno.

O pai anda por aí, fala com os outros homens, caça, viaja, faz guerra, espalha seu mau humor qual tempestade e, sem muito refletir, muda a situação toda num piscar de olhos. Ele é a guerra e a arma, a causa de todas as mudanças. É o touro provocado para a violência ou para a preguiça apática. É a imagem de todas as forças elementares benéficas ou prejudiciais. (JUNG, 2007, p. 39)

Ser pai configura ir além do biológico, é o comprometimento do acolhimento no encontro e na construção desta relação. Consideramos aquele pai que é capaz de conciliar no campo da consciência as potentes imagens femininas com as figuras masculinas inconscientes na relação com o filho.

[...] Para ser pai — diferentemente da mãe, como não deixaremos de repetir —, não basta gerar um filho. É necessário também uma vontade adequada. Mas se toda paternidade é uma decisão, toda paternidade requer uma adoção, mesmo que o filho já tenha sido gerado material e legitimamente por esse pai. (ZOJA, 2005, p. 23)

A imagem coletiva do pai expedida pelo inconsciente e pela cultura na seara será permeada pelo campo da Psicologia. A figura do pai sendo elaborada e incorporada não só por homens, mas também por mulheres ou grupos.

A NOSSA INVESTIGAÇÃO sobre o pai partirá das origens mais longínquas que possamos encontrar. Muitos textos excelentes já se ocuparam da história do pai, mas não de sua evolução *psicológica* através dos tempos. (ZOJA, 2005, p. 21)

Ainda assim, sabemos que a figura do pai não é limitada pela visão separatista de apenas e tão somente conteúdos masculinos. Para Jung, os arquétipos de *anima* e *animus* são processos dinâmicos e intensos na psique humana.

Se nas origens da nossa história havia sociedades patriarcais, a mente desses patriarcas devia ser habitada não só por modelos masculinos, mas especialmente por imagens femininas, extraordinariamente numerosas e potentes. (ZOJA, 2005, p. 67)

A exploração sobre os mitos atuais e as formas como são concebidas nos dias de hoje, possibilita um aprofundamento e conhecimento mais amplo sobre o que orientava a fantasia.

EM UMA SOCIEDADE confiada ao mito mais que à História, estátuas ou pinturas representam mais provavelmente as fantasias que inspiraram os contos míticos do que os sujeitos históricos a quem é designado o governo. Essa limitação que perturba o historiador tradicional, aflige-nos muito menos quando nossos interesses voltam-se para o estudo de uma história psicológica. [...] a História nos permite enxergar através dos fatos penetrando nas fantasias. (ZOJA, 2005, p. 66)

As funções psicológicas tradicionais são praticadas cada vez mais aquém pelo pai. Os mitos antigos trazem trajetórias magnificentes em suas jornadas épicas individuais e na coletividade. O que era preciso para travar batalhas no campo físico com armas e instrumentos de proteção, as funções no campo psíquico para suas jornadas e atitudes na sociedade.

No mundo moderno, o indivíduo apesar de estar distante para atualização destes mitos, eles continuam no inconsciente e, de algum modo, manifestando-se no cotidiano.

De acordo com Zoja (2005, p. 21): “A psicologia profunda quer entender de que maneira as armas de Heitor, de Ulisses ou de Enéias ainda sobrevivem sob as gravatas do pai moderno”.

O pai não é apenas uma figura que fecunda. Para ser pai é preciso ir além da condição natural de gerar filhos. É desempenhar de modo participativo no desenvolvimento da criança em todas as suas fases vitais. Com a mudança de profissões, as mulheres vêm ocupando novos espaços e papéis. Em vista disso, a figura do pai carece de construir de modo peculiar uma relação de parceria com o filho.

[...] a paternidade é um fato psicológico e cultural; a geração física, à diferença da maternidade, não basta para assegurá-la. [...] a paternidade de um filho legítimo é dada por subentendida, o pai não está isento de cumprir o mesmo processo: a paternidade simplesmente continuará a ser expressa, construída e descoberta não pelo ato do nascimento, mas passo a passo, na relação do pai com o filho ao longo da vida. (ZOJA, 2005, pp. 23-24)

Em continuidade com Zoja (2005, p. 70): “O mundo dos pais não pode deixar de incluir o materno, não importa se em posição igualitária, subordinada ou superior”.

Com o desenvolvimento da criança e necessidade de sua autonomia, surge a indispensabilidade da energia de outro arquétipo, o do pai, seja do pai pessoal ou de outra pessoa que esteja exercendo a função do pai propício internalizado, isto é, o indivíduo que tenha vivenciado adequadamente os símbolos patriarcais. Elencando alguns entre os inúmeros, como a autoridade, o respeito, a ordem e a disciplina para ingressar na cultura em que a criança nasceu.

Para Jung (2013d, p. 128): “[...] A partir do inconsciente é que se desenvolve a consciência durante a infância, tal como ocorreu nas eras longínquas do primitivismo, quando o homem se tornou homem”.

Em contrapartida, o indivíduo que tenha tido falhas neste dinamismo patriarcal terá embaraços em torno destes símbolos, interferindo de maneira negativa sobre sua prole. Sobretudo, considerando a idade da criança, período em que requer o desenvolvimento singularmente de sua consciência.

[...] Devemos ter sempre em mente que nossa vida psíquica varia constantemente, não apenas de acordo com a predominância de certos impulsos instintivos ou de determinados complexos, mas também em correlação com a idade de cada um. Devemos precaver-nos contra a suposição de que as crianças têm a mesma vida psíquica que os adultos. A criança não pode ser tratada como um adulto. (JUNG, 2013d, p. 133)

Os homens faziam viagens, participavam de caçadas e com o tempo, surgindo novas ocupações de trabalho na sociedade, retornavam à noite para seus lares e tinham a oportunidade de desenrolarem alguma relação com os filhos.

Talvez a Antiguidade já propusesse um fenômeno de “invisibilidade do pai”, em parte devido à complexidade de suas tarefas, tal como observamos ainda hoje. Alguns estudos modernos apontam para uma ausência de relações entre pais e filhos; mas ao aprofundarmos o tema aprendemos que as relações aconteciam de noite. (ZOJA, 2005, p. 65)

Atualmente, a gradativa crise econômica modifica notadamente a constituição matrimonial. O pai que perde o espaço no mercado de trabalho, que se afasta e afunda no alcoolismo/toxicomania, que busca amantes, que esfacela a vida no matrimônio e relacionamentos com os filhos. Mesmo quando supera o estado de pobreza, acaba salientando apenas a figura de macho.

[...] Pensou-se que a pobreza seria a causa de sua ausência. No entanto, superada a pobreza, o pai não retorna: ao contrário, sua presença é declarada inútil e definitivamente eliminada. [...] exemplo tipicamente *moderno*. E nenhum outro exemplo da nossa situação moderna revela tão claramente a

precariedade animal em sua base, a trágica condição do macho como figura substituível. (ZOJA, 2005, pp. 212-213)

Neste contexto, o indivíduo é considerado como parasita e descartável como pai. Esta perspectiva vai literalmente de encontro com inúmeros aspectos da figura de pai na época dos mitos gregos.

Ulisses fez sua família aguardá-lo por 20 anos, mas retornou de sua viagem e conseguiu eliminar os parasitas que haviam dominado sua casa. Se em vez disso, após centenas de anos, o pai continuasse ausente, Penélope se juntaria com Telêmaco e afugentaria os parasitas por conta própria. (ZOJA, 2005, p. 213)

Desta maneira, pontuamos mais uma vez a alta relevância e atenção nas emissões dos conteúdos inconscientes e dialética com a consciência para o entendimento dos arquétipos e atualização destes mitos, seja qual for a época ou geração.

Consoante Zoja (2005, p. 20) que: “Se pensarmos no pai não apenas como pessoa física, mas também como princípio psicológico. [...] que é essencial dessa figura — o arquétipo paterno [...] de quaisquer países ou de quaisquer gerações.

Outra realidade é encontrada nos casamentos que se rompem, os pais separados que encontram novos pares e casam-se novamente, insurgindo um novo contexto familiar com a vinda de filhos do atual casamento ou casamento(s) anterior(es). A forma de implementar o processo de inclusão de enteados, alguns com histórico de falecimento do pai ou da mãe, e orquestrar este arranjo ambivalente na família em conjunto com as reações familiares, envolvendo avós e outros elos parentais mais próximos nestas relações interpessoais.

Na situação de luto por morte houve a morte concreta de alguém que se foi, e alguém que ficou sente que um pedaço de si morreu; na separação há semelhanças marcantes com o processo de luto, mas, concretamente, nenhuma morte ocorreu.

A separação é, de fato, a perda entre vivos; ninguém morreu, mas é como se fosse assim. É preciso matar o outro de si, morrer para o outro, sem nenhuma morte efetiva, embora o desejo possa estar presente tanto da própria morte, como da do outro, dentro de si e às vezes fora. [...] O amor envolve uma ambivalência de sentimentos — atração/repulsa, ternura/ciúme, amor/ódio —, [...] A separação exacerba essas polaridades, e o ser perdido é amado e odiado, alternadamente, em diversos graus de intensidade. (FRANCO et al., 2011, pp. 13-14)

Do mesmo grau de deferência que consideramos a mutualidade da relação paterna com o filho, deve também ser prestigiada as particularidades no processamento de busca do filho que procura o pai. Segundo Zoja (2005, p. 257):

“[...] o filho deseja coisas diferentes. Procurar o pai. Procurar conhecê-lo por dentro, já que antes o conhecera de fora. Procurar conhecer o ‘pai’ que há dentro de si: tornar-se adulto”.

Na lógica binária de masculino/feminino, ativo/passivo, docilidade/agressividade, entre muitos outros pares, encontram intrincados muitas vezes de maneira muito rígida. As figuras são emitidas com formas dominantes, suprimindo outros conteúdos importantes para o desenvolvimento do indivíduo. Jung destaca sobre a conjugação destas manifestações com suas peculiaridades fundamentais para o entendimento da psique.

Se você toma os pares de opostos, está quase supondo duas partes em guerra uma com a outra — esta é uma concepção dualista. A ambivalência é uma concepção monista; ali os opostos não aparecem como separados, mas como aspectos contrastantes de uma mesma coisa. (JUNG, 2014b, p. 125)

Para tal, é preciso compreender estas manifestações no campo psíquico, como se desenrolam, e qual a intenção que se destinam na vida do indivíduo. Cabe a atitude exclusiva para aprender a lidar com estas ocorrências arquetípicas.

[...] Arranquem, ao menos uma vez, o *prósopon*, a *persona*, “a máscara”, como lhe chamavam respectivamente os gregos e latinos e tenham coragem de *reflectere* “de dobrar-se e olhar-se por dentro”. Lembremo-nos de que a máscara cobre muito pouco e desnuda o restante... (BRANDÃO, 2000b, p. 264)

Os pares de opostos devem ser integrados de maneira flexível e proporcionar a diferenciação e congruência, para definições saudáveis nos relacionamentos.

Esse indivíduo não pode fazer nenhum progresso enquanto não se der conta de que ele especificou só a metade do caso ao julgar-se vitimizado entre os pares, pai e mãe. Ele precisa saber que traz dentro de si as imagens dos dois e que em sua própria mente esse conflito está prosseguindo. [...] Enquanto não chegar a essa percepção, ele pode usar os próprios pais ou suas imagens como armas com as quais se protege para não enfrentar a vida. (JUNG, 2014b, p. 125)

O baluarte paterno e materno é essencial para o desenvolvimento físico e psíquico do filho. Ter ciência de seu nascimento e situar-se como filho. Não basta apenas ser conhecido por intermédio da mãe, é preciso juntar com a figura do pai para reconhecer as singularidades pertencentes a estas funções paternal e maternal.

Para Zoja (2005, p. 258): “nem sempre o filho deve cumprir uma viagem física em busca do pai. Sua peregrinação pode ser simbólica. [...] a busca de um relacionamento que dê ao pai um lugar apropriado e lhe conceda a devida justiça”.

O filho que se aprisiona pelos sentimentos que assomam na ausência do pai, que toma partido apenas de maneira parcial, e busca no externo formas para inteirar o simbólico contido no pai. Para esse fim, o filho precisa compreender o pai e nesta percepção deve-se fazer pai internamente. É um processo contínuo que não tem um termo absoluto.

Todos se acham em uma ansiosa busca por uma verdade e uma autoridade que já não encontram no meio externo. [...] deve tornar a encontrá-los e com eles dialogar para depois superar a unilateralidade e o desespero que os caracterizam como filhos sem pai. A BUSCA DO PAI é um tema antigo e arquetípico, advertindo simbolicamente ao indivíduo e à sociedade que o pai é um esforço contínuo que jamais chega a um termo. Um pai: para ser ou para ter, pouco importa, se o sujeito é ele ou o filho. (ZOJA, 2005, p. 259)

O arquétipo do pai faz parte de qualquer época ou tempo, ao longo da História é perceptível a instabilidade paterna. Nos dias atuais, é notório conscientemente a necessidade de reencontrar este pai perdido ou cada vez mais faltante. Esta busca do pai não consiste apenas a uma exigência física, mas também a urgência psicológica.

[...] Se então a paternidade deve ser ensinada para que não se perca o pai [...] a próxima geração poderia se compor de filhos e filhas que ainda têm um pai porque em sua imaginação continuaram a vê-lo: porque conseguiram ensinar a paternidade a si próprios. (ZOJA, 2005, p. 260)

A busca do pai não está tão somente atrelada as questões jurídicas, econômicas e estatísticas, que é imposta para o pai o suporte meramente físico. Estas determinações consolidam ainda mais o retorno daquele pai unicamente biológico, dispensado das incumbências de suas mais profundas funções paternas. É um fenômeno em constante movimento e pior seria cessar esta busca.

Para Zoja (2005, p. 265): “A ausência do pai é um fenômeno conhecido desde tempos imemoriais, e nesse sentido a nossa época também não faz exceções. [...] provavelmente teria efeitos ainda mais graves seria a ausência da busca do pai”.

Portanto, o pai é um acontecimento cultural e não pode ser visto sob uma perspectiva unilateral. Da mesma forma que o pai procura o filho, caracterizando

a vontade do acolhimento, por sua vez o filho biológico ou adotado deve expressar o desejo de escolher e ter o pai. Ainda assim, desvendar e definir os simbólicos na figura paterna, seja com o pai biológico ou para outro indivíduo de sua história pessoal.

ESTAMOS CONVENCIDOS de que a viagem até o pai, a busca do pai por parte do filho, seja decisiva para a identidade de ambos por um motivo muito simples. Se o pai, por meio da cultura em que se insere, sente que a paternidade é um ato intencional, então o filho também deve aprender pela mesma via algo correspondente. (ZOJA, 2005, p. 265)

Deste modo, compreender as próprias necessidades e as possibilidades de vir a se tornar nesta relação pai e filho, cada qual com suas particularidades e de modo íntegro lançar-se nesta busca.

NA BUSCA DO PAI, como em todo o processo de individuação, a sinceridade consigo mesmo é fundamental. E para sermos sinceros, é preciso nos indagarmos, antes de tudo, se essa busca da figura paterna constitui nossa verdadeira intenção. (ZOJA, 2005, p. 266)

No acontecimento da morte e as manifestações do luto no filho, podemos ilustrar a reciprocidade paterna com determinadas passagens no conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”.

A topografia do rio é composta por duas margens, áreas firmes e transitáveis, evidencia-se a terceira margem, um espaço com uma narrativa imaginária, um lugar sem lugar e, por conseguinte, um lugar longínquo e enigmático, impraticável de ser tocado fisicamente. A figura do pai vai ocupar esta terceira margem na intensa dualidade da ausência e permanência. Neste evento há o importante significado da canoa, o que transporta, o que desloca.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justamente o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. (ROSA, 1988, p. 32)

O elo cindido pela morte, as emoções despertadas desta partida e nos rituais de despedida, reconhecer esta irremediável realidade e os necessários defrontamentos para prosperar no processo de aceitação e seguir no curso natural da vida.

[...] o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. [...] “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?”. Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. (ROSA, 1988, pp. 32-33)

As perdas, não só pela morte, são imprescindíveis para o crescimento do indivíduo de qualquer idade. É um processo aflitivo, trabalhoso e faz parte no fluxo natural dos ciclos de vida e morte no mundo. Despontam a realidade de que o amor dos pais não é exclusivo dos filhos, que um dia pais partirão e filhos também irão deixá-los.

No nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estrear de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (ROSA, 1988, p. 33)

Juntando com Franco et al. (2011, p. 101): “A qualidade do vínculo estabelecido primariamente determinará, então, os vínculos futuros e os recursos disponíveis para enfrentamento e elaboração de rompimentos e perdas”.

A perda de um elo parental traz à tona densos conteúdos históricos e afetivos, desencadeando atitudes de aproximação ou afastamento. Podem suscitar percepções para mudanças pertinentes que fortaleçam e ampliem os vínculos para a continuidade de sonhos e projetos prósperos, ou a paralisação e o esmorecimento, muitas vezes avolumando sérias dificuldades nos relacionamentos interpessoais e sociais, culminando em transtornos físico e psíquico, requerendo a intervenção de profissionais especializados.

No seguimento da leitura do conto, que ilustra a perda e o impacto entre o real e imaginário, o filho angustiado, adocece.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. [...] Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro — o rio. (ROSA, 1988, p. 37)

Como a semente que é plantada na terra, que germina, as raízes se aprofundam e expandem-se neste subterrâneo. Processo de germinação que atinge porções aéreas. O que foi plantado pelo pai desde o nascimento, e precisa continuar arvorando após a sua partida.

Embrenhar na complexidade deste cenário e perceber a finitude da existência, que por sua vez, proporciona o vivenciar pleno de cada instante. Utilizar a energia do padecimento para proporcionar horizontes amplos para consciência. Articular e realçar o viço, no sentido de viver e conviver, mesmo

com o findar de uma vida física. Conjugam a continuidade da história da figura do pai com a sua própria, repleta de atualização de significados, criatividade e fluidez como a água do rio que transporta, refrigera, fertiliza e transforma.

A vida sempre se me afigurou uma planta que extrai sua vitalidade do rizoma; a vida propriamente dita não é visível, pois jaz no rizoma. O que se torna visível sobre a terra dura um só verão, depois fenece... [...], mas nunca perdi o sentimento da perenidade da vida sob a eterna mudança. O que vemos é a floração – e ela desaparece. Mas o rizoma persiste. (JUNG, 2006, p. 32)

2.2 Memória

Podemos considerar a memória como um sistema dinâmico de imensa valia para os processos de integração inconscientes e conscientes no equilíbrio da psique. Cada indivíduo conta com um acervo que desenvolverá sua memória diante de cada episódio vivenciado na ordem pessoal ou coletiva. A ação de lembrar, relembrar, escolher, permanecer e criar.

Para Jung, o inconsciente abarca a memória no dia a dia, as lembranças, as manifestações pelas imagens e sonhos.

[...] a mente humana tem sua história própria e a psique retém muitos traços dos estágios anteriores da sua evolução. Mais ainda, os conteúdos do inconsciente exercem sobre a psique uma influência formativa. Podemos, conscientemente, ignorar a sua existência, mas inconscientemente reagimos a eles, assim como o fazemos às formas simbólicas — incluindo os sonhos — por meio das quais se expressam. (JUNG, 2008, p. 138)

Incontáveis informações inconscientes na psique ficam guardadas como arquipélagos luminosos, são brilhos dos fragmentos do eu cindido, como acontece na fase infantil e primitiva, ainda carente de um complexo do eu desenvolvido pela consciência. Mesmo não configurando uma totalidade plena de integração com estágios superiores, continua capaz para uma expansão indefinível e para serem reutilizadas pelas dinâmicas psíquicas conscientes e inconscientes.

[...] Por isso, faremos bem em conceber a consciência do eu como cercada de uma multidão de pequenas luminosidades. A hipótese da existência de múltiplas luminosidades se baseia, parcialmente, como já vimos, no estado semelhante à consciência dos conteúdos inconscientes, e parcialmente sobre a ocorrência de certas imagens que devem ser consideradas simbólicas e que podemos descobrir nos sonhos e fantasias visuais dos indivíduos modernos ou nos documentos históricos. (JUNG, 2013c, p. 137)

O campo da consciência é realçado pelos aspectos constituintes da memória, favorecendo a capacidade de o indivíduo criar a interligação do passado com o futuro, e a compreensão do momento presente como extensão do passado. As intenções são organizadas na memória, nem sempre conscientes, e serão compreendidas apenas após o desempenho da ação.

[...] Podendo conceber um desenvolvimento e, ainda, um rumo no fluir do tempo, o homem se torna apto a reformular as intenções do seu fazer e adotar certos critérios para futuros comportamentos. Recolhe de experiências anteriores a lembrança de resultados obtidos, que o orientará em possíveis ações solicitadas no dia-a-dia da vida.

As intenções se estruturam junto com a memória. São importantes para o criar. Nem sempre serão conscientes nem, necessariamente, precisam equacionar-se com objetivos imediatos. Fazem-se conhecer, no curso das ações, como uma espécie de guia aceitando ou rejeitando certas opções e sugestões contidas no ambiente. Às vezes, descobrimos as nossas intenções só depois de realizada a ação. (Lembramos, como exemplo, que certos erros, talvez até fracassos, mais tarde podem revelar-se para nós em suas dimensões verdadeiras, como as intenções produtivas ou mesmo criativas.) (OSTROWER, 1987, p.18)

Seguindo ainda em Ostrower (1987, p. 19): “Acompanhamos a interpenetração da memória no poder imaginativo do homem e, simultaneamente em linguagens simbólicas”.

A consciência se amplia para as mais complexas formas de inteligência associativa, empreendendo seus voos através de espaços em crescente desdobramento, pelos múltiplos e concomitantes passados-presentes-futuros que se mobilizam em cada uma de nossas vivências. (OSTROWER, 1987, p. 19)

Ainda encontramos nos dias atuais, expressivos exemplos e referenciais nos povos indígenas sobre a manutenção e cuidados de sua memória e existência.

[...] As tradições você encontra na oralidade, e essa oralidade é aquela que fala dos mitos, das raízes, e se um povo não for capaz de levantar as suas raízes, ele é vulnerável. [...] um povo sem raízes é como uma árvore. Às vezes é uma árvore bonita, frondosa, pode até produzir frutos bonitos, mas se ela não tiver as raízes profundas, no primeiro vento ela cai. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO, (Org.), 2010, p. 198)

O processo de formação do símbolo elabora um sentido na conjunção dos opostos. O aparecimento do símbolo ocorre em períodos de conflitos na psique, nas tensões internas, de indagações pessoais ou desorientação. O símbolo obtém sentido na discussão e na relação de compensação entre inconsciente e consciente.

O próprio símbolo aqui presta auxílio, pois embora não seja lógico, contém a situação psicológica. Sua natureza é paradoxal e representa o terceiro fator ou posição que não existe na lógica, mas fornece uma perspectiva a partir da qual se pode fazer uma síntese dos elementos opostos. [...] O símbolo é uma invenção inconsciente em resposta a uma problemática consciente. (SAMUELS, SHORTER & PLAUT, pp. 200-201)

Em harmonia com Jung:

A máquina psicológica, que transforma energia, é o *símbolo*. Refiro-me a um símbolo verdadeiro e não a um sinal. Assim sendo, o buraco cavado na terra dos Watchandis não é um sinal dos órgãos genitais femininos, mas é um símbolo que representa a ideia da mulher-terra a ser fecundada. (JUNG, 2013b, p. 58)

Entrar em contato com as lembranças e suas relações com a história de um passado que acinzentava e colore, que silencia e entoa a musicalidade singularmente de cada um. Que traz um sem fim de imagens irrigando e fertilizando muitas vezes um árido presente, tal como um arqueólogo de si que explora com cautela e sutileza tão preciosos achados.

Em suas memórias, Jung reconheceu que a pesquisa sonho/visão que fez durante esses anos estabeleceu as bases para o seu posterior desenvolvimento intelectual. [...] Os anos durante os quais busquei minhas imagens interiores foram os mais importantes da minha vida – neles, tudo o que era essencial foi decidido. Tudo começou então. (STAUDE, 1981, p. 71)

O indivíduo às vezes sonha com coisas plenamente superficiais do cotidiano. Ao despertar, é envolto em aflições, atordoado, sem o entendimento da acentuada força e significações contidas nos objetos ou ideias comuns na psique.

As imagens produzidas nos sonhos são muito mais vigorosas e pitorescas do que os conceitos e experiências congêneres de quando estamos acordados. E um dos motivos é que, no sonho, tais conceitos podem expressar o seu sentido inconsciente. Nos nossos pensamentos conscientes restringimo-nos aos limites das afirmações racionais — afirmações bem menos coloridas, uma vez que as despojamos de quase todas as suas associações psíquicas. (JUNG, 2008, p. 48)

A psique tem sua história própria apinhada de conteúdos inconscientes, que intencionam e têm ingerência formativa. O indivíduo pode desconsiderar de modo consciente ou ter dificuldades de compreensão direta com eles, mas inconscientemente reage a eles, que são manifestados pelos sonhos. Quanto mais o símbolo fica em harmonia com o material inconsciente, mais convocará uma intensa resposta emocionalmente carregada.

O indivíduo pode ter a impressão de que seus sonhos são espontâneos e sem conexão. [...] Alguns desses símbolos oníricos provêm daquilo que o dr. Jung chamou de “o inconsciente coletivo” — isto é, a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade. Esses símbolos são tão antigos e tão pouco familiares ao homem moderno que ele não é capaz de compreendê-los ou assimilá-los diretamente. (JUNG, 2008, p. 138)

Ainda condizente com Jung (2008, p. 138): “[...] Existem porque a mente inconsciente do homem moderno conserva a faculdade de construir símbolos, antes expressos através das crenças e dos rituais do homem primitivo”.

Desde o nascimento do indivíduo, os símbolos tem relevante importância no seu desenvolvimento psíquico e funcionarão como mediadores na construção, reconstrução de seus relacionamentos com o outro e suas atitudes na sociedade de acordo com a cultura de cada um.

Alguns símbolos relacionam-se com a infância e a transição para a adolescência, outros com a maturidade, e outros ainda com a experiência da velhice, quando o homem está se preparando para a sua morte inevitável. (JUNG, 2008, p. 140)

Independente das crenças e como cada indivíduo reage em seu nível de absorção cultural, há de se convir de que não há como ter uma visão reducionista ou simplória sobre os símbolos.

Mesmo o indivíduo racionalizando e buscando uma finitude nas influências psíquicas, é profundamente perceptível o significado e destaque do simbolismo ao longo da história das civilizações e culturas.

[...] o homem continua a reagir às profundas influências psíquicas que, conscientemente, há de rejeitar como simples lendas folclóricas de gente supersticiosa e sem cultura. Mas é preciso irmos bem longe. Quanto mais detalhadamente se estuda a história do simbolismo e do seu papel na vida das diferentes culturas, mais nos damos conta de que há também um sentido de recriação nesses símbolos. (JUNG, 2008, p. 140)

Nas noções de Freud e Jung, os sonhos têm valorosos fatores sobre os estudos e compreensão sobre os aspectos da personalidade do indivíduo.

Embora sonhar seja considerado um fenômeno universal, as concepções sobre os sonhos variam conforme a cultura e época. [...] Quer sejam vistos como realizações de desejo ou compensações, os sonhos são amplamente entendidos como revelações da personalidade, oriundas do inconsciente, e essa noção parece ser o legado de Freud e Jung. Ambos os autores desempenharam um papel decisivo no surgimento de nossas culturas oníricas contemporâneas. (SHAMDASANI, 2005, p. 117)

Os sonhos são produções da psique com funções reguladora e de equilíbrio na via de comunicação com o inconsciente e inconsciente coletivo. Podem conter imagens aterrorizantes ou apaziguadoras e confortáveis. Alguns sonhos contêm imagens recorrentes. Enquanto não houver atenção consciente destas mensagens, estas imagens continuarão a aparecer até desenvolverem algum sentido.

O melhor é tratar um sonho como se fosse um objeto totalmente desconhecido [...] falar deles com outras pessoas. Os primitivos contavam sempre seus sonhos impressionantes e, quando possível, em reuniões públicas; este costume também é encontrado na Alta Antiguidade, pois todos os povos antigos atribuíam grande importância ao sonho. Tratado assim, o sonho sugere todo tipo de associações que nos levam mais próximo de seu significado. (JUNG, 2007, p. 143)

O indivíduo pode abrir um leque de possibilidades para mudanças e novas perspectivas em seu percurso na vida e no mundo, usufruindo da compreensão de seus sonhos como mensagens e bússolas psíquicas, ampliando sua consciência e naturalmente sua visão e atitude de mundo interno e externo.

[...] se estudarmos os nossos próprios sonhos e sua sequência inteira durante alguns anos, verificaremos que certos conteúdos emergem, desaparecem e depois voltam a aparecer. Muitas pessoas sonham repetidamente com as mesmas figuras, paisagens ou situações; se examinarmos a série total desses sonhos observaremos que sofrem mudanças lentas, mas perceptíveis. E estas mudanças podem se acelerar se a atitude consciente do sonhador for influenciada pela interpretação apropriada dos seus sonhos e dos seus conteúdos simbólicos. (JUNG, 2008, p. 211)

Cada indivíduo deverá trabalhar o próprio material onírico para encontrar os significados na sua história pessoal e coletiva.

O inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e alusões metafóricas que oferece. É também capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não podemos saber. Pensemos nos fenômenos de sincronicidade, nos sonhos e pressentimentos! (JUNG, 2006, p. 350)

O inconsciente é um sistema de funcionamento da psique com a dimensão infinitamente complexa que exerce significativas influências no indivíduo e em suas atitudes no mundo. É um armazém de memórias, que sustenta o indivíduo de modo contínuo com imagens e símbolos. O inconsciente sofre e produz mudanças, sofre influências e pode influenciar o indivíduo.

[...] o inconsciente retrata um estado de coisas extremamente fluido: tudo o que eu sei, mas em que não estou pensando no momento; tudo aquilo de que um dia eu estava consciente, mas de que atualmente estou esquecido; tudo o que os meus sentidos percebem, mas minha mente consciente não considera; tudo o que sinto, penso, recordo, desejo e faço involuntariamente e sem prestar atenção; todas as coisas futuras que se formam dentro de mim e somente mais tarde chegarão à consciência; tudo isto são conteúdos do inconsciente. (JUNG, 2013c, p. 132)

Não há delimitação nas profundezas do inconsciente. Aspectos coletivos da ancestralidade misturam-se com toda uma contextualização histórica, social e cultural na existência do indivíduo. Determinados registros arcaicos e notáveis, ao serem exteriorizados por intermédio dos sonhos, podem ter expressiva contribuição ao serem intermediados com a consciência na vida do indivíduo em qualquer época ou idade. Entretanto, muitos deles jamais serão conhecidos, devido à complexidade e ilimitada extensão do inconsciente. A morte virá, e o indivíduo em tempo algum conseguirá decifrar com plenitude o inconsciente.

[...] Na gruta, descobri restos de uma civilização primitiva, isto é, o mundo do homem primitivo em mim; esse mundo não podia ser atingido ou iluminado pela consciência. A alma primitiva do

homem confina com a vida da alma animal, da mesma forma que as grutas dos tempos primitivos foram frequentemente habitadas por animais, antes que os homens se apoderassem delas. (JUNG, 2006, p. 195)

Calcado nas características humanas, em que o indivíduo é incessante na procura de remediar a morte, de racionalizar sobre os significados de sua existência, primando pela negação, mesmo diante de tantas noções que comprovam processos profundos psíquicos além da consciência.

Não é exagero dizer que a consciência da civilização que reina hoje em dia, na medida em que reflete sobre si mesma filosoficamente, ainda não aceitou a ideia do inconsciente e de suas consequências, se bem que esteja confrontada com ele há mais de meio século. É ainda uma tarefa do futuro integrar a noção geral e básica de que nossa existência psíquica tem dois polos. (JUNG, 2006, p. 204)

Este enredamento o indivíduo também tende a repetir no mundo das imagens. A imagem está no mais profundo do indivíduo, no campo de suas intuições, um mundo interno, integrado, que aspira se exteriorizar. Ao tomar forma e consciência, este conteúdo é apresentado como símbolo por intermédio da linguagem. Sabemos que a palavra em si e em suas associações não alcança a totalidade destas expressões, reforçada pela ânsia do indivíduo em querer decifrar de maneiras racionais e absolutas, de dissociar os conteúdos que se encontram em unidade indissolúvel.

Através dessa posse articulada, ela (a linguagem) procurou restituir a experiência mesma em toda sua unidade e originalidade. Naturalmente, isto levanta pelo menos uma questão fundamental: a linguagem, mesmo a natural, representará *sempre* aquilo que é a experiência interna da pessoa? E sobre a possibilidade de ela não cumprir essa tarefa? (GOUVÊA, 1989, p. 31)

Completando com o autor sobre o encontro com este fenômeno:

Torna-se necessário, então, encontrar a forma para que essa imagem particular, que dá vida à imagem geral, possa sair da hipertrofia das imagens linguísticas e retomar o momento inicial e criativo na dinâmica energética da matéria mesma. E, no silêncio, retomar o indizível. (GOUVÊA, 1989, p. 32)

O método junguiano embasa o método da dialética. Cada indivíduo é integrado de conteúdos muito próprios e de infindável complexidade. Esta singularidade é alcançável pela consciência em muitas profundidades do inconsciente, mas intransitável na completude dos aspectos inconsciente. Por isso, torna-se medíocre o pensamento de que é possível afirmar genericamente as numerosas significações do desconhecido mundo interno de cada indivíduo.

Tomando a dialética no sentido de arte da conversação, Jung destaca que os sentidos das imagens só surgem a partir de uma troca entre os participantes do diálogo. O que o psiquismo nos apresenta são, portanto, símbolos, que remetem incessantemente a uma esfera de desconhecimento nunca transformado em certeza.

A prática junguiana nunca apontaria, num primeiro instante para um dicionário de símbolos qualquer, independentemente de sua “completude”, mas partiria sempre dessa postura de desconhecimento total. É da ordem da aproximação, mas não de uma decifração. (GOUVÊA, (Org.), 2008, p. 85)

CAPÍTULO 3 — O CAMINHO DO ENLUTAMENTO

O luto é um processo, que deve ser compreendido em seus aspectos globais, em conjunto com o indivíduo enlutado e os modos de enfrentamento ou afastamento às manifestações do luto em relação à perda. Percorrer o caminho do enlutamento em busca de um sentido para lidar com a perda possibilita encontrar conteúdos expressivos para reelaborar significados, desenvolver processos de criar, e atitudes na dinâmica fluida ao que se internaliza e exterioriza para caracterizar, de fato, uma jornada de conhecimento e autoconhecimento.

Equilíbrio é vida e morte ao mesmo tempo. Da perfeição da vida faz parte o equilíbrio com a morte. Quando aceito a morte, reverdece minha árvore, pois a morte intensifica a vida. Se eu me concentro na morte global, meus botões se abrem. Quanto nossa vida precisa da morte! (JUNG, 2012a, p. 274)

Ocupar um lugar no luto não significa um estado de imobilização. É uma caminhada singular de retornar a si, de descobertas e revelações, de retomada nas relações de maneira límpida. Dos destroços emergem construções.

[...] O indivíduo não pode ser entendido apenas como uma entidade estática. Se quisermos ter uma noção completa do indivíduo, precisamos acrescentar o fator tempo. Isto significa um passado e um futuro e, assim, o indivíduo só é completo quando acrescentamos sua estrutura presente tomada como resultado de acontecimentos passados e, ao mesmo tempo, a estrutura presente tomada como ponto de partida de novas tendências. (JUNG, 2014b, p. 165)

Quando não, o indivíduo irá reviver o passado e não um lembrar do que viveu, aprisionado em suas questões existenciais, desencadeando suas projeções de sofrimento e deteriorando suas relações interpessoais, nutrindo o isolamento e por fim, abrindo brechas para doenças físicas e psíquicas.

Subtraem-se ao processo vital, pelo menos psicologicamente, e por isto ficam paradas como colunas nostálgicas, com recordações muito vívidas [...], mas sem nenhuma relação vital com o presente. [...] A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale em não aceitar o seu fim. [...] E não querer viver é sinônimo de não querer morrer. (JUNG, 2015a, pp. 316-317)

O indivíduo ao longo da humanidade busca respostas absolutas, cada vez mais de maneiras puramente racionais, renegando a grandiosidade sem fim da psique. Por mais que adentre nas profundezas dos estudos científicos e outros voltados para o indivíduo e a coletividade, jamais conseguirá percorrer a totalidade do inconsciente. Portanto, viver na plenitude o instante da vida torna-se para muitos uma tarefa quase que impossível e dolorosa.

[...] A razão nos impõe limites muito estreitos e apenas nos convida a viver o conhecido — ainda com bastantes restrições — e num plano conhecido, como se conhecêssemos a verdadeira extensão da vida. Na realidade, nossa vida, dia após dia, ultrapassa em muito os limites de nossa consciência e, sem que saibamos, a vida do inconsciente acompanha a nossa existência. Quanto maior for o domínio da razão crítica, tanto mais nossa vida se empobrecerá; e quanto mais formos aptos a tornar consciente o que é mito, tanto maior será a quantidade de vida que integraremos. A superestima da razão tem algo em comum com o poder de estado absoluto: sob seu domínio o indivíduo perece. (JUNG, 2006, p. 350)

Uma sucessão de transfigurações ocorre nas reações de confronto ou não da perda de um ente amado, principalmente em situações de esgotamento. Não há uma fórmula mágica, instantânea ou maneiras certas de elaborar a complexidade que envolve o luto.

A angústia e todo um balançar de bases no mundo emocional, obviamente, irá desencadear uma rede de defesas. A primeira, a força da negação, muitas vezes como uma área de conforto, como um esconderijo, que tanto pode alavancar a qualquer momento quanto um emaranhado de sofrimento psíquico e emocional, causando distanciamento diante das exigências da vida.

Para viver nas polaridades da existência, requer movimentar-se em si e no mundo, tarefa que deve ser retomada e executada. Quando é feita aos solavancos, torna-se por demais dolorosa e fluir é um exercício de entrega diário.

[...] Quando perdemos a energia vital, isto é, a participação na vida, o interesse, a energia, então isso é semelhante a uma fadiga. O que se faz quando se está fadigado? Enrolamo-nos como um cão no sofá e permanecemos conosco. Recompomo-nos novamente, descansamos. E, quando entramos numa desordem psíquica, recompomo-nos igualmente em termos psíquicos à medida que damos atenção a nós mesmos, refletimos sobre questões, nos confrontamos com elas, tomamos consciência delas, isto é, tudo aquilo que se refere a nós. Toda pessoa que sofre torna-se autorreferente, egocêntrica. Isso é absolutamente necessário para que possa se recompor novamente. (JUNG, 2015b, pp. 38-39)

É natural no indivíduo enlutado as manifestações oníricas ocorrerem com maior frequência neste período do luto. Fazem parte do processo de compreensão do sentido da vida e novas configurações simbólicas no cotidiano.

Os processos de luto parecem se manifestar naturalmente nos sonhos. Numa perda sem complicações; o ente querido morto pode aparecer como se estivesse vivo, decrescendo gradualmente a frequência dos sonhos (e seu significado simbólico muitas vezes aumentando), à medida que o processo de luto caminha para uma conclusão saudável. (HALL, 2007, pp. 98-99)

O indivíduo enlutado que passa por graves complicações parentais e com muitas dificuldades de lidar e aceitar a perda, e que precisa da conscientização de seus conteúdos internos e a compreensão do que reveste na maioria dos sonhos uma consciência do ego, terá um outro tempo de organização, podendo desenvolver desordens psicológicas, dado que o ego encontra-se ainda limitado e distorcido.

Nos casos de luto prolongado e patológico, quando o sobrevivente é incapaz ou reluta em aceitar a morte da pessoa amada, as imagens do sonho mostram amiúde o falecido numa luz negativa, ou como se estivesse tentando abandonar o ego onírico. (HALL, 2007, p. 99)

O indivíduo tem toda uma história em seu ambiente familiar. Por vezes, apressadamente é conduzido para um atendimento emergencial, seguido de internação. De acordo com o estado físico, é instalado em uma unidade intensiva de tratamento, com normas e regras mais rígidas sobre visitação e acompanhamento familiar. Então, prevalece a diminuição de contato com a família e é comum o sentimento de solidão e abandono.

Poderíamos pensar que nosso alto grau de emancipação, nosso conhecimento da ciência e do homem nos proporcionaram melhores meios de nos prepararmos e às nossas famílias para este acontecimento inevitável. Ao contrário, já vão longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 11)

Os hospitais continuam tomados por indivíduos, muitos em longas filas de esperas, alimentando crenças de cura de suas doenças. Quanto mais a ciência avança em seus estudos e experimentos, surge o temor e a negação da realidade da morte. O hospital apresenta duas vertentes: a possibilidade de cura e retomada dos projetos de vida do indivíduo e a negação da morte.

Há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é triste demais, sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, muito mecânico e desumano. Às vezes, é até mesmo difícil determinar tecnicamente a hora exata em que se deu a morte. (KÜBLER-ROSS, 1998, pp. 11-12)

Vida e morte têm e não têm sentido, ou possuem e não possuem significado. A procura pelo sentido adquire também certa negação nesta ausência de sentido. Sendo assim, é de vital importância o indivíduo viver não apenas na busca pelo sentido pelas concepções da vida e morte, mas procurar também investigar a ausência deste sentido.

[...] Quando o sentido e não-sentido não são mais idênticos, a força do caos enfraquece, por subtração; o sentido arma-se com a força do sentido, e o não sentido, com a força do não sentido. Assim, surge um novo cosmos. [...] No fundo, nada significa algo, pois antes de existirem seres humanos pensantes não havia quem interpretasse os fenômenos. As interpretações são necessárias aos que não entendem. Só o incompreensível tem que ser significado. O homem despertou num mundo que não compreendeu; por isso quer interpretá-lo. [...] em todo caos há um cosmos, em toda desordem uma ordem secreta, em todo capricho uma lei permanente, uma vez que o que atua repousa no seu oposto. (JUNG, 2014a, pp. 40-41)

A negação da morte é comum e entorpece de alguma maneira o indivíduo, que espairose ao ter a visão real do corpo sem vida ou algo que concretize que ocorreu a morte.

Esta corporificação é necessária, a psique requer e precisa. Citamos exemplos de indivíduos que vivenciam outras experiências com a morte; resgates nas catástrofes ambientais, as guerras e as epidemias em massa.

[...] O conhecimento acerca das origens, no sentido mais amplo, constrói a ponte que liga o mundo anterior, já abandonado e perdido, ao mundo futuro, que está chegando e ainda não pode ser compreendido. Como conseguiremos apoderar-nos do futuro e incorporá-lo a nós se não estivermos já de posse daquelas experiências da humanidade deixadas pelo mundo que nos precedeu? Sem possuímos isso, achamo-nos como que desprovidos de raízes e de pontos de referências; deste modo nos tornaremos vítimas do futuro e da novidade. (JUNG, 2013d, pp. 159-160)

Temos referências na história grega e outros povos sobre o valor moral, a integração com a perda do ente amado por meio dos rituais fúnebres, criando práticas que nutrem os caminhos para a vida coligando as formas produtivas e não estáticas. Podemos considerar como a noção de não permanência da morte.

Muitos pais se lembrarão de frases ditas por seus filhos como “vou enterrar meu cachorrinho agora e ele vai se levantar de novo na primavera, junto com as flores”. [...] os antigos egípcios ao sepultarem seus mortos juntamente com as roupas e os alimentos [...] os antigos índios americanos, que enterravam seus parentes com tudo o que lhes pertencia. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 7)

A morte continua sendo concebida na sociedade como um tabu, algo que deve ser evitado. Relacionado com o corpo do indivíduo, o medo subjacente e a negação da mortalidade, repercutirá no momento da morte de um elo íntimo.

No cortejo fúnebre e enterro, encontramos cerimônias simples e aceleradas, às vezes fechadas apenas para familiares mais próximos. Nos últimos tempos, é crescente o procedimento pela cremação, uma forma de desaparecer e esquecer o corpo. Sobre as cinzas, geralmente algum parente procede para colocar no jazigo e também cai na ilusão do esquecimento.

A morte já não se passa na casa do doente, mas nos hospitais e da forma mais asséptica do ponto de vista emocional. É a morte que passa longe das vistas dos parentes e dos amigos. Um corpo morto é algo profundamente incômodo e como tal é tratado. (FRANCO et al., 2011, p. 36)

O que difere de outras culturas, que criam cerimônias cultuando os mortos com cânticos e ornamentações. Na Antiguidade, período medieval e povos indígenas, a cremação era permeada por simbólicos da natureza nos elementos fogo, terra, água e ar. Por excelência, o respeito tinha sua marca para os mortos e extensiva à família.

De acordo com Franco et al., (2011, p. 36): “Ao longo da história do homem, identificaram-se diferentes maneiras de lidar e conviver com a morte e o morrer”.

Os lamentos são pertinentes, desde que não tomem rumo para o adoecimento nas relações com o outro. Os que permanecem vivos estão passando pela angústia da perda, e precisam dar continuidade em seus planos de vida. Cabe a nós toda a atenção neste luto compartilhado. A morte do outro pode ser uma fonte para uma nova maneira de viver e saber valer a existência.

A lembrança do morto não se apaga, contudo, facilmente da memória dos vivos. Muito tempo depois de sua morte, qualquer objeto ou recordação continua tendo poder para desencadear uma cena de choro e lamentação. Passam-se vários meses (ou luas) até que as manifestações vão ficando mais atenuadas. (CASSORLA (Org.), 1991, p. 211)

Para Franco et al. (2011, p. 39): “Ao pensarmos sobre a morte daqueles com quem tivemos contato, estamos inevitavelmente pensando em aspectos de nossa própria existência, [...] nosso envelhecimento e nossa própria morte”.

A despedida é indubitavelmente necessária nos últimos momentos vitais ou no instante de morte do indivíduo, estando em seu lar ou no hospital. Neste período é de primordial importância de forma presencial a família e as amizades com vínculos mais sólidos.

Vamos considerar aquele indivíduo que ao longo de sua existência configurou de maneira consistente e adequada uma numerosa família e uma extensa rede de amizades. Neste caso, irá prevalecer os vínculos mais íntimos e todo um arranjo para administrar visitas e acompanhamentos.

Raramente encontramos na rede hospitalar uma equipe com consciência e altruísmo para permitir que a família possa acompanhar seu ente amado até o último suspiro de vida. São gloriáveis pessoas com cunho ético e acolhedor que acabam sendo integradas na família neste momento doloroso e final da vida.

[...] a oportunidade de um contato com aquele que estava morrendo como também daquele que estava morrendo com seus circunstantes. Era possível que fossem dadas as últimas determinações e expressos os últimos desejos. A morte não era um acontecimento estranho a ninguém. Era parte integrante da vida. (FRANCO et. el., 2011, p. 36)

Agregando com a ideia da autora em relação à retomada e expansão da consciência para produzir novos significados na vida:

A possibilidade da morte está presente em todo o momento da vida, e essa consciência tem um poder transformador no que diz respeito ao tipo de relação que estabeleceremos com o viver. Se estabelecermos contato com a ideia de nossa própria finitude, dificilmente deixaremos de viver um processo de ressignificar a vida e aí transformarmos nossa relação com o viver, dando, geralmente, uma nova qualidade a esse ato. (FRANCO et. el., 2011, p. 39)

Um outro ponto singular na família aponta sobre a relação em lidar com as crianças na iminência e momento da morte de um familiar. O modo como os adultos lidam com a morte e o morrer vai mostrar como irá refletir nas crianças.

O significado dado à morte pela criança varia de acordo com alguns fatores, dentre os quais o primeiro a ser considerado é a idade, ou melhor, o momento de seu desenvolvimento psicológico. Os outros fatores estão relacionados à forma com que os adultos lidam com a perda e ao binômio quantidade-qualidade da relação tida pela criança com o morto. (FRANCO et. el., 2011, pp. 110-111)

De acordo com a maturidade cognitiva da criança, a abordagem deve ser transparente e de maneira cautelosa. Assertividade neste momento é importante

em conjunto com o acolhimento, ouvir a criança nas indagações que surgem e com a escuta do coração, sem julgamentos e imposições. Com a devida percepção dos adultos e sem obrigar, acompanhar nos rituais fúnebres, respeitar o tempo de permanência, atendendo e acolhendo a dor da criança. Interagir com o cenário do imaginário e do real, conforme as crenças da criança.

Em conformidade com Franco et. al. (2011, p. 111): “Assim que a criança tiver idade suficiente para se vincular, pode ter consciência da possibilidade de perder a pessoa amada, de ter os vínculos rompidos”.

Complementando com a autora:

A reação da mãe ou do pai sobrevivente é de importância vital, pois dá ou não à criança a possibilidade de entender e lidar com sentimentos de tristeza, culpa ou surpresa. [...] A infelicidade silenciosa traz mais complicações para a criança do que o luto exposto. (FRANCO et. al., 2011, pp. 112-113)

A família no início vive com intensidade uma desorganização interna e externa, os ânimos ficam à flor da pele, muda toda uma rotina no cotidiano. Não há espaço para o descaso da dor. É preciso laborar a compreensão e o acolhimento de maneira honesta e humana, respeitando a singularidade de cada componente da família e suas concepções.

A perspectiva de considerar o impacto do luto como tendo efeito sistêmico na família é fundamental [...]. Uma vez que a família é uma realidade social, sistematicamente significada, e não a soma de realidades individuais, as variáveis que se interpenetram envolvem problemas em diferentes escalas, como:

- dificuldades práticas do adulto enlutado ao assumir funções do morto, às quais não estava acostumado;
- sintomas físicos, que são decorrências fisiológicas normais do enlutamento, mas que podem ser autopropetados pelas preocupações do enlutado em relação à sua saúde futura;
- solidão e isolamento, frequentemente aumentados pelo embaraço e inabilidade da comunidade em mencionar a morte ou o morto;
- ter de lidar com o luto de outros membros da família, além de seu próprio, particularmente difícil para o pai ou a mãe com filhos pequenos;
- a forte intensidade do luto, às vezes acompanhado por sentimentos de pânico ou ideias suicidas;
- medo de colapso nervoso, muitas vezes referido após a experiência de ver ou ouvir o morto;
- falta de um contexto para expressão de culpa ou raiva, uma vez que a família em sua totalidade e também em sua especificidade está enlutada e, muitas vezes, não oferece espaço para essas manifestações. (FRANCO et al., 2011, pp. 104-105)

A viuvez provoca um forte impacto que requer um ajustamento em termos práticos no cotidiano, como de identidade nesta fase de perda. O processo de

adaptação é permeado pela narrativa da dor e um profundo pesar. A importância de manter os laços afetivos com os demais familiares, para o enfrentamento e aceitação desta realidade posterior à perda do elo amado.

Conforme a configuração familiar, diferentes formas apresentar-se-ão neste momento. Os sentimentos de amor e respeito, com atitudes de acolhimento, fornecendo suporte para lidar com o passado e favorecendo o curso para o futuro, para desenvolver novos papéis com o devido suporte familiar. Reorganizando os lugares das lembranças para possibilitar continuar vivendo, ocupando novos espaços e retomar desde já os cuidados com a própria saúde, até atividades de lazer.

Marris (1958) observou que os efeitos da perda e das reações emocionais da viuvez podem prejudicar o ajustamento psicossocial. Esse prejuízo é marcado por apatia, afastamento, indiferença e depressão. Considerou que a resolução do luto na viuvez está em estabelecer uma condição de independência, sem o conflito entre o desejo de voltar ao tempo anterior à morte e o de chegar a um estado mental no qual o passado tenha sido esquecido. (FRANCO et al., 2011, pp. 106-107)

Em contrapartida, em outros contextos familiares, surgirão constantes embates entre os elos parentais. Visando obter lucros materiais diante da vulnerabilidade deste estado de viuvez, agravado ainda mais com atitudes extremas no momento do inventário, seguido de longas discussões judiciais e desgastes também para os familiares que não estão nestas circunstâncias de batalhas pelos bens patrimoniais da família. É um fardo material psíquico nocivo e de comportamentos por disputas de poder, com surgimento de doenças psicossomáticas e outras enfermidades, muitas vezes gerando fins trágicos e fatais.

Maddison e Walker (1976) examinaram retrospectivamente a interação da viúva com o meio, como visto por ela, durante a crise do luto, definida operacionalmente como os três meses seguintes à morte do marido. Verificaram que as viúvas com pior prognóstico eram aquelas que percebiam o meio como falho em atender suas necessidades de crise. (FRANCO et al., 2011, pp. 107-108)

Assim sendo, as relações familiares e de amizades são afetadas por alguns fatores como o temor da morte, da perda e de sentir a dor da perda. Buscam meios para evitar a dor e traçam a via do isolamento. Encontramos ainda familiares bastante reativos, com atitudes controladoras e que invadem de sobremaneira o espaço e a história do outro. Deixam de cuidar de si e permanecem nas projeções

em massa, com dificuldades de lidar com as intensas frustrações e os ataques de fúria. Constituem verdadeiros tribunais psíquicos em seus juízos morais.

Para Jung, (2013a, p. 21): "[...] é trágico ver como uma pessoa estraga de modo evidente a própria vida e a dos outros, e como é incapaz de perceber até que ponto essa tragédia parte dela e é alimentada progressivamente por ela mesma".

É uma saga encarar os demônios do passado que aparecem na história pessoal de cada um, sem terceirizar responsabilidades. O oposto é encontrado naqueles elementos familiares que aceitam a própria morte. Estes promovem a unidade, a restauração e marcam esta trajetória pelo exemplo da conduta ponderada e a de se relacionar consigo e com os outros.

Esta é a primeira prova de coragem no caminho interior, uma prova que basta para afugentar a maioria, pois o encontro consigo mesmo pertence às coisas desagradáveis que evitamos, enquanto pudermos projetar o negativo à nossa volta. Se formos capazes de ver nossa própria sombra, e suportá-la, sabendo que existe, só teríamos resolvido uma pequena parte do problema. (JUNG, 2014a, p. 29)

Sobre a necessidade de o indivíduo confrontar-se com tudo aquilo que o impede de seguir adiante e abrilhantar seus relacionamentos interpessoais, acrescenta o autor:

Eu discuti com o demônio como se fosse uma pessoa real. [...] Seria fuga se não procurasse me entender com ele. Se tiveres a rara oportunidade de falar com o demônio, não te esqueças de dialogar seriamente com ele. Ele é, em última análise, o teu demônio. O demônio é, como adversário de teu outro ponto de vista, aquele que te tenta e coloca pedras em teu caminho, lá onde você menos delas precisa. (JUNG, 2012a, pp. 260-261)

Independente do status social da família, os intensos embates jurídicos nas partilhas de bem mostra o funcionamento de como cada indivíduo lida com o discurso entre o inconsciente e consciente. Em contrapartida, quando há o desenvolvimento em um contexto de unidade na constelação familiar, encontramos algo raro de acontecer, os procedimentos de herança caracterizam-se como inventário extrajudicial, não há intervenção de um juiz face à união no enlutamento e a manutenção do legado.

[...] Igualmente nas famílias acontece de um irmão ter projeções em relação ao outro sem perceber que aquilo de que mais reclama é o que há de pior nele mesmo. Essas são as coisas mais habituais. E podem ser corrigidas sem maiores problemas à medida que nos voltamos para nós mesmos e dizemos: "Agora vamos abrir *todas* as gavetas e ver qual a minha real situação". E vejam, descobrimos toda espécie de coisas e percebemos que essas projeções já não são mais necessárias,

que não necessitamos projetar tais coisas nos outros. Dessa forma naturalmente nos livramos das projeções. Mas nem sempre é um procedimento agradável, sofremos diversos danos. Vemos que não somos aquele cara cem por cento bacana. (JUNG, 2015b, pp. 41-42)

Neste momento as pontuações serão direcionadas para a figura do pai. Não significa que terão graus de diferenciação nas atitudes em relação aos outros elos parentais, em relação às ideias expostas ao longo do texto.

No decurso da existência do indivíduo, os acontecimentos ficam impressos nas lembranças, dada ao infindo armazenamento de fatos com experiências objetivas e subjetivas, muitos eventos exteriores desvanecem. Rebuscar na memória, articular e insuflar no presente o que foi vivido intensamente no convívio com o elo paterno é uma forma de dar vazão ao aprimoramento de novos sentidos no percurso da vida.

[...] Mas os encontros com a outra realidade, o embate com o inconsciente, se impregnaram de maneira indelével em minha memória. Nessa região sempre houve abundância e riqueza; o restante ocupava o segundo plano.

Assim, também os seres tornaram-se para mim lembranças imperecíveis na medida em que seus nomes sempre estiveram inscritos no livro do meu destino: conhecê-los equivalia a um lembrar-me. (JUNG, 2006, p. 33)

Um panorama de reflexões desperta, desde o nascimento do indivíduo no relacionamento com o pai abrigando ilimitadas lembranças desta reciprocidade, conservado com as experiências dos enfrentamentos e das superações nos percalços da vida.

Os aprendizados adquiridos na relação deste pai, esposo, bisavô, avô, amigo. Os ensinamentos sobre os valores relacionados a Natureza, aprender a nadar e respeitar o mar. As viagens e as percepções sobre os cuidados nas estradas e a construção de relacionamentos, mesmo que efêmeros, com outras pessoas nestes passeios. A aquisição destes conhecimentos da relação individual com a coletividade, ampliando este corpo social.

Enfim, cada indivíduo tem uma imensidão de eventos na elaboração de sua história pessoal e coletiva, estes são apenas alguns exemplos ímpares.

No processo de luto há inúmeros procedimentos que devem ser efetuados e, por conseguinte avivarão muitas lembranças ao manejar os objetos e atender os

desejos do pai. E, terão intensas influências na vida do indivíduo. Podemos citar alguns elementos: nas fotografias dos ancestrais, do pai e da família que constituiu, nas cartas, e tantos outros objetos, carregados de simbologias.

[...] O “eu” de Jung respondeu: “Posso entender perfeitamente e aceitar isto. Mas é obscuro para mim como o conhecimento possa ser transformado em vida. Você precisa ensinar-me isto”. Sua alma lhe disse: “Não há muito a dizer sobre isto. Não é tão racional como você está inclinado a pensar. O caminho é simbólico”¹⁷⁶. (JUNG, 2012a, p. 211)

Surge o momento de atender fielmente os desejos deixados pelo elo do pai para serem cumpridos; os rituais fúnebres, os desapegos por objetos pessoais, por intermédio de doações direcionadas para outros elos afetivos do pai e distintas camadas sociais, geralmente carentes deste material.

Cada descendente escolhe livremente, sem imposições, no que concerne às peças materiais, antes utilizadas pela figura do pai. O desejo de vestir uma roupa, sentir leveza com um misto de acolhimento. Escrever poemas ou escritos acadêmicos e profissionais com a caneta de estimação. A arte de re-arrumar seus pertences. Com vitalidade, criar ambientes a partir de seus brinquedos de infância e outros objetos, de sua juventude, vida adulta e terceira idade. Cada qual com sua conotação de época e valorada pelo elo paterno.

É então chegada a hora de descobrir, no nosso dia a dia, tentativas, ainda que fugazes, de superação daquilo que é apenas útil e lucrativo, aquele juvenil imediatismo que impede de se vivenciar justamente aquilo que a tudo escapa: um estado de felicidade que é possível de se encontrar na simples arte da contemplação do belo que, de uma ou outra forma, se encontra disseminado em nosso mundo e em nossa existência diária. (ANDRADE, 2005, p. 136)

- E aqueles que não tiveram esta oportunidade de estabelecerem vínculos fortes com o pai?

Encontrar sentido naquilo que é desconhecido é um processo de construção de ressignificações. Em diversos aspectos, o encontro com a morte pode tornar-se uma ponte, que nos abre novos espaços na consciência, estendendo acesso e valores de vida profundos. São possibilidades de utilizar a morte como guia, boa conselheira para lidar com esta ausência do pai original e investir na vida. Se o pai não foi presente, terá a oportunidade de valorizar o convívio com os vivos em sua existência.

No final das contas, os relacionamentos são tudo o que realmente importa. Não importa quanto dinheiro temos, onde vivemos ou o tamanho de nossa linda coleção de brinquedos. Nada disso nos conforta, consola, chora conosco ou nos ama. O investimento que fazemos nas pessoas com quem nos importamos é o único legado que pode perdurar além da vida aqui na Terra. (SHOOK, 2008, p. 83)

Acrescentando, em harmonia com Silveira:

É por meio de transmutações da energia psíquica, da formação de símbolos novos sucedendo a símbolos caducos, esvaziados de energia que antes os animava, que se processa, na sua essência, o desenvolvimento da psique do homem. (SILVEIRA, 1997, pp. 43-44)

A vida segue junto com os eventos familiares, mesmo com a partida do pai. As datas de aniversários na família, as datas de nascimento e morte do pai, as cerimônias religiosas e as crenças individuais, os almoços aos domingos. Cada um tem sua maneira peculiar de lidar com as lembranças e sentimentos despertados. Assim sendo, ter o comprometimento com a vida dentro de um contexto filosófico ou religioso, ou algum oásis que dê a experiência com significado de esperança, até mesmo nos momentos mais desalentadores da vida.

Em conformidade com Jung (2012a, p. 295): “Cada pessoa tem em sua alma um lugar sossegado, onde tudo é óbvio e facilmente explicável, um lugar no qual gosta de refugiar-se contra as possibilidades perturbadoras da vida”.

O indivíduo vai se deparar com outros cenários no cotidiano durante o período do enlutamento. São os acontecimentos de novas perdas familiares, e o modo em que se apresentam os processos de enfrentamento ou fuga. As notícias que chegam de entes estimados, ou amizades significativas que estão com doença grave, ou lidar com as doenças dos que ficam. E o sopro que surge da figura paterna, com as recordações e a própria dor, no momento que o indivíduo vai ao cemitério para acolher a dor de alguém querido ou na manutenção do jazigo da família.

As doenças e suas sequelas podem trazer profundas modificações na vida das pessoas que são experienciadas com mortes. Essas modificações são influenciadas por uma série de fatores: o grau da energia investida na atividade ou função que não pode ser mais executada, o estágio do desenvolvimento do sujeito, a severidade e a estabilidade do impedimento, as características de personalidade, as experiências vividas e as possibilidades de enfrentamento. (FRANCO et al., 2011, p. 19)

Os mortos vivem e “voltam” em incomensuráveis contextos do mundo na vida do indivíduo: no teatro, com os personagens, ricos de simbólicos e emoções;

na música, nas letras em harmonia com as notas musicais, que aguçam os sentimentos nas lembranças; na poesia, nos sentimentos que transcorrem pela caneta construindo estruturas harmoniosas; e nos livros, que registram infinitas histórias culturais e imagens dos ciclos da existência.

Consoante Hillman & Shamdasani, (2015, pp. 11-12): “[...] figuras vêm até nós em nossos sonhos, e até mesmo nossos pensamentos derivam dessas figuras. Então, a tarefa seria descobrir as figuras, que é o que *O Livro Vermelho* faz”.

Adicionando com o autor neste diálogo:

São os ancestrais. São os mortos. Isso não é uma mera metáfora. Não é uma cifra do inconsciente ou algo do tipo. Quando ele fala sobre os mortos, ele quer dizer os mortos. E eles estão presentes em imagens. Eles ainda continuam a viver. (HILLMAN & SHAMDASANI, 2005, p. 12).

No diálogo entre Sonu e Hillman, muitas indagações raíam sobre quem são os mortos e que circunvagam pelas páginas de “O Livro Vermelho”.

As elucidações são voltadas para os mortos da história humana, nos significados dos conteúdos desta história e de que maneira o indivíduo instituirá a base nestes significados. Ou melhor, como irá atualizar o simbólico, mediante as manifestações do inconsciente coletivo e o ego.

SS: Bem, a questão é: Quem são os mortos? [...] Estamos em uma época onde os mortos são mais numerosos do que os vivos. Há esse nível de um fluxo anônimo dos mortos, do peso da história humana e do que ela deixou e com a que temos que lidar. (HILLMAN & SHAMDASANI, 2015, p. 13)

Caminhar no luto, todavia, cada elo familiar tem sua particularidade em lidar com esta realidade, de sentir e reagir. Observar com a devida cautela cada um, com imutável respeito e paciência, que cada ser humano é único e tem seu tempo, seja para adormecer ou despertar, o que é indispensável para sua transformação. Independente da solidez do núcleo familiar, cada qual tem sua individualidade e modos de viver o daqui em diante.

Essa fusão da história pessoal, desde a infância, a família parental, combinada com a individuação como uma jornada através de opostos e assim por diante. Essa linguagem não carrega o peso da história humana. É a *minha* história, não é a história humana. E esse é o peso da história humana, as vozes dos mortos, é abrir a boca dos mortos e ouvir o que eles têm a dizer, não só os

profundamente reprimidos ou esquecidos, é a presença viva e real da história na alma, o passado da alma. (HILLMAN & SHAMDASANI, 2015, p. 77)

O afastamento não significa necessariamente romper vínculos, apesar do elo referencial da figura parental (avós, pais, filhos ou irmãos), que não tem mais a forma presencial no dia a dia. Basta um simples olhar com o outro e já remete-se às vivências particulares e em família com o elo familiar, não mais presente fisicamente.

De acordo com Hillman & Shamdasani (2015, p. 183): “Encontrar seus *próprios* mortos. Reconhecer seus ancestrais”.

Complementando com Jung:

[...] compreendi o quanto é importante aceitar o destino. Porque assim há um eu que não recua quando surge o incompreensível. Um eu que resiste, que suporta a verdade e que está à altura do mundo e do destino. Então uma derrota pode ser ao mesmo tempo uma vitória. Nada se perturba, nem dentro, nem fora, porque nossa própria continuidade resistiu à torrente da vida e do tempo. Mas isso só acontece se não impedirmos que o destino manifeste suas intenções. (JUNG, 2006, p. 345)

A morte como a possibilidade de expansão da vida, produzir e ampliar os significados desde os primeiros sinais de vida e não nutrir a fantasia de controlar o processo natural do envelhecer e morrer.

Alguém tem de aprender que a morte é uma caçadora e que ela se encontra sempre à nossa esquerda. Alguém tem que pedir o conselho da morte e abandonar a maldita mesquinha que pertence aos homens que vivem suas vidas como se a morte nunca fosse bater no ombro. (CASSORLA, (Org.), 1991, p. 15)

A vida é um conjunto contínuo de instantes na vida do indivíduo. Nos dias atuais, a tecnologia avança assustadoramente na esfera dos relacionamentos virtuais nas redes sociais, também pela via da telefonia. O complexo de opostos configura--se pelo estreitamento saudável entre as pessoas, ou fortalece ainda mais o afastamento, muitas vezes rompendo preciosos vínculos afetivos, salvo os pais tradicionais, que procuram imprimir os limites necessários nesta questão. Não obstante, a vida continua oportunizando momentos vitais para a revisão destas atitudes no indivíduo e na coletividade. Com indagações bastantes simples.

Para Shook (2008, p. 85) “*Se tivesse apenas um mês para viver, com quem você gostaria de passar esse tempo? A quem você teria que pedir desculpas?*”

Quem precisa ter certeza de seu amor? O que o impede de fazer isso tudo agora?”.

Ajuntando com a noção junguiana sobre a necessidade da revisão de valores ante as coisas apresentadas no percurso do indivíduo na vida. Para Jung (2006, p. 345): “[...] O conhecimento ou a intuição do fim de todas as coisas deram-me a coragem de procurar novas formas de expressão”.

Fazer do caminho do enlutamento uma jornada que não afunila, que expande, trazer do imaginário para a realidade caminhos e formas para prosseguir com energia pela e para a vida, independentemente de suas crenças e da cultura em que o indivíduo desenvolve seu percurso.

[...] Nem mesmo o número de dogmas é limitado, podendo aumentar com o decorrer do tempo. O mesmo ocorre com o ritual. De um modo ou de outro, qualquer mudança ou desenvolvimento são determinados pelos marcos dos fatos originariamente experimentados, através dos quais se estabelece um tipo particular de conteúdo dogmático e de valor afetivo. (JUNG, 2012b, p. 21)

Complementando com o autor:

Sinto-me espantado, decepcionado e satisfeito comigo. Sinto-me triste, acabrunhado, entusiasta. Sou tudo isso e não posso chegar a uma soma, a um resultado final. [...] Sei apenas que nasci e que existo; experimento o sentimento de ser levado pelas coisas. Existo à base de algo que não conheço. Apesar de toda a incerteza, sinto a solidez do que existe e a continuidade do meu ser, tal como sou. (JUNG, 2006, pp. 412-413)

A ímpar importância de retomar e continuar alimentando os sonhos pessoais com as responsabilidades no cotidiano, primordialmente os cuidados consigo e poder cuidar suficientemente bem do outro. Não se colocar em planos secundários e reprimir os sonhos e projetos, causando fadiga, projeções que interferem nas relações com o outro.

Segundo Andrade (2005, p. 136): “E quantas coisas nesse momento não se tornam tão sem graça, tão inúteis. Quantas coisas não perdem a importância enquanto outras brotam, cheias de significado?”.

Em concordância com Jung (2015b, p. 42) “Passamos por uma renovação pessoal somente quando nos assumimos”.

Podemos acrescentar com o momento da ruptura de Jung com Freud, resultando nas divergências que podem levar a desistir de ou enfrentar seus projetos de vida.

Depois da ruptura com ele, todos os meus amigos e conhecidos se afastaram de mim. Meu livro não foi considerado uma obra séria. Passei por um místico e desse modo encerraram o assunto. Riklin e Maeder foram os únicos que ficaram ao meu lado. Mas eu tinha previsto a solidão e não me iludi acerca das reações dos pretensos amigos. Muito pelo contrário, refleti profundamente sobre o assunto. Sabia que o essencial estava em jogo e que deveria tomar peito minhas convicções. (JUNG, 2006, p. 203)

Tendo a narrativa como sustentáculo para novas elaborações, diante das adversidades naturais apresentadas pela vida e denotando sua grandeza nas articulações e práticas na trajetória do indivíduo, Jung apresenta:

Em última análise, só me parecem dignos de ser narrados os acontecimentos da minha vida através dos quais o mundo eterno irrompeu no mundo efêmero. Por isso falo principalmente das experiências interiores. Entre elas figuram meus sonhos e fantasias, que constituíram a matéria original de meu trabalho científico. [...] Muitos conheceram a história do nosso tempo e sobre ela escreveram: será melhor buscá-la em seus escritos, ou então ouvir o seu relato. A lembrança dos fatos exteriores de minha vida [...], Mas os encontros com a outra realidade, o embate com o inconsciente, se impregnaram de maneira indelével em minha memória. Nessa região sempre houve abundância e riqueza; o restante ocupava o segundo plano. (JUNG, 2006, pp.32-33)

As experiências que ampliam a consciência sobre os inumeráveis polos opostos existentes na vida e na morte, na alma e no corpo, interligados e vistos sob uma perspectiva alquímica, viabiliza uma sobrenatural dimensão terceira. Digna de exploração nas amplas possibilidades de intermediação com os conteúdos inconscientes permeados pelas ideias, os sentimentos e a imaginação. Logo, favorecendo a elaboração nas vastas formas de expressões simbólicas, tendo a arte como instrumento primor.

Em questão de arte, sou sobrenaturalista. Creio que o artista não pode encontrar na natureza todos os seus tipos, mas que os mais notáveis lhe são revelados em sua alma, como a simbólica inata de ideias inatas. O quadro “sobrenaturalista” será, portanto, a tradução da alma numa linguagem simbólica. (LACOSTE, 2011, p. 65)

Na concepção de Gouvêa, no que corresponde ao diálogo dos aspectos dinâmicos que integram e interligam a totalidade física e psíquica do indivíduo:

Além dos olhos e dos sentimentos, as mãos estão presentes nesse processo que vai de uma modelagem como atividade do espírito à modelagem como uma atividade de brincar com as coisas e “fazer arte”. Objetos de todos os tipos nos transformam em corajosos criadores de um fato, de uma ideia, de uma dinâmica “emocional-ficcional”. (GOUVÊA, (Org.), 2008, p. 112)

Seja criança, adulto ou idoso, é pertinente a criação ou a busca de um espaço para escoar os sentimentos de perda, possibilitando de maneira vívida a criação de recipientes internos e externos, como a música, poemas, desenhos, pinturas e esculturas em argila. É uma das condições *sine qua non* para fluir nas dimensões do enlutamento.

Arte é linguagem; é uma tentativa de colocar o homem perante formas que concretizem aspectos do seu sentir, por isso, linguagem, uma vez que esta dá forma ao pensamento. Não existe linguagem sem consciência, não existe consciência sem experiência e não existe experiência sem linguagem. (FIGUEIREDO, 2012, p. 50)

Acrescentando, e em harmonia com Ostrower sobre o significado da ação de dar formas na relação com a matéria nos procedimentos transformativos. Encontrar no luto um lugar da arte e criar até mesmo um ateliê.

Formar importa em *transformar*. Todo processo de elaboração e desenvolvimento abrange um processo dinâmico de transformação, em que, a matéria, que orienta a ação criativa, é transformada pela mesma ação.

Transformando-se, a matéria não é destituída de seu caráter. Pelo contrário, ela é mais diferenciada e, ao mesmo tempo, é definida como um modo de ser. Transformando-se e adquirindo forma nova, a matéria adquire unicidade e é reafirmada em sua essência. Ela se torna matéria configurada, *matéria-e-forma*, e nessa síntese entre o geral e o único é impregnada de significações. (OSTROWER, 1987, p. 51)

O manejo com a matéria facilita em muito a consciência dos fenômenos na psique, tendo como veículo de intermediação, apontamos a argila como material exclusivo, face as suas propriedades e inúmeras significações no histórico do indivíduo ao longo das civilizações.

Seguindo a matéria e sondando-a quanto à ‘essência de ser’, o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos. Dando forma à argila, ele deu forma à fluidez fugidia de seu próprio existir, captou-o e configurou-o. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou. (OSTROWER, 1987, p. 51)

A arte da pintura e desenhos na tela, papel ou outro objeto, torna-se uma prática, independentemente de ocorrer na infância ou na fase adulta, configura uma via de fluxo do mundo interno do indivíduo. De forma espontânea, crianças e adultos criam imagens para lidar com as fases do enlutamento.

Cedo o indivíduo verifica que o ato de pintar o liberta de estados psíquicos de muito sofrimento [...] Dando forma as suas imagens internas, simultaneamente ele se modela a si mesmo, pois aquilo que está pintando é algo ativo dentro dele. E o que é ativo dentro dele não é outra coisa senão ele mesmo.⁴ (MELLO, 2015, p. 115)

Integrando com a noção de Jung sobre a diversidade de manifestações das imagens inconscientes:

Se observarmos quadros surrealistas (como *A girafa em fogo*, de Salvador Dalí) tendo essas considerações em mente, podemos sentir a riqueza da fantasia e a pujança das imagens inconscientes desses artistas, e ao mesmo tempo constatamos o horror e o simbolismo de um fim para todas as coisas que emanam tanto deles. O inconsciente é natureza pura e, como natureza, distribui prodigamente as suas dádivas. Mas, entregue a si próprio e sem reação humana da consciência, pode (mais uma vez tal como a natureza) destruir seus dons, e mais cedo ou mais tarde aniquilá-los. (JUNG, 2008, p. 347)

Tais manifestações inscritas por esta arte, vistas pelo olhar clínico, proporcionarão materiais vitais para a jornada do indivíduo no autoconhecimento, nas relações interpessoais e integração ou reintegração na sociedade.

Em concordância com Gouvêa, (Org.) (2008, p. 84): “[...] o sentido da imagem não é o mesmo de sua manifestação imanente. É transcendental, está para além do valor de uso ou sentido literal da expressão verbal que constitui a imagem”.

À medida que a consciência vai tomando corpo em sua expansão, o indivíduo, no convívio com as polaridades inerentes ao ciclo vital, também terá resultantes, sejam no chafurdar-se no sofrimento psíquico ou lidar com a devida maestria com o que a vida oferece e dispõe no mundo.

[...] é o despertar da alma, é o equilíbrio do homem em disciplinar seus instintos para não buscar somente se satisfazer, transformar a vida numa selvajaria, ou seja, o homem dominado pelas paixões. A arte, ao representar para o homem suas próprias paixões e instintos, suaviza essa realidade, pois lhe mostra o que ele é para lhe dar consciência de ser. (FIGUEIREDO, 2012, p. 64)

Este enfrentamento interior para ser deslocado para o exterior está atrelado em como o indivíduo lança-se em si, nos relacionamentos e na sociedade, diante às adversidades apresentadas ao longo de sua existência.

Mas, se o cosmos infunde medo, se os fenômenos do mundo externo na sua confusa interligação provocam inquietação interior, diz Worringer, é mobilizada a tendência à abstração. A arte virá retirar as coisas desse redemoinho perturbador, virá esvaziá-las de suas manifestações vitais sempre instáveis para submetê-las às leis permanentes que regem o mundo inorgânico. Por meio de processos de abstração, o homem procura “um ponto de tranquilidade e refúgio”⁷. (SILVEIRA, 2015, p.20)

No luto, o indivíduo fica em um estado de maior vulnerabilidade. Motivo maior para buscar possibilidades de encontrar um oásis e potencial para efetuar

mudanças, um lugar para arte. Compreender a massificação coletiva, cada vez mais consumista e diferenciar-se para não massacrar sua singularidade neste conjunto social.

[...] Uma arte que traz aconchego, conforto e esperança. Uma arte que restaura no ser humano sua individualidade dentro de uma sociedade de consumo, que confina o homem em uma coletividade homogênea e angustiante, sendo, portanto, uma arte capaz de cultivar o humano no homem. (FIGUEIREDO, 2012, p. 65)

Por meio da investigação, compreender a maneira em que o indivíduo ficou atrelado nestes grilhões de consumo e ser capaz de alargar este entendimento. Portanto, criar formas novas para transitar nesta sociedade com tais características.

Criar é, basicamente formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividade, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. (OSTROWER, 1987, p. 9)

A História, desde o prelúdio das civilizações, demonstra diversas narrativas pelo teatro e a música do indivíduo em contínua transformação, carregadas de imagens primordiais e emoções.

[...] as grandes obras teatrais erguem a experiência dos seus personagens a um nível superior ao meramente pessoal. [...] no palco, um significado mítico, arquetípico. Isto é ainda mais evidente na ópera, em que uma história muito trivial e, com frequência, excessivamente confusa, torna-se um veículo para heroicas paixões, grandes eventos e desesperadas tragédias, porque as figuras são transfiguradas e transmudadas através da música, a qual lhes empresta um significado que, de outro modo não possuiriam. (STORR, 1984, pp. 41-42)

O ato de escrever revela, muitas vezes por gerações, conteúdos psíquicos carregados de afetos com diferentes graus de intensidade. A escrita como uma forma de escoar emoções e reordenar muitas questões internas, recriando, criando e dando novas formas de significações.

Escrever é traçar fronteiras, de reencontrar sua unidade depois da confusão das pessoas, das imagens, dos pensamentos, é também traçar uma linha de pensamento que se delineava desde o início de uma experiência analítica, descobrir um processo, ver como ele se desenrolou através dos anos. (BERRY, 1991, p. 18)

A poesia é uma das formas emblemáticas de expressar significativas representações psíquicas e substratos profundos do indivíduo e sua relação com o

mundo externo. Traz fartas mensagens, despertando reflexões aglutinadas com emoções, tanto no autor quanto no leitor sobre aspectos da vida e do mundo.

Em conformidade com Shamdasani (2014, p. 212): “Estou mais convencido de que a poesia é a posse universal da humanidade, revelando-se em todo lugar e em todos os tempos, em centenas e centenas de homens”.

Por outro lado, o homem contemporâneo, apartando-se cada vez mais de suas origens, exaurindo os sentidos e significados de sua existência, desperdiça a oportunidade destas ímpares ligações, e deixa cair por terra as possibilidades de transformar e transcender.

A poesia, como a música, pode converter a lama da banalidade no ouro da transcendência. Uma das ideias centrais de Jung era que o homem moderno alienara esse substrato mitopeico do seu ser e, por conseguinte, faltava à sua vida propósito e significado. (STORR, 1984, p. 42)

A linguagem escrita, como a pintura, tem substancial importância no indivíduo e na sociedade. Exterioriza as manifestações inconscientes, e só terão significados quando mediadas pelas concepções do consciente. Do contrário, há o perigo destes conteúdos evidenciarem seus aspectos dominantes e assolador.

Breton percebeu esse ponto admiravelmente. O que ele buscou foi a reconciliação dos contrários, o consciente e inconsciente. [...] em que as palavras e frases que surgem do inconsciente são escritas sem nenhum controle consciente. Breton chamava isso de “ditado do pensamento, independente de qualquer preocupação estética ou moral”. (JUNG, 2008, p. 347)

Acrescenta ainda:

Mas esse processo significa, simplesmente, que o caminho está aberto para o fluxo das imagens inconscientes, e que a parte importante e mesmo decisiva representada pelo consciente fica ignorada. Como o dr. Jung mostrou em seu capítulo, é o consciente que detém a chave dos valores do inconsciente e que, portanto, representa a parte decisiva de reconciliação. Só o consciente é competente o bastante para determinar o significado das imagens e reconhecer o seu sentido para o homem, aqui e agora, na realidade concreta do seu presente. É apenas na *interação* do consciente com o inconsciente que este último pode provar o seu valor e, talvez mesmo, revelar uma maneira de vencer a melancolia do vazio. Se o inconsciente, uma vez ativado, for abandonado a si próprio, há o risco de os seus conteúdos se tornarem dominadores ou manifestarem o seu lado negativo e destruidor. (JUNG, 2008, p. 347)

Os recursos no mundo literário poderão exteriorizar em muito a subjetividade de cada um. Percorrer a antiguidade, e não o velho, rebuscar nos registros escritos, fotografados, construídos durante a paternidade em vida.

[O livro] um dos mais poderosos agentes que a civilização ocidental teve à disposição para reunir as ideias dispersas de pensadores representativos. Prestou um serviço vital à pesquisa, transmitindo

imediatamente resultados de um pesquisador a outro. [...] Reunii de maneira permanente as obras dos mais sublimes espíritos criativos em todos os campos. (SHAMDASANI, 2014, p. 110)

O indivíduo deve dar conta de integrar a vida como um todo. Sair do naufrágio e navegar nos oceanos da alma, tal qual um ativo mantenedor e restaurador destes valiosos pertences. Polir o genuíno sentido da existência, dar cores e formas ao que estava tendendo a ser engavetado física e psiquicamente.

De acordo com Jung (2012a, p. 239): “Profundez e superfície devem misturar-se para que surja nova vida, mas a nova vida não nasce fora de nós, e sim dentro de nós”.

Acrescentando com Jung (1979, p. 59): “[...] *Não sou eu que me crio; mas sou eu que aconteço a mim mesmo*”.

As civilizações têm suntuoso material de conhecimento na narrativa dos mitos. Com efeito, o indivíduo pode retomar e explorar sob outra ótica sua jornada no mundo, por via das lendas, dos contos de fadas, das histórias infantis e das religiões.

Os significados encontrados na criação dos mitos, as conexões dos povos com os mitos e a natureza; as narrações transmitidas pela oralidade para desvendar os acontecimentos no mundo; as histórias épicas de heróis e vilões, os núcleos familiares, os papéis sociais e suas interações nas sociedades. Uma vez que, o indivíduo conecta-se com a história e a cultura humanas, propicia a amplificação.

[...] Bem, o que sinto em Jung é que não há um enredo-chave. Ele quebrou com esse monomito. Há uma pluralidade de mitos, uma pluralidade de padrões e, como dissemos, a amplificação é um modo de contar histórias. (HILLMAN & SHAMDASANI, 2015, pp. 97-98)

Somando com Jung, que aponta sobre os reflexos da desagregação que o indivíduo sofre ao lidar com a vida e com o mundo:

Entre os assim chamados neuróticos de hoje, um bom número não o seria em épocas mais antigas; não se teriam dissociado se tivessem vivido em tempos e lugares em que o homem ainda estivesse ligado pelo mito ao mundo dos ancestrais, vivendo a natureza e não apenas a vendo de fora; a desunião consigo mesmo teria sido poupada. Trata-se de homens que não suportam a perda do mito, que não encontram o caminho para o mundo puramente exterior, isto é, para a concepção do mundo tal como fornecem as ciências naturais, e que também não podem satisfazer-se com o jogo

puramente verbal de fantasias intelectuais, sem qualquer relação com a sabedoria. (JUNG, 2006, p. 178)

A construção do memorial da figura do pai, de modo individual ou familiar, tem sua notoriedade mesmo que na simplicidade produzida sobre uma prateleira. Arcabouço com ímpares conteúdos que constituem a história e trajeto da figura do pai, que convoca a edificação deste histórico, inicialmente impellido pela profunda dor, inerente ao processo de luto.

O estranhamento neste período de perda é natural e ocorre em quaisquer fases da vida. Em vez do distanciamento, buscar o encontro na relação com estes objetos e deixar vir o desejo de continuidade e pertencimento. Deste modo, a sofisticação e detalhamento não terão limites para manter o fluxo do legado da figura do pai. É uma atividade de criação e ampliação de novas significações.

A história do simbolismo mostra que tudo pode assumir uma significação simbólica: objetos naturais (pedras, plantas, animais, homens, vales e montanhas, lua e sol, vento, água e fogo) ou fabricados pelo homem (casas, barcos ou carros) e até mesmo formas abstratas (os números, o triângulo, o quadrado, o círculo). De fato, todo o cosmo é um símbolo em potencial. (JUNG, 2008, p. 312)

O manejo dos objetos ativa a imensidão dos conteúdos inconscientes. Tal intermediação possibilita a ordenação e expansão na consciência de incontáveis simbólicos. Podemos considerar como fazer arte, tanto quanto a arte da culinária sob a ótica da alquimia. O manuseio com cada propriedade encontrada nos alimentos passa por uma mistura e é experimentado em diferentes formatos. Isto posto, novas estruturas são construídas nestes estados físicos e psíquicos.

Em consonância com Shamdasani (2014, p. 170): “Na opinião de Jung, os alquimistas viam realmente coisas em seus experimentos — não apenas processos químicos, mas a projeção de conteúdos simbólicos inconscientes”.

Os objetos, mesmo que alguns decorativos, são sinalizadores, com significado de permanência. E, de algum modo, como molas propulsoras para criar cenários de histórias da figura do pai e poder reeditar de modo criativo e produtor os projetos de vida de cada elo familiar, abarcando a família em sua unidade nos distintos âmbitos sociais. Os objetos mostram a terceira margem do rio.

[...] A imensa maioria dos homens desde tempos imemoriais sempre sentiu a necessidade da continuação da vida. Esta constatação não nos conduz a um desvio; ela nos põe no centro da grande estrada real percorrida pela humanidade ao longo de sua existência. Por isto, pensamos corretamente em harmonia com a vida, mesmo que não entendamos o que pensamos. (JUNG, 2013c, p. 359)

Agregando com a concepção de Silveira:

A tendência a empatizar funciona se o indivíduo nada vê nos objetos que o hostilizem. Ele encarna sem temores e deseja uma relação íntima com os objetos do mundo externo. Alcançará esta relação por meio da empatia, isto é, transferindo conteúdos de sua psique para os objetos, animando-os e atraindo-os para si. (SILVEIRA, 2015, p. 21)

A originalidade da história da figura do pai é mantida nestas reedições, o memorial aprimora a centelha do legado, das responsabilidades passadas na educação ao longo do percurso de cada filho e seus descendentes. Os estudos sobre a história do simbolismo denotam a potência do símbolo desde os idos das civilizações.

Concordante com Jung (2013c, p. 359): “Só é possível viver a vida em plenitude, quando estamos em harmonia com estes símbolos, e voltar a eles é sabedoria”.

Complementando com Rosa (1988, p. 32): “NOSSO PAI era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação”.

As fotografias e filmagens retratam períodos de marcante convívio, de cada gesto e atitude com a ancestralidade, a família e sociedade de maneira irrefutável. Tais lembranças devem prosseguir e serem vivenciadas por cada elo parental, proporcionando a atualização dos valores diligenciados pela figura paterna.

As imagens tanto duravam no tempo como eram feitas para durar após o ato fotográfico, exigindo a presença de um olhar para serem admiradas ao longo do tempo. Quanto mais distante no tempo, mais valor se agrega às imagens fotografadas”. (GOUVÊA, (Org.), 2008, p. 270)

A sociedade no mundo atual, de maneira gradativa, vem afastando-se, principalmente no meio urbano, dos aspectos constituintes e originários da existência humana. Discursos e ações em prol de atender a si próprio, visando a

obtenção de lucros e prazeres imediatos por meio da artificialidade e da superficialidade nos relacionamentos interpessoais. O crescimento desenfreado das populações, o avanço das construções das cidades no território onde contêm as mais preciosas fontes de sabedoria e riqueza para o indivíduo, tanto física quanto psíquica.

- Quantas pessoas atravessam por suas existências alheias a tantos episódios basilares, desde o menor advento de uma vida na fauna ou flora e o quer relatar de um nascimento de um ser humano?
- Cimentadas e dominadas por paradigmas que acorrentam na mais profunda masmorra da alma, a simplicidade de sentir a chuva no rosto ou um entardecer nas montanhas ou no horizonte do oceano?

Isoladas e rasas nos relacionamentos humanos, tendo como companheira em muitos momentos deste percurso e sobretudo no final da vida, a inclemente solidão.

Vi muitas vezes que os homens ficam neuróticos quando se contentam com respostas insuficientes ou falsas às questões da vida. Procuram situação, casamento, reputação, sucesso exterior e dinheiro; mas permanecem neuróticos e infelizes, mesmo quando atingem o que buscavam. Essas pessoas sofrem, frequentemente, de uma grande limitação do espírito. Sua vida não tem conteúdo suficiente, não tem sentido. Quando podem expandir-se numa personalidade mais vasta, a neurose em geral cessa. Por esse motivo a ideia de desenvolvimento, de evolução tem desde o início, segundo me parece, a maior importância. (JUNG, 2006, pp. 174-175)

Somando com o autor:

Eu vi a terra do amor prometido.
 Eu vi o brilho do sol sobre aquela terra.
 Eu vi as matas verdes, os vinhedos amarelos e as aldeias das pessoas.
 Eu vi as montanhas elevando-se ao céu com os campos suspensos do filho eterno.
 Eu vi a fertilidade e a felicidade da terra.
 Mas em lugar nenhum vi a felicidade das pessoas.
 (JUNG, 2012a, p. 345)

A vida em seu percurso é repleta, permeada por significados, mistérios e desconhecidos muitas vezes atingíveis e por outras, inalcançáveis e indecifráveis. Portanto, vai valer e de modo salutar por toda extensão da existência o envolvimento com os acontecimentos e tão somente que ocorrem durante o trajeto.

[...] Só quando comecei a pintar as mandalas vi que o caminho que seria necessário percorrer e cada passo que devia dar, tudo convergia para um dado ponto, o do centro. [...] e que é a expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz ao centro, à individuação. (JUNG, 2006, p. 233)

O processo de individuação só ocorre quando o indivíduo se relaciona não só com o inconsciente como com outra pessoa. Neste processo, é ter a capacidade de engajar-se no coletivo, reconhecendo as diversas vozes que atravessam durante o diálogo entre duas pessoas e inclusive as da sociedade em seu conjunto cultural.

O individualista só pensa em si, revestido de um enredo de defesas que dificulta em muito admitir estes diálogos, posto que a individuação é uma atitude ética com o outro.

O Si-mesmo é um paradoxo: aquilo que mais sou e aquilo que menos sou. Abrir mão da centralidade em si é considerar sempre o outro, é a interpessoalidade.

Caminhando, saberá. Andando, o indivíduo configura o seu caminhar. Cria formas, dentro de si e em redor de si. E assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, cada indivíduo se procura nas formas de seu fazer, nas formas de seu viver. Chegará a seu destino. Encontrando, saberá o que buscou. (OSTROWER, 1987, p. 76)

Agregando com Jung (2006, p. 345): “[...] Porque assim há um eu que resiste, que suporta a verdade e que está à altura do mundo e do destino. Então uma derrota pode ser ao mesmo tempo uma vitória”.

O processo de individuação é inesgotável, é uma disposição para ouvir outros discursos. Não é evolução no sentido da palavra. Individualizar é lançar-se. Não é qualquer indivíduo que tem disposição de ter atitude crítica e se questionar verdadeiramente.

[...] Assim, a idade avançada é... uma limitação, um estreitamento. E, no entanto, acrescentou em mim tantas coisas: as plantas, os animais, as nuvens, o dia e a noite e o eterno no homem. Quanto mais se acentuou a incerteza em relação a mim mesmo, mais aumentou meu sentimento de parentesco com as coisas. Sim, é como se essa estranheza que há tanto tempo me separava do mundo tivesse agora se interiorizado, revelando-me uma dimensão desconhecida e inesperada de mim mesmo. (JUNG, 2006, p. 413)

Conciliando ainda com Jung (2013c, p. 357): “[...] Mas não devemos esquecer que só bem pouquíssimas pessoas são artistas da vida, e que a arte de viver é a mais sublime e a mais rara de todas as artes”.

Como na individuação, o processo de enlutamento implica estar em contato consigo, investigar as manifestações inconscientes em conjunto com as capacidades da consciência. A psique pode ser considerada como a cartografia

sem finitude. Propicia ao indivíduo elaborar mapas de localização e orientações originários das explorações desde as origens de sua existência em seu território pessoal e coletivo para expandir no mundo.

O fato de Jung haver investigado os labirintos do inconsciente como ninguém ainda tinha feito poderá levar o estudioso desatento à ideia errônea de que o consciente é pouco valorizado na psicologia junguiana. Seria grave engano. Quanto mais profundamente Jung penetrava nas distantes regiões do inconsciente coletivo, mais lhe parecia essencial a função da consciência. (SILVEIRA, 2015, p.115)

De acordo com Stein (2006, p. 12): “Um modo de nos familiarizarmos com a psique consiste em estudar os mapas que esses grandes pioneiros traçaram dela e colocaram à nossa disposição”.

Ainda concordante com o autor:

Em suas obras, podemos encontrar muitos pontos de orientação para nós próprios, e talvez sejamos também estimulados a realizar investigações adicionais e a fazer novas descobertas. [...] como são todas as primeiras tentativas de mapear territórios desconhecidos —, ainda pode ser de grande proveito para aqueles que querem penetrar no espaço interior, o mundo da psique, e não ficar completamente perdidos no caminho. (STEIN, 2006, pp. 12-13)

Na trajetória de nascente e poente considera-se como dois polos da existência humana, nascimento e morte transitando nas etapas da infância, da idade adulta, da idade adulta intermediária e a última fase da vida, a velhice. Como o percurso do sol: muitas vezes não ocorre em céus límpidos, mantendo sua propriedade e essência perpassará ainda assim, mesmo que ofuscado por nevoeiros e tempestades, ressurgirá no crepúsculo em sua robustez.

Segundo Staude (1981, p. 118): “Jung comparava o ciclo da vida com o arco que o sol parece descrever no horizonte durante o curso do dia”.

Completando com Jung, sobre a necessidade dos encontros destas fases que marcarão o percurso existencial do indivíduo em sua dialética com a psique e o reencontro com a alma:

Minha alma, onde estás? Tu me escutas? Eu falo e clamo a ti — estás aqui? Eu voltei, estou novamente aqui — eu sacudi de meus pés o pó de todos os países e vim a ti, estou contigo; após longos anos de peregrinação voltei novamente a ti. Devo contar-te tudo o que vi, vivenciei, absorvei em mim? Ou não queres ouvir nada de todo aquele turbilhão de vida e do mundo? Mas uma coisa precisas saber: uma coisa eu aprendi que a gente deve viver esta vida.

[...] Que calor de alegria rever-te, minha alma muito tempo renegada! A vida reconduziu-me a ti. Vamos agradecer à vida o fato de eu ter vivido, todas as horas felizes e tristes, toda alegria e todo sofrimento. Minha alma, contigo deve continuar minha viagem. (JUNG, 2012a, p. 232)

3.1 Morte e Severina: uma abordagem crítica

A vida desde o início até o fim é um vasto caminho de aprendizagem, frisada por circunstâncias e significativos encontros, desencontros e reencontros na existência do indivíduo, independente das inquietantes perguntas em busca de respostas absolutas. O contexto de pessoas, lugares e coisas é um processo contínuo de mudanças.

“Examine as pessoas a seu redor e você...
As ouvirá falar em termos precisos a respeito
De si mesmas e de seu meio, o que
poderia parecer indicar terem elas ideias
sobre o assunto. Mas ponha-se a analisar
tais ideias e verificará que nem de longe
refletem de alguma maneira a realidade à
qual aparentemente se referem, e se você se
aprofundar descobrirá que nem há sequer uma tentativa de
ajustar essas ideias à realidade.
Bem pelo contrário: por meio desses conceitos
o indivíduo está tentando cortar qualquer
possibilidade de visão pessoal da realidade,
de sua própria vida. Pois a vida é no
começo um caos no qual a pessoa se acha perdida.
O indivíduo desconfia disso, porém tem medo
De ver-se face a face com tão terrível realidade
E procura ocultá-la com uma cortina de fantasia,
Onde tudo está claro. Não o preocupa se
Suas “ideias” não são verdadeiras, pois ele as emprega
como trincheiras para a defesa de sua existência,
como espantalhos para afugentar a realidade.

JOSÉ ORTEGA Y GASSET ¹” (BECKER, 197-?, p. 67)

Ao que confere o eixo paterno e materno, pilares imprescindíveis com designações e magnitude delinearão o desenvolvimento e percurso do indivíduo.

Muitas famílias fragmentam, desagregam e soçobram quando um destes elos não mais está presente fisicamente. O distanciamento e o silêncio fortalecem a angústia de forma paralisante, suscitando barreiras e desfiladeiros nos relacionamentos. Mesmo famílias com a historicidade da figura do pai ou mãe

presente, tamanho é o vazio e a inadequação de lidar com o que emerge e, conseqüentemente, também podem sofrer fortes alterações erosivas em todos os campos da vida.

[...] São muitos — muitíssimos — os aspectos da vida que poderiam ser igualmente vividos, mas jazem no depósito de velharias, em meio a lembranças recobertas de pó; muitas vezes, no entanto, são brasas que continuam acesas por baixo de cinzas amarelecidas. (JUNG, 2013c, p. 351)

É natural esgueirar e buscar válvulas de escapes para anestesiá-la a dor do luto, como o uso de drogas ou medicações sem acompanhamento profissional competente, podendo até desenvolver patologias físicas e mentais. A contraposição com esta realidade irá definir o modo de relacionamento com o outro e no mundo.

Os valores participam do nosso diálogo com a vida. Nos possíveis relacionamentos que estabelecemos e nas possíveis ordenações dos fenômenos, nas incertezas que inevitavelmente acompanham as opções, decisões, ações, nos conflitos que nos possam causar ou nas alegrias, as coisas se definem para nós a partir de avaliações internas. (OSTROWER, 1987, p. 101)

A experiência da morte envolta em seus mistérios e complexidade factual no primeiro momento é algo aterrador e angustiante já no imaginário. No instante em que há a vivência de algo que parte, a alma e o corpo são invadidos e impactados com uma dor indecifrável em sua expressão. Neste complexo de opostos experimenta-se olhar para sua própria morte através da morte do outro.

O que mantém o vínculo são dezenas de fios invisíveis que ligam uma pessoa à outra através dos anos; fios fabricados por segredos compartilhados, promessas cumpridas, ombros para se encostar... Um mundo feito, mais do que tudo, de corações que se escutam, racham, quebram e voltam a colar. (MATARAZZO, 1996, p. 45)

A morte é uma experiência singular e tem uma representação particular para cada indivíduo nos aspectos subjetivo, social e cultural. Muitos profissionais lidam diretamente com a morte nos campos da Psicologia, Medicina entre outros. Portanto, requer toda uma capacitação psíquica, atrelada a uma significativa base de cunho científico teórico e prático para lidar com tema de múltipla complexidade.

As poderosas forças do inconsciente manifestam-se não apenas no material clínico, mas também no mitológico, no religioso, no artístico e em todas as outras atividades culturais por meio das quais o homem se expressa. (JUNG, 2008, p. 419)

É de suma importância o profissional estar em contínua aprendizagem de conhecimentos tão complexos que envolvem a existência humana. Muitos

acomodam-se com um olhar onipotente sobre sua competência em relação aos indivíduos que atendem, e até mesmo com aqueles que compõem uma equipe multiprofissional.

Hoje, nosso poder aumentou, a Morte foi definida como a inimiga a ser derrotada, fomos possuídos pela fantasia onipotente de nos livrarmos de seu toque. Com isso, tornamos surdos às lições que ela pode nos ensinar. (CASSORLA, (Org.), 1991, p. 15)

Complementando com o autor, sobre a gravidade das perturbações que podem atingir os relacionamentos, muitas vezes, causando verdadeiros desastres psíquicos:

O erro mais pernicioso que muitos aconselhadores cometem é tentar encaixar o aconselhando à força dentro de um tipo específico – geralmente o tipo a que ele mesmo pertence. [...] Consequentemente, tem a tendência de projetar seus padrões sobre o aconselhando, violando assim a autonomia de sua individualidade. (MAY, 2013, p. 24)

Adicionando ainda com a noção de Simonton, Matthews-Simonton e Creighton, (1987, p. 215): “A ‘salvação’ pode parecer que você está ajudando alguém, quando na realidade está reforçando a fraqueza e impotência da pessoa”.

Na Psicologia, além do processo analítico que ocorre na clínica, há o evento da morte trazido pelo analisando, acrescido de todo processo necessário para desenvolver o caminho do enlutamento. O profissional adequado é aquele que consegue lidar com suas próprias mortes, ancorado pelos aspectos intrínsecos sociais e culturais deste fenômeno.

Consoante Shamdasani (2014, p. 100): “A tarefa de análise para Jung era uma tarefa de possibilitar a um indivíduo descer ao seu próprio inferno, confrontar-se com ele, e retornar”.

Em conformidade com Jung:

É um engano acreditar que o inconsciente é inofensivo e pode ser utilizado como objeto de jogos sociais. Não é em toda e qualquer circunstância que o inconsciente se mostra perigoso, não resta dúvida, mas cada vez que se manifesta uma neurose, é sinal de que há no inconsciente um acúmulo especial de energia, uma espécie de carga, que pode explodir. Aí todo cuidado é pouco. (JUNG, 2011, p. 126)

O inconsciente é desumano, tendo como uma das características de sua natureza bastar-se em si mesmo.

Para Jung (1987, p. 91): “[...] O que cai no inconsciente é nele retido, quer a consciência sofra com isso ou não. Esta última pode padecer de frio e fome, enquanto no inconsciente tudo viça e floresce”.

Concordante ainda com o autor:

Mesmo aquele que adquire uma certa compreensão das imagens do inconsciente, acreditando, porém, que é suficiente ater-se a tal saber, torna-se vítima de um erro perigoso. Pois quem não sente a responsabilidade ética que seus conhecimentos comportam, sucumbirá ao princípio do poder. [...] Sua incompreensão, assim como a falta de sentido da responsabilidade ética privam a existência de sua totalidade e conferem a muitas vidas individuais um cunho de penosa fragmentação. (JUNG, 2006, pp. 229-230)

Torna-se louvável e condição indispensável buscar o suporte apropriado de outro profissional especializado para administrar com sabedoria as interlocuções dos campos da consciência e inconsciente de si mesmo e dos indivíduos que atende na esfera clínica.

De acordo com Storr (1984, p. 104): “Jung foi o primeiro a insistir em que o próprio analista seja também analisado.

[...] a qualidade essencial é “o insight inato que se tem da alma humana – antes de mais nada das camadas inconscientes de sua própria alma – aliado ao treinamento prático”¹. [...] Ver os outros através dos preconceitos pessoais – esta propensão do ego é o pior obstáculo na personalidade do aconselhador. (MAY, 2013, p. 140)

Ainda em harmonia com o autor:

Fora de qualquer questionamento, seria uma medida sábia se o aconselhador fosse analisado por um psicoterapeuta. Essa análise de sua personalidade frente a uma outra proporcionar-lhe-ia uma compreensão valiosíssima de si mesmo, o que o auxiliaria enormemente no aconselhamento dos outros com eficiência. (MAY, p. 141)

A grande travessia em todos os âmbitos internos e externos, o diálogo entre o inconsciente e o consciente, que deve ser fluente, mas temida por muitos indivíduos, é o processo de individuação. Não é para todos, requer habilidades e maturidade cognitiva. Outros não alcançam por questões de determinadas desordens psíquicas.

[...] “Como se desdobra o processo de individuação no caso de pessoas que não sabem nada de psicologia, no caso das assim chamadas pessoas normais ou, melhor ‘simples’? [...] É possível que no caso dessas pessoas esse processo tenda a se realizar através de determinadas experiências, atitudes e símbolos coletivos?”. (JUNG, 2014c, p. 38)

É a fundação da existência e da compreensão nos processos conscientes, em acordo com as manifestações do inconsciente. A natureza é sábia em seus ensinamentos.

[...] O processo de individuação é aquilo de que todo ser é capaz. Quando enfiamos uma glândula na terra, nasce um carvalho e, quando um tigre tem um filhote, então teremos um novo tigre e não uma alface. O processo de individuação é um processo natural que ocorre em qualquer lugar e, se o Sr. desejar estudá-lo em sua simplicidade natural, vá até os primitivos e verá o processo de individuação belamente em flor. (JUNG, 2014c, p.38)

Há um momento na existência que a psique clama o ego para voltar-se para si. Revolver a fundo as verdades que por ora eram procuradas no mundo exterior, que, por sua vez, preenchiam de maneira efêmera os vazios constantes.

Olhar para si por intermédio do outro é um processo doloroso. O outro é o espelho dos ocultos em cada indivíduo. Reconhecer esta máxima, já é o início de perceber as projeções e olhar para si por meio do outro, fundamentalmente com respeito. A individuação é um ato de altruísmo e generosidade.

A maioria esmagadora dos homens é incapaz de colocar-se individualmente na alma do outro. Esta é uma arte rara, que não nos leva muito longe. Quando pensamos entender alguém, melhor do que os outros, com a confirmação espontânea dessa pessoa, mesmo assim devemos confessar: no fundo, esse alguém é-nos *estranho*. É o *outro*. O melhor que podemos fazer é acolher essa leve ideia de uma alteridade, respeitá-la e evitar a grande estupidez de querer explicá-la. (JUNG, 1987, p. 96)

A individuação é da ordem do impossível, conseguir abrir mão do que mais quero em prol do coletivo. Individuação é hospedar o outro com hospitalidade.

O inconsciente é como um lugar repleto de pessoas, quanto mais democrático o indivíduo for com essas pessoas, mais profundo será o processo de individuação. Deste modo, evidenciando claramente o desenvolvimento de aceitação do indivíduo e das particularidades do outro.

Aquele que busca individuar-se não tem a mínima pretensão a tornar-se perfeito. Ele visa *completar-se*, o que é muito diferente. E para completar-se terá de aceitar o fardo de conviver conscientemente com tendências opostas, irreconciliáveis, inerentes à sua natureza, tragam estas as conotações de bem ou de mal, sejam escuras ou claras. (SILVEIRA, 1997, p. 78)

Somando com Boeira (2004, p. 42): "[...] a aceitação de nossas experiências felizes implica na aceitação de nossas infelicidades, pois a aceitação de qualquer parcela de nossa existência supõe a aceitação de toda a nossa existência".

Para Jung, a função transcendente é um processo natural tanto quanto o é no processo de individuação. Esta função cria uma passagem de uma atitude para outra nos vínculos entre elementos conscientes e inconscientes, reais e imaginários, e, une os opostos em seus processos de formação simbólica. Destina-se para conectar os opostos em conflitos no mundo interno do indivíduo. Manifesta-se por meio do símbolo e proporciona ao ego de ausentar-se do conflito temporariamente, sem causar prejuízos no processo de individuação do indivíduo. Por conseguinte, o indivíduo torna-se um ser coerente com a sua demanda interna, sem perder de vista a busca desta prática no cotidiano.

Quando conseguimos estabelecer a denominada função transcendente, suprime-se a desunião com o inconsciente e então o seu lado favorável nos sorri. A partir desse momento, o inconsciente nos dá todo o apoio e estímulo que uma natureza bondosa pode dar ao homem em generosa abundância. [...] Cada qual pode conquistar o que necessita, à sua maneira e em sua própria linguagem. (JUNG, 2011, pp. 128-129)

O indivíduo inicia um novo caminho construindo no convívio com o outro, alicerçado nos mais completos requisitos coletivos do ser humano. Cada vez que alvorece a sua jornada, empreende em um novo nível e regressa com um renovado tesouro e atualizadas habilidades transformativas também nas relações com os objetos.

Viver no cotidiano entranhando no mundo contido da figura do pai que se foi, da história que teve seu término com o evento da morte nesta paridade e que a continuidade configurará uma complexa trajetória de detalhamento de uma história densamente vivida e carregada de experiências com a presença marcante do pai, hoje registrada nas lembranças, nas cartas deixadas, nas fotografias, nos vídeos e nos objetos.

Reluzir este patrimônio como ponto crucial para prosseguir e dar continuidade de maneira fluida ao contínuo processo de transformação e significações na vida e no mundo.

Quando aceitas a morte em ti, isto é, como uma noite de amadurecimento e um pressentimento medroso, mas é uma noite de amadurecimento numa vinha, carregada de uvas doces.⁷⁶ Em breve te alegrarás com tua riqueza. A morte amadurece. Precisamos da morte para poder colher frutos. Sem a morte, a vida não tem sentido, pois o prolongamento anula de novo a si mesmo e nega seu próprio sentido. Para ser e gozar de teu ser, precisas da morte, e a limitação faz com que possas realizar teu ser. (JUNG, 2012a, p. 275)

Atualmente, as muitas pessoas passam pela vida alheias aos eventos no dia a dia. Desperdiçam oportunidades para o autoconhecimento mediante o convívio com o outro. Para desfrutar e compartilhar vivências nestes encontros de maneiras consistentes e duradouras.

O mundo virtual apresenta, por vezes, características de aprisionamento e distanciamento de uma intimidade afetiva mais profunda nos relacionamentos.

[...] As relações afetivas são relações de desejo e de exigências, carregadas de constrangimento e servidão: espera-se sempre alguma coisa do outro, motivo pelo qual este e nós mesmos perdemos a liberdade. (JUNG, 2006, p. 344)

O olhar do indivíduo parece ter perdido o deleite da amplidão de si e do mundo. Tornou-se corriqueiro nos shows musicais a plateia assistir praticamente toda apresentação estreitada pelas telas dos celulares. Também nas inúmeras fotografias que o indivíduo tira de si mesmo, intencionando registrar os momentos, muitas vezes sem apreciação ou por questões ainda de um ego inflado ou em deflação.

O que importa é o que se renova, e como tudo se renova a cada instante, as velhas imagens, aquelas registradas alguns minutos antes, perdem seu valor de captar o interesse do olhar. A volúpia do captar e registrar o eternamente novo toma conta do hábito de fotografar. O olhar, a memória e a narrativa vivem um grande dilema na atualidade. (GOUVÊA, (Org.), 2008, p. 272)

Adicionando com Jung (2012a, p. 239): “Profundeza e superfície devem misturar-se para que surja nova vida, mas a nova vida não nasce fora de nós, e sim dentro de nós”.

Atualmente, o indivíduo vem construindo couraças e subterfúgios para escapar da realidade dos ciclos da vida e da morte. Presos em dogmas que

petrificam e fecha-se em seu mundo, indisponível para a entrada de novas ideias e desenvolver reformulações para um fluir mais suave em sua caminhada existencial.

Há uma velha lenda, muito bela, de um rabino a quem um aluno, em visita, pergunta: “Rabbi, outrora havia homens que viam Deus face a face; por que não acontece mais isso? ” O rabino respondeu: “Porque ninguém mais, hoje em dia, é capaz de inclinar-se suficientemente”. É preciso, com efeito, curvar-se muito para beber no rio.

A diferença entre a maioria dos homens e eu, reside no fato de que em mim as “paredes divisórias” são transparentes. É uma particularidade minha. Nos outros, elas são muitas vezes tão espessas, que lhes impedem a visão; eles pensam, por isso, que não há nada do outro lado. Sou capaz de perceber, até certo ponto, os processos que se desenvolvem no segundo plano; isso me dá segurança interior. Quem nada vê não tem segurança, não pode tirar conclusão alguma, ou não confia em suas conclusões. Ignoro o que determinou a minha faculdade de perceber o fluxo da vida. Talvez tenha sido o próprio inconsciente, talvez os meus sonhos precoces, que desde o início marcaram meu caminho. (JUNG, 2006, pp. 409-410)

CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos o assunto da morte nas suas acepções desde o deslumbramento ao estarecimento despertados e discutidos ao longo dos contextos histórico-sociais das civilizações até os dias contemporâneos. A maneira em que o indivíduo manifesta seu percurso existencial diante dos escrúpulos apresentados nas culturas e como lida em suas instâncias psíquicas para o enfrentamento ou evasão da irrevogável realidade dos ciclos de vida e morte, ou seja, sua própria mortalidade e a do outro.

Nesta mesma dinâmica, cada indivíduo configura sua trajetória com suas particularidades mediante as inferências respeitantes à morte e no processo de enlutamento, consoante suas crenças e cultura em que está inserido. A morte e o luto são munidos de incomensuráveis significações nas diversidades culturais entremeadas pelos rituais e simbólicos de acordo com os fenômenos de cada época.

O presente trabalho concatena os significados da morte e do luto com o aprofundamento nos estudos da Psicologia, da Filosofia, da Mitologia e da Arte. Articula sob o prisma da universalidade da morte como um ganho na humanidade e o quão é vivenciada como fenômeno substancial para cada tipo de aprendizado na jornada humana.

A complexidade deste tema e da contingência do conhecimento humano em relação a sua existência com infindas explicações, muitas vezes buscando respostas absolutas. Provoca a criação deste trabalho norteado pelas noções de Jung afinadas com outros autores sobre a morte e o luto. Aponta as ações do diálogo entre a consciência e as manifestações ilimitadas do inconsciente, na busca de intermediação dos opostos, aceitação e compreensão destas oposições sem invalidar a diversidade inerente a heterogeneidade da natureza humana.

As noções elementares destas abordagens demonstram a coesão das funções da psique ao que é apresentado nas concepções desde o primórdio da

humanidade ao mundo atual. Além disso, esta produção realiza pelo cunho da narrativa literária, a expansão do entendimento nos movimentos do indivíduo em relação vida e morte. Indaga uma necessária revisão de seus conceitos e utiliza a arte como chave a fim de desenvolver suas habilidades criativas para transferir novos e outros sentidos nos ciclos vitais de sua existência.

Nesta monografia é apresentado como as civilizações construíram conceitos sobre a ideia de morte, a maneira como é recebida ou abominada sob a perspectiva individual e coletiva nos acontecimentos retratados pelas guerras, doenças e o processo natural da vida e morte do ser humano. A vastidão dos sortidos estudos por toda a extensão histórica e cultural no que concerne a existência humana individual, na constituição da família e caminhos do enlutamento pela arte em lidar com as etapas oriundas da vida e da morte como uma unidade indissolúvel.

A constelação familiar é exibida com os conceitos de Jung e outros importantes autores para explicar os fenômenos psíquicos e atitudes na formação da personalidade do indivíduo. Descreve a construção e a interação do indivíduo com suas peculiaridades na esfera coletiva familiar. Como elabora ou fragmenta seus papéis sociais; pai, mãe e filho. A forma que intermedia com os arquétipos e outras funções conscientes e inconscientes da psique. E, o modo como são estabelecidos e refletidos seus aspectos construtivos e destrutivos neste cenário com os outros elos parentais desde os idos das sociedades até os dias atuais.

A figura do pai e a reciprocidade como pilar imprescindível na construção dos relacionamentos interpessoais. A importância desta correspondência em vida e as resultantes após a ruptura física com a morte de um elo amado. A compreensão e conjugação sobre os pares de opostos da vida e da morte, formando uma terceira via de comunicação e transcendente nesta interdependência da vinculação paterna. Nesta dimensão articula a história da figura de pai com a própria do indivíduo e da continuidade com as atualizações simbólicas e atitudes criativas e espontâneas.

Os conteúdos registrados na memória, emergindo pelas lembranças e sonhos, ativando a imaginação carregada de emoções para conciliar a expressividade inconsciente com a consciência para desfrutar a vida pelo manuseio da arte.

O caminho do enlutamento é repleto de eventos psíquicos no indivíduo enlutado com significativas modificações abarrotadas de afetos, muitas danosas tanto para o indivíduo quanto para o coletivo. O indivíduo perpassa pelas fases naturais do luto com possibilidades de construir de modo adequado uma vida fluida nesta imensa dor ou literalmente estagnar-se e desenvolver patologias psíquicas e físicas, algumas delas fatais. A consciência de que em meio as pluralidades encontradas nas crenças individuais e coletivas, o indivíduo pode encontrar no luto, um lugar da arte concomitante com a narrativa literária. A utilização destes saberes na dialética entre a psique e a matéria para dar vazão a sua criatividade nesta nova jornada de seguimento da vida.

A narrativa literária atrelada a Psicologia, pontua a morte e o luto como fatos inevitáveis na existência humana. As apropriadas abordagens e profissionais acatam a importância de o indivíduo estar no eixo de si mesmo para evitar verdadeiros desastres psíquicos em si e no outro. É imprescindível que, diante os argumentos expostos, o indivíduo possa harmonizar seus campos conscientes e inconscientes, engrandecendo atitudes éticas e altruístas pelo espelhamento nos relacionamentos interpessoais neste processo de individuação. Logo, novos caminhos podem ser construídos neste processo de aprendizagem, essencialmente fortalecendo o respeito as singularidades de cada indivíduo.

Dada à importância do assunto da morte e do luto, da vital conexão do indivíduo consigo, com o outro e a natureza, integrado no contexto em que se vive, novos indicadores surgirão com outras formas de estabelecer-se diante da vida. De manter a terceira margem como mais uma bússola no mapa da alma e seu trajeto pelo mundo. De procurar fluir como a água do rio que impulsiona o movimento, que provoca o deslocamento para o seguimento das reedições da história pessoal e interpessoal. Sempre avante e, é patente neste campo responsabilizar-se por si mesmo e debruçar o olhar de amparo para além de si

àqueles que ainda não conseguiram retomar suas questões internas, ou seja, resgatar um dos principais e contundentes significados deixados pelas figuras paterna e materna; a parceria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRADE, Maria Lúcia de. **Gaia: o feminino em estado bruto**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2005.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. São Paulo: Círculo do Livro, 197-?.

BERRY, Nicole. **O sentimento de identidade**. São Paulo: Escuta, 1991.

BOEIRA, Nelson. **Nietzsche**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRAGA, Hermide Menquini. **O sagrado e o profano em Morte e Vida Severina**. São Paulo: Zouk, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Volume I, 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.

_____. **Mitologia Grega**. Volume II, 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000b.

BRUN, Gladis. **Pais, filhos & Cia ilimitada**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CASSORLA, Roosevelt M. S. (Org.) **Da morte: Estudos Brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (Org.).
Psicologia e povos indígenas. São Paulo: CRPSP, 2010.

FRANCO, Maria Helena Pereira [et al.]. **Vida e Morte: laços da existência,** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FIGUEIREDO, Alda de Moura Macedo. **Manto da apresentação: Arthur Bispo do Rosário em diálogo com Deus.** Niterói: UFF, 2012.

GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. (Org.). **Imaginário e estética: da arte de fazer psicologia, comunicação e cinema.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud / Ed. PUC-Rio / FAPERJ, 2008.

_____. **Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia.** São Paulo: Summus, 1989.

HALL, James A. **Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática.** São Paulo: Cultrix, 2007.

HILLMAN, James; SHAMDASANI, Sonu. **Lamento dos Mortos: a psicologia depois de O Livro Vermelho de Jung.** 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOPCKE, Robert H. **Guia para a Obra Completa de C. G. Jung.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e transcendência.** Petrópolis, RJ, Vozes, 2015a.

_____. **Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur;** tradução de Lorena Richter. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015b.

_____. Volume 9/1: **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.

_____. **Seminários sobre Psicologia Analítica (1925)**. Edição original William McGuire; edição revista, introdução e notas adicionais Sonu Shamdasani; tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

_____. **Sobre sonhos e transformações**: sessões de perguntas de Zurique; tradução de Lorena Richter. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014c.

_____. Volume 9/2: **Aion — estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2013a.

_____. Volume 8/1: **A energia psíquica**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2013b.

_____. Volume 8/2: **A natureza da psique**. 10. ed. Petrópolis, Vozes, 2013c.

_____. Volume 17: **O desenvolvimento da personalidade**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013d.

_____. Volume 15: **O espírito na arte e na ciência**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013e.

_____. Volume 6: **Tipos psicológicos**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013f.

_____. **Livro Vermelho: Liber Novus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. Volume 11/1: **Psicologia e Religião**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2012b.

_____. Volume 7/1: **Psicologia do inconsciente**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **O homem e seus símbolos**. - 2. ed. especial. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. Volume X/3: **Civilização em transição**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2007.

_____. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. Volume VII/2: **O Eu e o Inconsciente**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

_____. Volume XI/3: **O Símbolo da transformação na missa**. Petrópolis: Vozes, 1979.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**, 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MAY, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico**; tradução de Wayne Tobelen dos Santos e Hipólito Martendal. 19. ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

MATARAZZO, Maria Helena. **Encontros, desencontros & reencontros**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. 2. ed. Rio de Janeiro, Automática: Holos Consultores Associados, 2015.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina; e, Outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Seleção de textos Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.

SAMUELS, A. [et al.]. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SHAMDASANI, Sonu. **C.G. Jung: uma biografia em livros**. Petrópolis, RJ: Vozes 2014.

_____. **Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2005.

SHOOK, Kerry & SHOOK, Chris. **Um mês para viver: Trinta dias para uma vida sem arrependimentos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

_____. **Jung: vida e obra**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SIMONTON, O. Carl [et al.]. **Com a vida de novo: uma abordagem de auto-ajuda para pacientes com câncer**. São Paulo: Summus, 1987.

STAUDE, John-Raphael. **O desenvolvimento adulto de C. G. Jung**,
Cultrix, 1981.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. 5. ed. São
Paulo: Cultrix, 2006.

STORR, Anthony. **As ideias de Jung**. São Paulo: Cultrix, 1984.

ZOJA, Luigi. **O Pai: história e psicologia de uma espécie em extinção**.
São Paulo: Axis Mundi, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARCELLOS, Gustavo. **Psique e imagem: estudos de psicologia arquetípica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARRETO, Marco Heleno. **Pensar Jung**. São Paulo: Edições Loyola: Paulus, 2012.

CAROTENUTO, Aldo. **Diário de uma secreta simetria: Sabina Spielrein entre Jung e Freud**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Coleção Testemunhos; v. 1)

EDINGER, Edward F., **Anatomia da psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

GOUVÊA, Álvaro de Pinheiro. **A tridimensionalidade da relação analítica**. São Paulo: Cultrix, 1999.

HILLMAN, James. **O pensamento do coração e a alma do mundo**. Campinas, SP: Verus, 2010.

JUNG, Carl Gustav. Vol. XVI/1. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

_____. **O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KAFKA, F. **A metamorfose, Um artista da fome, Carta a meu pai**. Tradução de Pietro Nasseti e Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2001.

PEARSON, Carol S., **O despertar do herói interior: a presença dos doze arquétipos nos processos de autodescoberta e de transformação do mundo**. São Paulo, Pensamento, 1995.

QUINTAES, Marcus. **Letras imaginativas: breves ensaios de psicologia arquetípica**. São Paulo: Paulus, 2011.

ROAUNET, Maria Helena. **A terceira margem do rio em graphic novel**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SSÓ, Ernani. **As lendas urbanas da Morte**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

NOTAS

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. São Paulo, Círculo do Livro, 197-?. p. 67.

Capítulo 4

1. Ortega [y Gasset], *The revolto f the masses* (Nova York, Norton, 1957), págs. 156-157.

JUNG, Carl Gustav. **Livro Vermelho: Liber Novus**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012a. p. 275.

76. C.f. acima, nota de rodapé 20, p. 231.

176. Ibid. p. 95. Num seminário do ano seguinte, Jung ocupou-se com o tema da relação entre as relações individuais e a religião: “Nenhum indivíduo pode existir sem relações individuais, e é assim que é lançado o fundamento da vossa Igreja. As relações individuais estabelecem a forma da Igreja invisível” (*Notes on the Seminar in Analytical Psychology conducted by Dr. C. G. Jung*. Polzeath, Inglaterra, 14-27 de julho de 1923. Organizado pelos membros da classe, p. 82) p.211

MAY, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico**; tradução de Wayne Tobelen dos Santos e Hipólito Martendal. 19. ed. Petrópolis, Vozes, 2013. p. 140.

1. *The Problem of Lay Analyses*, p. 11.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. 2. ed. Rio de Janeiro, Automática: Holos Consultores Associados, 2015.

4. p. 115 Foto Arquivo Nise da Silveira – SAMII.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 20.

4. WORRINGER, W. *Abstracción y natureza*. México: Fondo de Cultura, 1953, p. 19.

5. Ibid., p. 27.

6. Ibid., p. 19.

7. Ibid., p. 31

ANEXOS

Anexo 1

Ilustrando por fim, com um poema na obra de João Cabral de Melo Neto encontrado no livro *Morte e vida Severina* (2007, pp. 91-93), em que ele inicia a vida com a morte com o personagem Severino onde o nascimento de uma criança provoca uma outra visão no enfrentamento de sua dura realidade, árida e seca como sua peregrinação de encontros com a morte, dando novos sentidos na própria vida.

A morte é Severina para todo mundo, está vivo e está morrendo. Ainda que, a morte seja para todos, é possível ampliar a consciência desta realidade de maneira poética e criativa ao longo da existência humana.

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

— O meu nome é Severino,
 não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar
 Severino de Maria;
 como há muitos Severinos
 com mães chamadas Maria;
 fiquei sendo o da Maria
 do finado Zacarias.
 Mas isso ainda diz pouco:

há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir

a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

Anexo 2

Arte no manuseio com argila no processo do enlutamento

